

A primeira viagem determinou o nosso
passado e o nosso presente. Essa é

A SEGUNDA VIAGEM

Walterson F. Caravajal Jr.



Walterson F. Caravajal Jr.

A SEGUNDA
VIAGEM

1ª edição

2021
Editora Itapuca
Niterói – RJ

Copyright © by Walterson F. Caravajal Jr. Todos os direitos desta edição reservados ao autor. Nenhuma parte desta obra pode ser usada em fotocópia, gravação ou meio eletrônico sem autorização do autor, exceto nos casos de resenhas e artigos literários.

Revisão

Neiva Pires da Rosa

Projeto Gráfico e Diagramação

Editora Itapuca

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Caravajal Junior, Walterson F.

A segunda viagem / Walterson F. Caravajal Jr. – 1. ed. – Niterói, RJ:
Editora Itapuca, 2021.

ISBN 978-65-5039-063-1

1. Ficção científica brasileira 2. Filosofia I. Título.
21-85992 CDD-B869.308762

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção científica : Literatura brasileira
B869.308762

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

1ª Edição – 2021

Editora Itapuca – Niterói RJ
contatoitapuca@outlook.com

facebook.com/editoraitapuca
editoraitapuca@yahoo.com
www.editoraitapuca.com.br

Ninguém realiza uma obra sozinho e, assim, toda ajuda é fundamental.

Dedico essa obra à minha mãe, Neiva Pires da Rosa, professora de Língua Portuguesa e que dedicou seu tempo contribuindo com ideias e sugestões, além de ter feito a revisão ortográfica.

Dedico também aos meus filhos Torben, Aline e Martina, longe no espaço, mas próximos do coração.

À minha irmã, Denise, sempre generosa e de espírito realizador.

À minha querida Sandy, pelo incentivo e motivação oferecidos na elaboração dessa obra.

E a meu pai, Walterson Fontoura Caravajal (*in memoriam*), que desde sempre me incentivou no conhecimento científico.

Sumário

Prefácio	9
Reminiscências	11
Os Primeiros Sinais	17
Conversas com Pe. Carlos Sylbertajn	27
Um dia após o outro	31
Um evento para ser esquecido	37
Novos rumos, nova vida	43
Contatos Imediatos	50
O Dia Seguinte	60
Quinze dias estranhos	67
O que fazer?	77
Contatos Imediatos do Terceiro Grau	85
Conversas com o Comandante	95
Um amigo sempre ajuda	106
Um pouco de agonia	108
Uma Pequena Inflexão na História	116
Mundo, oh! Mundo	132
A Disciplina Militar	139
Pequenos reparos do Estado	143
Conversas com o Mestre	147
Questões de Estado	158
Inferências	168
Encontro com o Mestre do Mestre	173
Washington D.C.	182
A Origem do Mal	188
De Volta a Terra	201
Rio de Janeiro	209

Amai-vos uns aos outros 216
Tic-tac, tic-tac 222
Os Preparativos 226
O Dia em que a Terra Parou 232
Um novo começo 245
Nancy Herrera 250
Tempo sem Fim 261

“O que é a Verdade? Onde está a Verdade? Não sabemos...

A Realidade é feita de versões baseadas em Fatos e na nossa Imaginação.

Essa é apenas uma versão da Verdade...”

Prefácio

Ao receber o convite para prefaciar o livro de Walteson F. Caravajal Junior, senti-me honrada e surpresa. Como prefaciar o livro daquele menino que enfeitou meus dias já idos no tempo? O que está acontecendo? O tempo passou e eu não percebi?

Não demorou muito e a resposta veio...

Sim, o tempo passou e te chama para dividir, com os leitores desta obra cheia de perguntas, cheia de mistérios, cheia de poesia, um pouco do autor, o teu afilhado Junior!

Ao tomar conhecimento da obra deste jovem que incursiona por caminhos misteriosos e insondáveis da natureza humana, vi-me cercada por mil lembranças de um menino travesso que aprontava surpresas para quem estivesse ao seu lado: traquinas e engraçado com respostas na ponta da língua já fazendo prever o escritor que trataria as palavras como companheiras no seu dia a dia.

Por algum tempo convivi com essa criança que aprendi a amar como muito meu, mas a vida nos separou e, raramente, nos víamos. Eu, na minha tranquila Porto Alegre e ele, Junior, alçando voos bem mais altos: juventude chegando, metas a serem atingidas, sucesso pessoal e profissional.

E minha admiração crescendo. Mesmo de longe, curti seu sucesso e me orgulhava disso.

O tempo, esse senhor implacável de todos os caminhos, nos afastou, mas eis que de repente, surge o adulto já em sua plenitude emocional e profissional, e me surpreende com um livro sobre crenças, falta de fé, amor, tudo muito bem conduzido por aquele menino que enfeitou meus dias e, hoje, surpreende-me com esses conceitos atrevidos e, por que não dizer, questionadores da fé, do lógico, do sensato, deixando fruir as emoções,

muitas delas represadas pelo agito das obrigações profissionais, mas que brotaram e resultaram nesse instigante “A Segunda Viagem”.

E lá fui eu, entre surpresa e curiosa, me familiarizar com os personagens fantásticos que foram surgindo nas páginas deste estranho e vibrante livro, questionando a diferença entre o bem e o mal, o bom e o ruim, o certo e o errado, emergindo com força total a defender suas crenças...

E a história vai crescendo, levando-nos, com maestria pelo autor, ao mundo misterioso dos anjos, dos deuses, dos céus, do inferno...

Junior, que ótimo que crescestes e te tornaste Walterson F. Caravajal Junior, orgulho de todos os que convivem contigo.

O que deixo aqui e agora neste prefácio que, por honra e amizade, me foi solicitado pelo autor, é um conselho aos leitores: embarquem nessa nave que é o “A Segunda Viagem”!

Sentem ao lado dos personagens, vivenciem suas peripécias, vibrem com suas conquistas e, ao final dessa viagem, sejam surpreendidos com a mensagem deste fantástico livro!

Tenham uma boa segunda viagem!

Gilda Haubert
Poetisa e Membro da Casa do Poeta Rio-Grandense

Capítulo 1

Reminiscências

Desde sempre tive sonhos estranhos. Agora, que sou mais velho, estranhamente lembro-me melhor desses sonhos. Minha mente registrava e reprocessava minhas experiências do dia a dia, assim como os sentimentos que essas experiências evocavam. Mas como os sonhos têm o poder de tornar tudo verossímil, poucas coisas me assustavam. Era perfeitamente normal repetir a física dos desenhos animados, onde o Coiote continua correndo no ar até que percebe que ultrapassou o abismo, e só então, cai como uma rocha.

Lembro-me de um sonho onde minha família, que na época tinha um Fusca, ultrapassou esse penhasco e caiu em linha reta. E eu, ávido de salvar a todos, pulei do carro, caí mais rápido do que a Lei da Gravidade permite, cavei um buraco em segundos, de onde brotou a água que amorteceu a queda, e todos se salvaram.

Tudo muito natural... Qualquer um que tenha morado perto da praia sabe que se cavar um buraco na areia, perto do mar, brota água. E todo mundo sabe que a física dos desenhos animados representa a mais pura verdade para qualquer criança. Misture isso no mundo dos sonhos e tudo faz sentido.

Nunca poderia imaginar aonde isso iria me levar, e nem as consequências. Afinal, de que matéria são constituídos os sonhos? São apenas a interação de sinapses neurais que misturam elementos da experiência aleatoriamente? Haveria alguma coisa superior agindo em nossos sonhos? Alguma coisa fora do ambiente do nosso cérebro e suas sensações e percepções? Sempre achei que não e continuo achando. Mas algumas vezes parece que sim... Tenho, desde há algum tempo, o hábito de registrar meus sonhos na tentativa de encontrar um padrão. Isso não é fácil. Quando analiso meus escritos sobre os sonhos, observo que são a mistura

de fragmentos de memórias antigas, memórias recentes e elementos novos que meu cérebro produziu. Assim, revejo uma menina por quem fui apaixonado no fim da infância, em um zoológico que nunca estive, tentando dar o beijo que esperava dar. As emoções são idênticas como se realidade fossem. A tensão do “vai dar certo dessa vez, ou não?” é a mesma. Nunca consegui dar aquele beijo, nem em sonhos.

Tive uma existência normal. Sempre gostei de esportes, o que me rendeu um corpo saudável. Sou filho de pais “normais” em um lar “normal”, seja lá o que isso queira dizer. Meu pai é um economista bem sucedido em sua vida profissional, e minha mãe uma professora de Literatura Portuguesa. Essa origem foi de grande ajuda no estímulo à leitura sobre quase todos os assuntos. Por razões dessas coisas da moda da época, não era elegante ocupar a sala de estar com coisas que não fossem o essencial para receber visitas. Assim, todo esse “não-essencial” foi parar em outro cômodo, o meu quarto. Todos os livros, que eram muitos, incluindo a Enciclopédia Delta Larousse, e quase todos os best-sellers da época estavam ao alcance de minhas mãos e de minha curiosidade. Lá estavam também os aparelhos de som, um gravador de rolo Grundig, um toca-discos de vinil da Philips e a televisão. Era meu paraíso particular.

Poucas coisas me davam, e ainda me dão, tanto prazer quanto fechar a porta do quarto e ouvir *The Dark Side of the Moon*, do Pink Floyd, a todo volume. Era como um êxtase pessoal ouvir “*The Great Gig in the Sky*”. Sempre me perguntava como era possível brotar de dentro de uma mente uma melodia tão espetacular, que praticamente não tem palavras, exceto bem no começo, e aquilo tocar tão profundamente a alma de tantas pessoas. Pensava, e ainda penso, sobre o processo criativo da arte, da música.

Como o criador desse conjunto de sons poderia saber, antes, que aquilo iria atingir as pessoas em suas emoções mais recônditas, sem ter uma fórmula que o guiasse? Será que já tinha a fórmula inscrita em seu inconsciente e apenas não sabia? Será que já veio pronta, ou teve apenas um “insight” do plano geral da música e depois deu seus retoques conscientes? Ainda não sei.

Também desde sempre me perguntei como se estabelecia a diferença entre o Bem e o Mal, o Bom e o Ruim, e o Certo e o Errado. Tive as mais variadas respostas possíveis. A mais corriqueira era que a resposta estava em Deus, na Bíblia. Muito justo, em um país predominantemente católico,

pouco afeito à Ciência ou Filosofia. Mas desde cedo isso não me bastava. Como tinha a alternativa da nossa razoável biblioteca, li várias vezes os mesmos livros, incluindo a mencionada Enciclopédia Delta Larousse. Isso me permitiu saber, desde cedo, que existia mais de uma maneira de enxergar o mundo, além de me ser atribuída uma memória superior, mas não era o caso. Minha “técnica” era a da mera repetição. Se você é jovem e lê as mesmas coisas várias vezes, uma boa parte disso fica sedimentada em sua mente e você, simplesmente, se lembra. Valendo o mesmo para as músicas que ouve repetidamente em qualquer idioma.

Ainda no campo de entender sobre as diferenças, em algum momento, não me lembro se decidi isso sozinho ou se foi influência de alguém, aprendi que uma boa maneira é analisar por comparação.

Matar alguém é errado? Em princípio, sim. Mas em algumas circunstâncias pode ser a coisa certa. Meu pai, que além de economista, era também formado em Direito, falava sobre o “Estado de Necessidade”, em que a morte de outro era de alguma maneira justificável. Ou, em que circunstância é imperativo atribuir valor à vida, quando se é exposto ao dilema de uma vida para salvar dez, como pode acontecer em uma guerra ou em um navio afundando.

Sentir inveja é bom ou ruim? Essa sempre me pareceu ruim... “Eu queria ser o que o outro é”, ou “queria ter o que o outro tem”. Mas pensando bem, com a devida reflexão, esse sentimento ruim poderia ser transmutado em admiração, e servir de estímulo sobre como proceder para me tornar aquele a quem invejo. Um pouco confuso, mas não absurdo.

Dessa forma, e considerando que quase todo jovem tem algo de rebelde, com suas inexoráveis certezas, fui criando as bases que me conduziram por toda a vida. E como todo jovem, quis saber em que posição eu me encontrava em relação a todos os outros. Seria o mais forte, o menos forte, ou qualquer coisa pelo meio? Valendo o mesmo para a beleza, a inteligência, a liderança, etc. Analisando por comparação concluí que não era o melhor em nada, mas também estava longe de ser o pior. A maioria das meninas se interessava primeiro pelos “mais líderes” e só depois por mim. Não era o melhor jogador de futebol, ao contrário, mas pertencia ao time da escola, valendo o mesmo para o time de handball. Tinha uma desvantagem e uma vantagem inicial: era o segundo mais jovem da turma, sendo os outros entre um e dois anos mais velhos que eu. Por outro lado, era

fisicamente grande para minha idade. Isso não faz diferença alguma quando já se é adulto, mas na adolescência sim.

Nessa busca juvenil por meu lugar no mundo, a análise comparativa é uma boa ferramenta. Descobri duas coisas que me tornavam um pouco diferente dos outros. A primeira é que tinha a impressão de ter mais curiosidade pelas questões profundas que meus amigos e colegas de turma. Com muito poucos tinha a liberdade e algum grau de retorno acerca das chamadas “grandes perguntas”. Nunca me pareceram satisfatórias as respostas que as religiões ofereciam, e tinha algumas reservas com respostas científicas mal elaboradas. Os próprios professores não sabiam a resposta para muitas de minhas dúvidas e tentavam empurrar qualquer coisa do tipo: “É isso e aceite”. E, “aceite!” nunca foi bom para mim. Parecia um desafio intelectual a ser vencido. Pensava: Esses professores simplesmente não tem a humildade de dizer: “Não sei, mas irei pesquisar”. Na falta de respostas, e com muita leitura, tornei-me aficionado pela ficção científica. Por ser ficção, esse tema tinha grande liberdade literária para criar quaisquer tipos de mundos e criaturas. Tudo era permitido nessas obras e filmes. Não saberia dizer quantas vezes vi as séries “Perdidos no Espaço”, “O Túnel do Tempo”, “Star Wars”, e por aí vai... Livros de natureza mística ou espiritualista também fizeram parte dessa fase. Sempre gostei das boas coisas do passado e admirei a criatividade dos nossos artistas, poetas e pensadores.

A segunda coisa que me diferenciava, e quanto a isso me acreditei único por muito tempo, era a faculdade de ter sonhos lúcidos. Por alguma razão, aos treze anos tive minha primeira experiência nesse estranho mundo, e isso nunca mais cessou. Um sonho lúcido significa você acordar em pleno sonho, ter certeza de que se trata de um sonho e, diante dessa consciência, fazer quase o que desejar, pois dependendo do grau de lucidez, você se torna Senhor do Mundo, de seu próprio mundo interno.

As poucas tentativas de tratar disso com amigos redundaram em ironia e sarcasmo. Como ninguém gosta de se sentir ironizado, ou porque não dizer, humilhado, achei melhor guardar isso para mim mesmo. Passou a ser meu segredo particular. Muito tempo depois descobriria que não era o único, e que muitas pessoas também tinham essa capacidade.

Ainda que por algum tempo tenha cogitado admitir que isso tivesse relação direta com os mundos espirituais, pouco demorou, dada à minha

mente científica, descartar essa possibilidade e aceitar que era um fenômeno impressionante gerado nas profundezas do meu cérebro, do meu inconsciente que, por esse mecanismo, se tornava consciente e me dava quase toda a liberdade que alguém possa desejar ter.

No mais, era tão normal quanto qualquer um. Meu nome é Anton Dimas Ferrer e vou contar a minha história.

Capítulo 2 Os Primeiros Sinais

muito difícil distinguir, em muitos casos, uma verdade de uma mentira. O contexto, a interpretação e o interlocutor têm grande influência na determinação do que é uma coisa ou outra. E, sendo assim, na dúvida, é melhor não acreditar. O ceticismo, por frio que pareça, traz a vantagem de diminuir as chances de sermos enganados. Não se esqueçam disso.

Como cada leitor constitui um universo em si mesmo e caberá a cada um fazer seu próprio julgamento acerca da minha bizarra experiência. E é tudo verdade.

Tenho agora vinte e seis anos e continuo solteiro, o que não é nada demais. Como quase todos os jovens, eu também não tinha certeza sobre o que desejaria ser em termos profissionais. Exceto aqueles poucos que já sabem desde criancinha que vão ser médicos, advogados, etc, é difícil tomar uma decisão sobre que faculdade fazer e que carreira seguir.

Mais difícil ainda quando você é um jovem generalista, que acha que sabe um pouco de tudo, e que poderia fazer qualquer coisa. Não sendo exceção, e premido pela imposição familiar de “ser alguma coisa”, resolvi estudar Física. Mas não sem olhares estranhos e cheios de dúvidas de meus pais. “Vai ser físico e viver do quê? De dar aulas?” De certa maneira eles tinham razão. Ser um engenheiro, advogado seria muito mais promissor. Todos conhecem algum advogado rico ou algum engenheiro que fez uma obra dos quais todos se orgulham. Mas quem, afinal, conhece pessoalmente um físico dos quais todos se orgulham? Quase ninguém.

Seja como for, me formei em Física e agora faço um mestrado em Mecânica Quântica. E se quiserem saber por que, a razão é que isso não faz o menor sentido, mas funciona. É uma coisa irritante você saber que existe

algo que comprovadamente funciona, mas não se sabe como. Desde que comecei com isso não podia deixar de me lembrar de meus antigos professores, que empurravam “verdades” aos alunos, goela abaixo, sem o menor constrangimento.

Profecias de mãe e pai costumam ser terríveis.

Tendo entrado na universidade com dezessete anos, e me formado com vinte e dois com, modestamente, muito boas notas, aos vinte e quatro anos assumi um posição de professor de Mecânica Quântica em uma universidade particular. E como as histórias se repetem, lá estava eu, “empurrando verdades” aos meus alunos sobre coisas que nem eu e nem ninguém, consegue realmente explicar. Tive que dizer a eles que nesse estranho mundo o mesmo objeto pode ocupar dois lugares diferentes no espaço ao mesmo tempo. Tive que dizer que existem objetos que se relacionam instantaneamente independentemente da distância entre eles, violando abertamente o que o professor da sala lado, de Física da Relatividade ensinava, de que nada, absolutamente nada, nem informação pode se mover mais rápido do que a luz, como ensinou Albert Einstein. No chamado “emaranhamento quântico” isso acontece.

É claro que essas inconsistências geravam certo desconforto. Mas, afinal, se a Ciência é um castelo em construção, esses pequenos pecados seriam aceitáveis, já que no futuro essas dúvidas seriam sanadas. Meus alunos que aceitassem, como eu tive que aceitar inúmeras barbaridades, até que os gênios do futuro nos iluminassem. Ainda me recordo que uma dessas barbaridades era o conceito de “massa”, em termos físicos. Ninguém tinha uma explicação decente. Até que demonstraram a hipótese, elaborada por Peter Higgs em 1964, no Grande Colisor de Partículas em 2012. Estava explicada a massa. Descobriram o bóson de Higgs, que felizmente teve sua descoberta reconhecida ainda em vida, e que era a manifestação física do Campo de Higgs, que explicava a natureza da massa.

No curso de mestrado acabei me tornando amigo de um colega de academia, que por sinal era um padre católico, e curiosamente tinha um sobrenome judeu, Padre Carlos Antônio Sylberstajn. Não é tão estranho quanto parece haver padres que desenvolvem carreiras acadêmicas na área de ciência exatas. Basta, por exemplo, lembrar do grande Georges-Henri Édouard Lemaître, um padre católico, astrônomo, cosmólogo e físico belga,

um dos proponentes da Teoria do Big Bang, que ele gostava de chamar de Teoria do Átomo Primordial.

Nossas conversas, sempre interessantes, eram também desafiadoras. Padre Carlos, como eu o chamava, envidava todos os esforços para, à sua maneira, tentar conciliar a Física com os dogmas religiosos que havia resolvido abraçar. Com certa frequência tomávamos um café com torradas no Café do campus, oportunidade em que renovávamos nossas ideias e teorias sobre quase tudo.

Em sua ânsia de conciliação, Padre Carlos advogava pela existência de uma consciência universal, da qual todas as coisas, incluindo a consciência humana, emergem. Segundo ele, toda a matéria, as leis que regem seu comportamento, e os níveis de consciência de qualquer ser vivo ou coisa, seria uma derivada dessa consciência universal, que ele preferia que tivesse a grafia Consciência Universal, para emprestar a dignidade que sua tese merecia. Era sua forma de justificar Deus como o criador e mantenedor de todas as coisas.

Já eu, acreditava que a Criação nunca realmente aconteceu e que a existência e suas derivadas eram o único estado possível, já que o nada, a não existência, não pode dar origem a coisa alguma. E que as leis universais eram as únicas possíveis, pois de outra forma o Universo seria inviável. Ambos sabiam sobre a incrível precisão dos valores das cargas elétricas das partículas e outras variáveis cosmológicas, cuja mínima variação tornaria o equilíbrio cósmico impossível.

— Anton, pare para pensar. Se qualquer dessas variáveis fosse ligeiramente diferente, e quando falo “ligeiramente”, quero dizer uma variação de apenas um bilionésimo, nada disso existiria. Você realmente acredita que esses valores são tão perfeitamente ajustados por mero acaso? Sinceramente...

— Caro Padre, por mais que eu me esforce para acompanhar seu ponto de vista, não consigo conceber alguma coisa, qualquer coisa, além da existência, que tenha regulado esses parâmetros. As partículas, os elétrons, prótons, nêutrons, quarks, etc, têm as medidas e valores que têm porque esses valores são os únicos possíveis. Diferente desses valores a existência não existiria e não poderíamos estar aqui desfrutando nosso delicioso café nessa tarde de outono.

E assim transcorreram tantos agradáveis encontros e conversas com o Padre Carlos por inúmeros meses. Era das poucas pessoas com quem podia me abrir e contar minhas experiências oníricas, meus sonhos lúcidos. Físicos teóricos são pessoas curiosas e, geralmente, por mais de um assunto. Tanto Padre Carlos quanto eu, gostávamos de falar sobre neurologia, o inconsciente, e assuntos correlatos. De tanto eu contar minhas histórias noturnas, Padre Carlos acabou investigando sobre o assunto e um dia puxou conversa sobre o tema.

— É, Anton. Andei estudando o seu caso e parece que, realmente, algumas pessoas têm essa habilidade, a de acordar dentro do sonho e viver, acordado, aquilo que a maioria de nós interpreta como meros sonhos, mais ou menos desconexos, e sobre os quais guardamos vaga memória.

— Pois é. Os meus sonhos normais são assim também, uma série de bizarrices com pouco sentido, e que, talvez por essa razão, criem memórias difusas. Mas nos sonhos lúcidos é muito diferente. É exatamente como se fosse aqui, a nossa realidade. Tanto que é preciso fazer “testes de realidade” para se ter certeza de que se está em um sonho. E é também curioso que o nível de lucidez varia muito. Algumas vezes parece que já existe uma história pré-escrita e que eu simplesmente sou um personagem que sabe que é uma história e os outros não. Outras vezes, mais raras, o nível de lucidez é absoluto e posso controlar a realidade como se fosse um deus. Posso voar, fazer aparecer e desaparecer pessoas e cenários, fazer o que quiser. Acho muito impressionante que isso seja possível.

— Por uma questão de honestidade, caro Anton, devo confessar que sinto uma ponta de inveja dessa sua estranha capacidade. As possibilidades são tão imensas... Eu poderia recriar, sei lá, Santo Agostinho, e perguntar-lhe tantas coisas...

— Bem, Carlos, não se esqueça de que “esse” Santo Agostinho seria fruto da sua imaginação e, assim sendo, ele só poderia dar respostas que, de alguma maneira, você já tem escondidas em algum lugar do seu cérebro. Não seria mesmo “ele”.

— Tudo bem, mas pelo menos “ele” me diria coisas que eu já sei, mas não sei que sei. Já seria algo muito bom...ha, ha, ha... Eu me revelaria a mim mesmo! Não seria ótimo?

— Sim, seria. Mas e se esse “ele” revelar algo que não sabe e não goste? Será que lidaria bem com isso? E se falasse sobre coisa pessoais,

sobre você mesmo, ao invés de grandes verdades existenciais?

— Ummm... É possível que não gostasse, mas até por uma questão de honestidade eu seria obrigado a refletir sobre seus comentários sobre mim mesmo. Não sei...

De certa maneira essas conversas solidificaram a nossa amizade e passei a ter um interlocutor fiel com que poderia dividir minhas estranhas experiências. A existência do Padre Carlos Antônio Sylberstajn diminuía meu sentimento de solidão sobre esse pessoal, mas relevante, aspecto de minha vida.

Em uma certa noite de outono fui dormir um pouco mais tarde do que o normal. Havia me caído nas mãos um livro de um autor norte-americano que questionava a existência do livre-arbítrio de maneira estritamente científica. Argumentava que, sob certas condições, computadores conectados ao cérebro humano são capazes de antecipar as respostas que determinada pessoa irá dar a perguntas específicas. E que, assim sendo, não era o “eu consciente” da pessoa que produzia as respostas, mas uma região mais profunda do cérebro à qual o computador podia acessar antes de o dono do cérebro saber a resposta.

Adormeci, mas não por muito tempo. Mesmo não tendo os adoráveis sonhos lúcidos com a frequência que desejava, lá estava eu, plenamente acordado em um campo que tinha uma relva baixa, alguma névoa, em uma hora do dia em que não podia identificar se era o começo da manhã ou o fim da tarde. O meu nível de lucidez era elevado e, diferentemente daquilo que costumava fazer, ou seja, sair voando (esse sempre foi meu “teste de realidade” definitivo), dessa vez resolvi ficar em terra, talvez por conta da neblina. A visibilidade era restrita a talvez uns trinta metros e não teria muita graça mesmo sair voando.

Comecei a andar nesse campo e à medida que avançava observei dois focos de luz de baixa intensidade, mas que se tornavam mais visíveis à medida que me aproximava. Mais alguns metros e pude ver que a luminosidade emanava do que parecia ser duas criaturas vivas e humanoides. Os sonhos, como mencionei, têm a faculdade de atribuir certezas a coisas improváveis. Assim, eu sabia que eram seres conscientes e que sua presença representava algum objetivo. Apesar de terem forma humanoide, não eram seres humanos. Não era possível distinguir suas expressões faciais e seus contornos eram difusos, tanto por parecerem não

ter limites físicos claros em suas peles, mas também porque a luminescência ofuscava seus próprios contornos.

Como estava consciente de que se tratava de um sonho lúcido pensei: se o sonho é meu, e aqui tudo posso, “ordeno” que suas imagens se tornem mais claras!”. Não funcionou. Por mais que tentasse enxergá-los claramente suas imagens permaneciam difusas. Comecei a pensar que talvez estivesse perdendo “meus poderes”. Estava mesmo. Continuei me aproximando, pois queria vê-los bem de perto. Mais uma vez fracassei. Por mais que me aproximasse, eles sempre estavam há uns cinco metros de distância. Isso já estava ficando intrigante. Não é incomum eu despertar em minha cama quando perco o controle sobre meus sonhos lúcidos. Ainda assim, pude reparar que eles não estavam, de fato, tocando o solo, mas flutuavam há uns quinze centímetros do chão. Essa visualização durou o que me pareceram muito longos trinta segundos até um deles se manifestou.

— Olá, Anton. Sabe quem somos?

— Não. Não sei. Quem são vocês?

— Nós somos os seus Anjos da Guarda.

— Não me digam... Sério mesmo?

Como tinha a mais plena certeza de que se tratava de um sonho lúcido, e sendo dono de natural sarcasmo na vida real, mantive o tom levemente irônico que teria no mundo real diante de uma tão inusitada situação. Curioso sobre onde isso iria parar, continuei.

— E o que fazem Anjos da Guarda? Passam o tempo se preocupando com os seus “protegidos”.

— “Se preocupando” não é a definição adequada. Nós os acompanhamos e os preparamos para que encontrem e reconheçam o seu destino. De certa maneira atuamos como mensageiros, como um elo que liga você a seu futuro.

— Que interessante. — disse eu, com um meio sorriso que não conseguia disfarçar minha incredulidade.

— Já que atuam também como mensageiros, teriam, por acaso alguma mensagem?

— Sim, temos. Mas não irá conhecê-la hoje. Lembre que dissemos que nossa função é também a de preparação para que encontre e reconheça seu destino.

— É verdade...

Quase ria internamente da peça que meu cérebro estava aprontando para mim. O que estará meu inconsciente preparando para mim dessa vez?

— Você se lembra de quantas vezes tentou trazer algo “desse mundo” para o mundo real? Uma coisa, um objeto? Foram muitas, não é? Esse mundo te parece tão real, que em muitas ocasiões achou que era possível “levar” uma recordação desse “lugar” para o seu lugar, onde vive todos os dias, não é?

— É. Tentei muitas vezes. Já concluí que é uma bobagem e uma impossibilidade, já que isso tudo está acontecendo dentro do meu cérebro.

— Você tem razão, Anton. Está acontecendo dentro da sua mente. Mesmo assim, gostaríamos de pedir que tentasse novamente. Pegue uma pedrinha, existem muitas no solo, e a sinta em suas mãos. Olhe bem para ela. Fixe sua mente e seus sentidos apenas nessa pedrinha. Faça isso agora, por favor.

Não pude evitar pensar “era só o que me faltava”... Minha mente me pregando peças... Mas, bem, sonho é sonho e, afinal, por que não? Fiz o que sugeriram. Abaixei-me e peguei uma pedra de uns cinco centímetros, um cascalho oval, e senti sua textura em minhas mãos. Olhei os detalhes de sua cor, ranhuras e pequenas rachaduras.

— Muito bem. Aqui está a pedra. E agora?

— Agora, faça como sempre fez e tente “levá-la” para o seu mundo. Aperte-a levemente em sua mão. Irá acordar em breve. Também em breve voltaremos a nos encontrar. Feche os olhos e acorde.

Comprimi a pedra em minha mão e, realmente, desejei levá-la comigo.

Segundos depois acordei em minha cama e ainda pude sentir minha mão se fechando no ar tentando segurar a pedra que não mais existia. Foi uma experiência um pouco perturbadora. Já havia tentado isso no passado, como haviam dito meus “anjos da guarda”. Mas por uma estranha razão, aquilo me pareceu tão real que, dessa vez, quase acreditei que aconteceria. Como de costume, registrei esse sonho lúcido na categoria dos “excepcionais”. Como já mencionei, minha chamada boa memória é mais fruto da repetição do que de uma memória excepcional. E não pude evitar repetir: “Também em breve voltaremos a nos encontrar. Feche os olhos e acorde”.

Capítulo 3

Conversas com Pe. Carlos Sylbertajn

o dia seguinte, por acostumado que fosse com meus sonhos, estava ansioso por relatar essa experiência ao Padre Carlos. Insisti, além do normal, para que fôssemos tomar o nosso café. Havia dado duas aulas pela manhã e passado o resto do dia no laboratório trabalhando em minhas pesquisas.

Apesar de minha área de especialização ser a Mecânica Quântica, havia escolhido trabalhar em uma tese que muito bem se encaixaria em Cosmologia. Desde antes de entrar para a universidade, já suspeitava de que nossa compreensão da natureza do espaço era incompleta. Não conseguia conceber o Infinito, assim como não conseguia compreender o Nada. As equações que definem o que existe não gostam de infinitos. Eu também não gostava. Nosso cérebro não evoluiu para que possamos sequer imaginar tais coisas. Nossa experiência e nossa evolução nos armaram muito bem para cumprir a mais fundamental de nossas atribuições: sobreviver. Tudo a nossa volta tem começo, meio e fim. Por isso, mesmo em tese, é difícil imaginar coisas que não tenham começo ou fim.

Minhas pesquisas tinham como base o trabalho do grande Sir Roger Penrose, que postulou um espaço crescente onde a energia e a massa vão evaporando sob forma de radiação não existindo mais nada. Nesse espaço, um milhão de anos-luz ou um trilhão de um trilhão de anos-luz são praticamente equivalentes, pois que diferença faz, se nada acontece lá dentro? Se não existe sequer um átomo, que muito bem pode servir como um relógio, não há como medir essas distâncias. O mesmo deveria valer para o quase infinitamente pequeno. Se o “universo” que você pesquisa é tão minimamente pequeno onde um átomo é uma coisa gigantesca, que diferença faz ser tão inimaginavelmente menor? Essas distâncias macroscópicas e microscópicas deveriam conter alguma equivalência.

Encontrei o Pe. Carlos um pouco depois das cinco da tarde e lhe relatei minha curiosa experiência. Ele não pareceu tão surpreso como eu esperava.

— Anton, você é um ateu empedernido, como sabemos, eh, eh, eh. Não me surpreende que sua ultra curiosa mente, curiosamente, sem jogo de palavras, queira te mostrar que suas certezas não são assim tão certas. Anjos da guarda...que interessante!

— É, pode ser... Mas lhe digo que esse sonho lúcido foi diferente dos outros. No nível de lucidez que estava eu, normalmente, teria controle absoluto da situação. Aquelas criaturas não obedeceram aos meus comandos. Não consegui me aproximar delas mais do que uns cinco metros, por mais que eu caminhasse na sua direção. Muito estranho...

— Bem, Anton, para mim é difícil falar porque não tenho esses tais sonhos lúcidos, como você. Mas parece razoável que sua mente esteja trazendo à superfície aspectos ocultos ao seu consciente, mas não queira que você veja tudo muito de perto, pois do contrário não seriam ocultos e você saberia tudo. E mais, se essas imagens afirmaram que, como você disse teriam uma mensagem e que iria conhecê-la, “mas não hoje”, eu apostaria que esse seu sonho não terá sido a primeira peça que sua mente irá te pregar. Deve vir mais por aí... Aperte os cintos... he, he, he.

— Até que, como um padre, você está mais para um psiquiatra amador, Carlos. Pensei que iria me falar sobre as hostes celestiais, anjos, arcanjos e querubins, e você me vem com psicologia barata... Ora, ora. Entretanto, sinceramente não descarto sua ideia. Pode muito bem ser que as maluquices, com todo o respeito, que ouvi na infância sobre esses mundos que a Igreja Católica inventou ao longo de séculos continuem, de alguma maneira, ativas dentro dessa cabeça. Como o meu dia a dia é dar aulas e pensar nas equações de minha pesquisa, talvez meu cérebro queira me dizer para pensar em outras coisas.

Terminada nossa conversa fui para casa pensando no querido Padre Carlos Sylberstajn. Imaginei como deve ser estranho para ele tratar desses assuntos comigo e que, de fato, deveria mesmo sentir uma ponta de inveja, no melhor sentido possível, sobre minha curiosa faculdade de acordar nos sonhos e ter esse tipo de experiências. Por que não ele, afinal?

Alguns mistérios são mais misteriosos que outros. Assim como há na Mecânica Quântica o já mencionado “emaranhamento quântico”, há a interação entre vidas cujo sentido muitas vezes nos escapa. O entrelaçamento de destinos segue, às vezes, caminhos tão peculiares que nos parece difícil, ou impossível, perceber que fazem parte de uma coisa só. Não existem histórias isoladas, por mais que assim tantas vezes nos pareça. Tudo está interligado e isso não é uma mera figura de linguagem.

Entretanto, existem níveis diferentes de entrelaçamento de vidas. As linhas sutis e invisíveis que nos conectam uns aos outros são mais intensas e

complexas do que nos é dado ver em um curto espaço de tempo. Muitas vezes uma vida inteira não basta e a intensidade dessas conexões será apenas, quando e se for, conhecida por nossos descendentes, ou gerações que nos sucedem ao longo da História. Quantas vezes as linhas do destino se entrelaçam sem que tenhamos a menor consciência do que está realmente acontecendo, e, com alguma sorte, realizamos isso décadas depois?

Quantas vezes aquilo que nos pareceu algo terrível terá sido, na realidade, a semente de algo extremamente positivo, mas que não teria acontecido se não tivéssemos passado por aquela provação? É muito difícil ver isso quando se está no olho do furacão. Só se vê tempestade, coisas voando caoticamente, e o único desejo verdadeiro é que tudo acabe logo.

Nem eu, nem Pe. Carlos podíamos ter a mínima ideia de quão profundamente nossas vidas estavam ligadas, menos ainda a extraordinária experiência que iríamos viver.

Capítulo 4 Um dia após o outro

s meses foram passando e eu estava já na fase final de meu mestrado. Como minha área de pesquisa era Física Teórica, não tinha necessidade de comprovar experimentalmente minhas teses, mas criar equações que as explicassem e que, ao menos, não consistissem em nenhum absurdo lógico.

Equações buscam igualdades. Se isso é igual a aquilo, que é igual a aquilo outro, então isso é igual a aquilo outro. Colocado dessa maneira parece simples. O problema é que essas igualdades têm que levar em conta todas as outras igualdades que já foram demonstradas antes ou, de alguma maneira, refutá-las. E refutar uma equação plenamente estabelecida é algo extremamente difícil. Einstein e Schrödinger levaram muitos anos para desenvolverem suas teorias, e outros tantos para que fossem experimentalmente demonstradas. Essas catedrais não caem assim tão facilmente.

Enquanto isso, uma vez que havia escolhido a carreira acadêmica e de pesquisa teórica, nada mais natural que começasse a pensar em fazer um doutorado. Meu salário não era nenhuma maravilha, mas com a ajuda financeira dos meus pais e um financiamento, consegui comprar uma

pequena, mas bucólica casa no Jardim Botânico. Tinha apenas dois dormitórios, o que para mim era mais que suficiente. Seu pequeno jardim se tornou meu lugar preferido para pensar nas abstrações do Universo e da alma humana. Minha mãe havia feito uma maravilhosa doação a mim na forma de uma “chaise long”, que coloquei no jardim, onde adorava me recostar nessas ocasiões.

Uma vez ou outra, quando não tinha que pensar em cálculos, fumava um cigarrinho de maconha que, de certa forma, liberava minha mente para tipos de pensamentos que não teria normalmente. Um dos problemas de fumar “a erva” é que muitas vezes não nos lembramos das “brilhantes ideias” que tivemos nesse estado. Mas, como a prática leva à perfeição, encontrei meu mecanismo mental de lembrar da maioria dessas “brilhantes ideias”. A parte menos positiva é que, voltando ao normal, quase sempre elas não pareciam mais tão brilhantes assim.

Em uma dessas ocasiões, devidamente relaxado, adormeci na minha “chaise long” debaixo de um céu estrelado. Em pouco tempo estava sonhando com coisas desconexas, imagens de lugares onde já estive, misturadas com paisagens que nunca havia visto, e lentamente fui adquirindo lucidez. Quanto mais lúcido ficava, mais a paisagem se tornava familiar... e em poucos segundos, de acordo com minha percepção de tempo no mundo dos sonhos, estava de volta “na relva enevoadada” em um fim de tarde ou começo da manhã.

E lá estavam eles, meus “anjos da guarda”. Mesmo estando habituado aos meus sonhos lúcidos senti uma espécie de tremor interno e uma aceleração no meu coração onírico.

Dessa vez foram eles que se aproximaram de mim. Como da vez anterior, não tocavam o solo e não tinham propriamente pernas que se movessem. Pararam de se deslocar na minha direção, ficando um pouco mais perto do que da outra vez. Consegui distinguir algum contorno em seus rostos e pequena diferença de tamanho entre um e outro, o que me deu a sensação de que eram seres diferentes entre si, e não duas cópias da mesma coisa.

— Olá, Anton. É um prazer para nós voltar a revê-lo.

— O prazer é todo meu, já faz algum tempo.

Por alguma razão, por extraordinária que fosse a situação, não tive medo, sequer receio. Sonhos são coisas estranhas, e mudanças de rumo

podem acontecer subitamente. Não havia motivo para achar que teriam más intenções.

— Como está sua pesquisa? Descobriu alguma coisa nova? — perguntou o que estava à esquerda e era muito levemente menor que o da direita.

— Bem... — respondi sem muita certeza. — Como sabem da minha pesquisa? O que entendem da minha pesquisa?

— Ora, somos os seus Anjos da Guarda e, segundo você, vivemos dentro do seu cérebro, da sua imaginação. Nada mais natural que saibamos sobre sua pesquisa.

— É, faz sentido. Ainda bem que concordam que são frutos da minha imaginação.

E me lembrei que da última vez tinham dito que havia uma mensagem, mas cujo conteúdo eu não iria conhecer naquela ocasião.

— Sendo vocês emanções de minha própria mente, sabem que meu ramo de pesquisa é quase subjetivo, e um físico pode ser tudo menos subjetivo. — já me sentindo mais à vontade, perguntei: — E, a propósito, se bem me lembro, da última vez disseram que havia uma mensagem, mas que eu não iria conhecê-la naquele dia, noite, sei lá... Vou conhecê-la hoje?

— Quanto à primeira parte, talvez o que procura esteja no que chama de “subjetivo”. “Subjetivo” só é subjetivo enquanto não está claramente definido. Depois, torna-se objetivo. Quanto à mensagem, a resposta é não. Ainda não saberá a mensagem agora, mas seu mundo será um pouco diferente daqui há pouco.

— Ah, é mesmo? Me iluminem... — disse eu, já começando a me aborrecer com as charadas de “subjetivo”, “objetivo”. — Meu mundo será um pouco diferente? Essas minhas criações mentais estão começando a ficar muito folgadas...

— Anton, lembra-se da pedra da última vez que nos encontramos?

— Claro! Posso não resolver os problemas do espaço-tempo, mas tenho ótima memória.

— Então, por favor, abaixe-se e pegue a primeira pedra que encontrar.

Já sem muita paciência, e me lembrando que não era muito normal eu perder o controle sobre meus próprios sonhos lúcidos, em movimento rápido me abaixei e peguei a primeira pedrinha que se apresentou.

— Ummm, ok, e agora?

— Disse que tinha boa memória. Olhe bem para a pedra. Seria a mesma da última vez?

Olhei a bendita pedra e realmente me pareceu ser a mesma pedra. Olhei melhor os detalhes e me pareceu mais ainda ser a mesma pedra.

— Sim, parece a mesma pedra. Grande coisa! Assim como vocês, essa pedra é fruto da minha imaginação e está contida na minha memória. Não vejo nada demais em ser a mesma pedra...

— É verdade. Parece ser a mesma pedra. Da próxima vez que nos encontrarmos irá conhecer um pouco mais sobre a mensagem. É uma promessa. Concentre-se na pedra e acorde. Agora.

Dessa vez não foi um despertar tranquilo. Já havia sentido aquilo há mais de dez anos. Um barulho muito alto como o de um trovão que não acaba, a súbita escuridão com flashes de luzes violeta, pontos luminosos girando em turbilhão...e, de repente, o silêncio. E lá estava eu em casa, na minha “chaise long”, debaixo do mesmo céu estrelado. E com a pedra na mão.

Aquilo não foi como o susto de um grito, como quem pula da cadeira e dá um grito. Foi um susto crescente, que vai ficando cada vez mais apavorante à medida que eu me dava conta do que estava realmente acontecendo. Senti a pedra em minha mão, e apenas em alguns segundos depois tive coragem de olhá-la. Frio na espinha e pelos eriçados. Era a mesma pedra! As mesmas ranhuras, a mesma textura...Era a mesma maldita pedra!

Muito poucas vezes, ao longo de uma vida, nos é dado vivenciar o absurdo, o impossível. Para a imensa maioria das pessoas isso nunca acontece. Pessoas menos afortunadas intelectualmente veem fantasmas, espíritos e outros fenômenos mágicos. Rostos no fogo, na fumaça, mensagens no tarô, na borra do café, etc. Mas eu sou um físico quântico e conheço as leis da natureza o suficiente para saber que pedras de sonhos não podem aparecer em minhas mãos. Até que tive o momento “aahhaaaa!”. É óbvio, estava tendo um sonho lúcido dentro de outro sonho lúcido. Não estava realmente no meu jardim, quase deitado em minha “chaise long”, com aquela pedra na mão. Estava só continuando o sonho, que muito se parecia com a realidade de minha casa, mas ainda era um sonho. Ufa! Agora só bastava fazer o teste de realidade e ter certeza de que continuava sonhando, e depois, acordar no mesmo lugar.

Minha respiração tornou-se mesmo ofegante quando fiz o habitual teste de realidade, sair voando, e não saí do lugar. Tentei novamente e nada. Não é possível! Não é possível! Isso não pode estar acontecendo! Três passos à frente e estava no pequeno gramado de meu jardim onde caí de joelhos, ainda com a fantástica pedra em minha mão. Olhei para cima e vi as estrelas, maravilhosas, a Via Láctea quase rindo de mim. Quase podia ouvir: “E agora, irmão? E agora?”.

Voltei a sentar em minha cadeira, com a mente vazia, sentindo a realidade se desfazer diante dos meus olhos. Lembro-me de ter pensado, talvez meia hora depois, sobre o que eu iria fazer com minhas certezas. Como poderia ter certezas? Estaria ficando louco? Estariam meus estudos afetando gravemente a minha razão? Não! Eu não estou louco, mas isso simplesmente não pode acontecer! Não faz sentido!

Achei que não iria mais dormir, pois ainda era uma da manhã, e me conhecendo bem, um evento dessa relevância poderia me manter acordado pelo resto da vida. Pelas dúvidas, coloquei a pedra em meu bolso e continuei pensando sobre aquilo. Estava enganado. Em pouco tempo voltei a adormecer em um sono sem sonhos.

Despertei quando a luz do sol ofuscou minhas vistas e, instantaneamente, me lembrei dos estranhos eventos. Quase desejei ter tido uma noite mal dormida. O dia nasceu, eu acordei, e a pedra ainda estava lá. A mesma pedra.

Capítulo 5

Um evento para ser esquecido

efinitivamente eu precisava falar com alguém. E ninguém melhor que o Padre Carlos Antônio Sylberstajn. Desmarquei minhas aulas por telefone e pedi, quase implorei ao Pe. Carlos que viesse à minha casa, pois precisava relatar-lhe o absurdo da noite anterior. Antes das dez da manhã ele estava em minha casa, no meu jardim.

Contei minha experiência com a riqueza de detalhes que pude. Pe. Carlos ouviu atentamente e pôs-se a pensar. Ele, além de padre, era também um físico, e por isso tinha a mente treinada para a investigação. Ele começou citando Carl Sagan.

— Caro Anton, alegações extraordinárias exigem evidências extraordinárias. E seu relato é absolutamente extraordinário. Ambos sabemos que nas condições normais de temperatura e pressão isso não pode acontecer. Apesar de eu ser padre, tenho pouca fé nos tantos milagres que minha querida Igreja confirma. Então, vamos tentar pensar sobre isso da forma mais analítica e cética que pudermos. Como sabe que era a mesma pedra?

— Ora, porque, humildemente, tenho excelente memória. Sim, era e é a mesma pedra.

— Certo, mas você concorda que viu as pedras em ocasiões diferentes e em ambas estava sonhando. Por lúcido que fosse seu sonho, estava dormindo. Você aceita, em tese, a possibilidade de o seu cérebro ter dado “uma ajeitada” para que fosse a mesma pedra? Talvez uma espécie de autossugestão, feita pelos seus “anjos da guarda” para que “visse” a mesma pedra?

— Padre, em tese eu aceito a possibilidade. Mas mesmo que essa parte seja como está sugerindo, a porra da pedra está aqui! Me diga: como? Como?

— Eu não sei, Anton. Um problema de cada vez. Coisas não se materializam do nada, talvez com a honrosa exceção dos pães e peixes de Jesus Cristo, coisas não aparecem no ar. Ou é ilusionismo, coisas de mágicos, ou é mentira.

— Estamos concordando. Mas a pedra...

Fiquei por algum tempo em silêncio e Pe. Carlos também. Ele levantou-se e começou, a passos muito lentos, caminhar em meu pequeno jardim. Pe. Carlos era um homem de estatura mediana, cabelos negros e sobrancelhas particularmente grossas. Apesar do nome, suas feições lembravam as de um guerreiro medieval, desses que vemos em pinturas das Cruzadas. Em dado momento ele abaixou-se e pegou outra pedra em meu jardim. Olhou atentamente essa pedra por longos trinta segundos. Como tinha a “minha pedra” em uma das mãos pareceu que estava a compará-las.

— Anton, estou curioso... Você não acha que essas duas pedras são particularmente semelhantes.

Peguei a “minha pedra” e aquela que ele havia pegado no jardim. Eram, de fato, muito semelhantes. Apesar de os tamanhos serem diferentes, a

pedra dele era um pouco menor, mas a textura, a cor e o tipo de ranhuras eram bastante semelhantes.

— Sim, tenho que concordar que são semelhantes. Mas, e daí? Tudo bem, concordo que é uma coincidência intrigante. Ainda assim, já tem uma tese?

— Bem, ainda estou formulando. Acho melhor fazermos isso juntos.

— Ok, vamos lá.

— Você tem esses sonhos lúcidos há muito tempo. Já me disse inúmeras vezes que sempre te pareceu tão real que tentava trazer um objeto “de lá” para o mundo real. E nunca conseguiu, certo?

— Certo.

— Aí você, tendo tido aquela experiência anterior com seus “anjos da guarda”, que te sugeriram tentar novamente realizar essa proeza, que não funcionou, certo?

— Certo.

— Agora você tem um sonho parecido onde eles pedem que faça a mesma experiência com a pedra e dessa vez, pela primeira vez, funciona. E a “sua pedra” é do mesmíssimo tipo dessa outra pedra que existe aos montes em seu jardim. Anton, você sabe o quanto eu o admiro, pela sua inteligência e seu caráter. E porque somos tão amigos, lembro que me contou que havia usado aquele seu “brinquedinho de alterar consciências”: a canabis.

— Sim, usei mesmo. Era uma noite linda e apropriada para usar “meu brinquedinho”. Mesmo assim temos dois problemas: O primeiro trata de como a pedra veio parar na minha mão. Ela não saiu voando e aterrizou na minha mão. O segundo é que quando tive a primeira experiência nem sequer morava nessa casa e, portanto, não podia saber que nessa casa existiriam essas pedras. E agora?

— Anton, meu amigo. Sei que você está familiarizado com o princípio metafísico da Navalha de Ockham...

— Claro. Em poucas palavras diz que a explicação mais simples tende a ser a mais provável.

— Exato. Temos diante de nós duas possibilidades, ambas estranhas, mas uma muito mais estranha do que a outra. A primeira, seria a de que você, inicialmente em um estado alterado de consciência, e depois dormindo, tenha de forma sonâmbula se levantado, pegado essa pedra e

voltado a dormir. Seu inconsciente, que sempre desejou realizar a proeza de trazer um objeto do mundo dos sonhos para a realidade, criou essa ficção e depois “ajeitou” a sua memória para fazer a lembrança da pedra anterior ser igual a essa pedra. A segunda possibilidade é a de que tudo o que você me contou seja a mais pura expressão da verdade e essa pedra, pelos poderes de seus “anjos da guarda”, realmente se materializou em suas mãos. Acredite, eu posso imaginar, te conhecendo como conheço, o quão delicada essa situação é para você. Mas me diga, o que te parece mais provável?

Fiquei sem resposta. O Pe. Carlos estava fazendo o que podia para me chamar à realidade e me induzindo a concordar com ele. Era óbvio que a primeira hipótese era a mais provável. Mas eu me lembraria... Fumar um baseado é muito diferente de tomar um porre, onde a gente não se lembra mesmo de nada. Eu não tinha bebido nada...

— Padre, a primeira hipótese é mais provável. Mas, sinceramente, eu não acredito que tenha sido assim. O que me deixa com a segunda hipótese, que tenho que concordar, é absurda. Será que estou ficando louco? Os loucos não sabem que são loucos e realmente acreditam em suas loucuras. Ou quem sabe terei tido um surto psicótico...

— Anton, dentro da primeira hipótese, eu ficaria com o que você mesmo relatou...”minha mente estará me pregando peças”, ou algo assim.

Meus argumentos estavam acabando. Não havia muito mais o que dizer, pois havia uma explicação lógica, por menos que eu quisesse aceitá-la. Sem evidências muito mais fortes o Pe. Carlos não iria se convencer, e para ser honesto, eu mesmo começava a desconfiar. Nos despedimos e naquele dia cancelei todos os compromissos. Não tinha condições psicológicas para fazer mais nada.

Ao longo do dia resolvi fazer algo inusitado em minha existência: procurar um psiquiatra. Jamais tinha ido a um psicólogo, terapeuta ou psiquiatra, mas como diz o ditado “para tudo há uma primeira vez”. Procurei um profissional absolutamente desconhecido, para que ele mesmo não fosse influenciado por mim de qualquer maneira. Contei a minha história, assim como a conversa com Pe. Carlos. O Dr. Nelson Villela de Almeida, com consultório em Ipanema, ouviu atentamente e não fez comentários inicialmente. Submeteu-me a alguns testes e no fim da consulta recomendou que eu fizesse uma ressonância magnética de minha cabeça e que retornasse para uma nova consulta com os resultados.

Me submeti a esse desagradável procedimento e uma semana depois estava novamente no consultório do Dr. Nelson.

Ele examinou o teste e começou a emitir sua opinião: “Sr. Anton, tanto nos testes que fiz na semana passada, quanto nos exames de RMI, não detecto nada de anormal. Existem casos de tumores cerebrais, malignos ou não, que podem produzir efeitos parecidos com os que o senhor me relatou, mas, definitivamente, não é o caso. Não tenho nada de especial para recomendar-lhe e talvez, a hipótese levantada pelo seu amigo padre seja a coisa mais parecida com uma resposta que o senhor terá. É óbvio que, para o senhor, esse foi um evento marcante e não esquecerá tão rápido, provavelmente nunca. Mas se eu puder lhe dar um conselho, não o torne importante demais e siga sua vida normalmente”.

Como já estava quase na hora do sol se por, fui para casa meditar sobre todos esses eventos, inclusive na sugestão do Dr. Nelson. Decidi tocar a minha vida, quase pedindo ao meu inconsciente que me deixasse em paz e que não repetisse aquelas aberrações.

Capítulo 6 Novos rumos, nova vida

ive a felicidade de concluir o meu mestrado com excelentes avaliações de meus mentores. Mas não sem alguns comentários divergentes. Ouvi algumas vezes que minhas teses pareciam revolucionárias, mas seriam impossíveis de serem demonstradas na prática. Como já disse, na condição de físico teórico não sou obrigado a demonstrar minhas teorias na prática. Meus colegas experimentalistas que se preocupassem com isso, quando e se essas teses se mostrassem verdadeiras.

Não que eu não desejasse demonstrá-las, claro que sim. Mas intuía que isso, se viesse a acontecer, não ocorreria em meu período de existência. O importante era que as equações e as explicações das equações, não fossem internamente inconsistentes.

Durante esse período do mestrado, a própria natureza do assunto obriga a alguma interação com cientistas do resto do mundo. Conheci pesquisadores fantásticos de várias instituições como o Caltech, Harvard, MIT, Max Planck Institut, e tantos mais. Com alguns cheguei a desenvolver

o que quase se poderia chamar de amizade pessoal. É curioso observar que a forma como você descreve seus textos e equações gera mais empatia em uns do que em outros.

Um em especial, GeoFfrey Thompson III, pesquisador do MIT e descendente de uma família de cientistas, tornou-se muito próximo a mim. Em mais de uma ocasião tivemos, remotamente, debates sobre minhas teses acerca da natureza do espaço e do tempo. Ele, que era um “relativista”, também supunha que deveria haver alguma conexão entre o macro e o micro. Sabendo que eu estava terminando o meu mestrado, sugeri que eu fizesse uma “application” para fazer o meu doutorado no MIT. Claro que eu já tinha pensado em fazer um doutorado fora do Brasil, mas sempre no campo do “pode ser”. Agora estava parecendo algo mais concreto. Tinha o lado financeiro, pois estudar nessa instituição não é exatamente barato.

Geoffrey argumentou que, com alguma habilidade, seria possível conseguir uma bolsa com 50% de desconto, já que eu tinha avaliações excelentes, era de um país “em desenvolvimento”, e seu pai tinha certa proeminência nessa instituição. Gostei de tudo, menos da última parte. Não queria que minha eventual aceitação no MIT tivesse interferência decisiva de qualquer coisa diferente da minha capacitação pessoal. Eu também sabia que poderia aplicar para que financiamentos do governo brasileiro facilitassem minha vida financeira.

Acabei me decidindo por tentar a sorte. Fiz a minha “application” para o doutorado em Mecânica Quântica conforme as instruções de Geoffrey, tendo feito o mesmo no CNPQ, instituição de fomento à pesquisa no Brasil. Nosso país havia se dado conta de que a pesquisa básica é de grande importância para o crescimento de longo prazo, e não custava nada tentar.

Mesmo sendo um ateu empedernido, às vezes parece que “os astros” se alinham. Em um processo particularmente veloz, consegui a bolsa com cinquenta por cento de desconto no MIT e o apoio financeiro do CNPQ. Pensei muito, fiz as contas e vi que era possível. E aí, veio o momento “uaaaauu!!”. Vou fazer meu doutorado no Massachusetts Institute of Technology!

Essa instituição tem uma história centenária e, contou e conta, com alguns dos melhores cientistas do mundo nas mais diversas áreas do conhecimento. Não é incomum você ter um laureado com o Prêmio Nobel como seu professor. E lá estaria eu, um quase jovem da Zona Sul do Rio de

Janeiro, desenvolvendo meus projetos em um dos melhores centros de excelência do mundo. Era o começo de um sonho. Pensando melhor, mais adequado seria usar a palavra “carreira”.

Tive total apoio dos meus pais, que agora começavam a pensar que, afinal, minha decisão de mais de dez anos atrás, não era assim tão inconsequente. Para mim foram quase como uns seis meses sabáticos, entre a primeira “application” e o meu embarque para Boston. Pedi licença do corpo docente da PUC, onde lecionava e pesquisava, e tivemos uma singela despedida dos alunos e professores. Ouvi que esperavam ansiosos pelo meu retorno, para devolver à Academia e ao país, um pouco do conhecimento que absorveria nos Estados Unidos.

Três pessoas muito caras a mim estavam no Aeroporto Tom Jobin, mais conhecido como Galeão, em meu embarque para Nova York, onde faria conexão para Boston. Meu pai, minha mãe, e o Pe. Carlos Sylberstajn. Meu pai, Walter Ferrer, com a racionalidade que o caracterizava me disse: — Meu filho, vá e cresça como profissional e como pessoa. Vou te ver em breve. Me beijou no rosto, abraçou-me e virou as costas. Acho que nunca lidou muito bem com as emoções familiares. Mas me amava e esse era o seu jeito. Minha mãe, de nome raro, Nefer Marie Ferrer, era mais emocional, como costumam ser as mães. “Não vou ser piegas, meu filho, com essas coisas de “cuide-se”, “olha o resfriado”, etc. Vá, seja feliz, e eu estarei sempre com você.”. Segurou docemente meu rosto com as duas mãos e com os olhos encharcados repetiu: “Estarei sempre com você”.

E chegou a vez do Pe, Carlos dizer adeus, na verdade, um “até breve”.

— Anton, meu irmão. A tristeza da sua ausência temporária é muito menor que a felicidade que me causa essa sua nova aventura. Você merece. Vá lá e mostre a esses americanos quem é Anton Ferrer. Te prometo que se conseguir um cantinho lá para mim, afinal sou um padre acostumado com o voto de pobreza, mas não tanto...ha, ha, ha,.. daqui há um ano ou coisa assim, vou te visitar. Meu irmão, vá e não esqueça dos seus sonhos! Ganhei dois beijos fraternais nas faces e entrei na área de embarque. Não queria que vissem as lágrimas em meus olhos, logo eu, um ser, por essência, racional.

Após dez horas de voo até Nova York e outras cinco horas entre conexão e voo, cheguei a Boston. De lá fui direto para o campus da Universidade, onde fiz o check-in e fui encaminhado aos meus aposentos.

“Meus aposentos” na verdade deveriam ser tratados no singular. Era “meu aposento”, composto de um quarto de vinte metros quadrados, com um muito pequeno banheiro e algo similar a uma mini cozinha. Bem, para quem estaria lá apenas para dormir e estudar, estava de bom tamanho. Já o campus do MIT é espetacular. Muitos prédios com a aparência externa antiga e interiores absolutamente contemporâneos. Gramados e arborização harmônicas, arquitetura esplêndida. O aspecto externo era um claro reflexo da ordem interna. Tudo funciona. Tudo faz sentido. Comecei a pensar que fazer ciência em um lugar assim era mesmo bem mais fácil.

Cheguei no campus alguns dias antes do começo das atividades acadêmicas. Fiquei um pouco tímido nesses dias e pouco falei com outras pessoas. Era um mundo novo e queria começar com o pé direito. Três dias antes do começo das atividades acadêmicas Geoffrey chegou ao campus e logo nos encontramos. Meu inglês era bastante bom e não tivemos problemas de comunicação.

— Seja bem vindo, Anton! Que bom finalmente conhecê-lo pessoalmente! Uma honra tê-lo aqui no MIT.

— A honra é minha, caro Geoffrey. Estou aqui há poucos dias e já estou adorando.

Iniciamos uma caminhada pelo campus onde tivemos nossas primeiras conversas. Ele reiterou o quanto apreciava minha linha de pesquisa e que gostaria de apoiar de alguma maneira. Conhecia bem o funcionamento do Instituto e tinha alguma influência. Tinha a convicção de que a pesquisa básica iria levar a ciência a outro patamar, como tantas vezes já havia acontecido.

Em poucos meses já me sentia em casa. Apesar da intensa atividade intelectual, o passar do tempo sempre estabelece suas rotinas. Já conhecia vários professores e outros doutorandos como eu. É muito interessante a diversidade de origens da “população” do MIT. Uma profusão de indianos, chineses, europeus, sul-americanos, e, naturalmente, muitos norte-americanos, tanto entre alunos como professores. O tempo e o convívio fez a amizade entre mim e Geoffrey se estreitar.

Nossas conversas não se restringiam à física e nossos projetos. Éramos generalistas e tínhamos opinião sobre quase tudo. Com frequência divagávamos sobre as questões mundiais, os caminhos da sociedade, a polarização ideológica, etc. Apesar disso, não contei sobre minhas estranhas

experiências. Tinha receio de que achasse que eu tinha uma ponta de esquizofrenia. Havia uma Starbucks próxima ao campus e, de vez em quando íamos lá tomar um café.

— Sabe, Anton, essas redes sociais já estão começando a me aborrecer. É tanta bobagem, tanta futilidade, que é difícil acreditar que quase todos são adultos.

— É verdade. O que não sei é se as pessoas estão se infantilizando ou apenas manifestando um estado infantil que sempre esteve lá, mas que de alguma maneira foi inibido, talvez pelas convenções sociais.

— E é interessante que, se olharmos bem, podemos identificar claramente os perfis das pessoas pelo o que elas postam. Tem a turma “dos bichinhos”, que só posta fofuras. Tem “os conselheiros”, que conhecem “A Verdade” e gentilmente nos oferecem. Tem os “contra tudo”, gente cheia de revolta, que encontrou nas redes seu alto-falante. E por aí, vai...

— Pois é, Geoffrey. Agora, se você, humano sofisticado, mas humano, pode fazer essa segmentação dos perfis das pessoas, imagine o que podem fazer os algoritmos embutidos nessas redes sociais. Conhecem tudo sobre você. Conhecem você melhor do que você se conhece. E isso é um poder muito grande. Assim como conhecem você muito bem, conhecem outros bilhões de pessoas. O problema é que sempre existe alguém escrevendo e controlando esses algoritmos e essas informações. Eles têm o poder de influenciar as tendências de opinião dos viciados nas redes sociais, e quase todo mundo é um pouquinho viciado. Que interesses defendem? Os seus, os nossos ou os deles? São empresas capitalistas que buscam o lucro.

— É isso aí, Anton. É um poder grande demais. Esses caras podem influenciar eleições, criar medo nas pessoas, estimular qualquer ideologia que atendam seus interesses. Isso sem falar nas dezenas, centenas de bilhões que ganham. O que é bem para nós pode ser ruim para eles. E aí? Fazemos o quê? Como se controla isso?

— Entre muitos, um dos perigos possíveis é que a própria democracia seja reinterpretada de uma maneira menos democrática. O autoritarismo pode vir disfarçado de “segurança social”, “desenvolvimento social”, e em troca disso vamos entregando pequenas partes de nossa liberdade. E sempre tem espaço para piorar. Já reparou que a comodidade de pesquisar qualquer coisa está atrofiando o cérebro de muita gente? Estão “terceirizando” sua capacidade de pensar, decidir, e delegando esse poder aos algoritmos e seus

donos. Para que ler um livro inteiro se em dois cliques você tem o “pedaço de informação” que deseja, sem ter que passar pelo livro todo?

Capítulo 7 Contatos Imediatos

epois de minhas experiências oníricas no Brasil a frequência e a intensidade de meus sonhos lúcidos haviam diminuído bastante. Observei isso e achei que era um processo interno de defesa, talvez uma espécie de medo escondido. Não me senti absolutamente ameaçado pelo o que aconteceu durante as experiências, mas sim pelos seus efeitos no mundo real. A análise de Pe. Carlos era irrefutável e binária. Ou tinha acontecido algo absolutamente excepcional, ou haveria uma explicação mais provável. E isso, para mim, foi muito desconcertante.

Muitas vezes confundimos o prefácio de um livro com seu epílogo. O começo parece o fim. Estava muito estimulado com minhas pesquisas e com o estilo de vida nas redondezas do MIT. Desejava apenas continuar como estava, talvez conhecer uma mulher interessante, e seguir a vida.

Mas não foi assim que aconteceu.

E assim, mais uma vez, dormindo, me vi em um amplo espaço isolado, que pareceu-me similar a um deserto, mas não tão desértico. Era noite funda, estrelada e sem lua. Estava com um altíssimo grau de lucidez e certeza absoluta de que estava dormindo porque dessa vez, ao invés de fazer meu natural teste de realidade, que é sair voando, tentei me lembrar como tinha chegado ali, naturalmente, sem qualquer sucesso. Quando alguém vai a qualquer lugar, geralmente se lembra, a menos que esteja muito bêbado, como chegou lá. Era um teste válido. Eu simplesmente estava lá.

Foi então que aconteceu. Um gigantesco objeto luminoso apareceu flutuando no céu a uma distância que não consegui rapidamente avaliar. Quase não tendo referências externas como montanhas, nuvens, só sabia que era algo muito grande. Por alguma razão pensei na imensa quantidade de pessoas que declararam ter visto discos voadores e até encontrado com seres alienígenas. Se apenas 0,1% dos americanos tivessem experiências parecidas, ainda teríamos mais de trezentos mil eventos como esse atribuídos a esses “contatos imediatos”. Eu seria apenas mais um, com a

grande diferença de que eu sabia que estava em um sonho lúcido, e a imensa maioria das outras pessoas não tinha essa consciência.

E o objeto continuava lá, praticamente parado há mil, talvez dois mil metros de altura, quase em linha reta em relação a onde eu estava. Toda a estrutura emitia uma luminosidade entre azul e violeta, com oscilações de intensidade intermitentes. Cheguei a pensar que, caso não fosse um sonho lúcido, uma coisa tão grande poderia ser vista a dezenas, talvez centenas de quilômetros.

E, de repente, sem qualquer aviso, me vi subindo de forma muito acelerada em direção à nave. A sensação era como certos brinquedos em parques de diversões, onde pessoas sentadas em pequenas cadeiras, alinhadas em torno de uma grande viga metálica, são projetadas aceleradamente para cima. Vi a geografia local ir diminuindo de tamanho enquanto subia e, quando dei por mim, estava em outro ambiente, dentro da nave.

Nessa hora pensei: “Meu deus, vai começar tudo de novo!” Foi pura força de expressão. Eu sabia que, de novo, eu não estava no controle e não conhecia o roteiro desse sonho. O local onde eu estava em nada lembrava o que costumamos ver nos filmes sobre naves alienígenas. Era amplo, mas não se conseguia distinguir com clareza os limites de possíveis paredes, teto ou portas. Via-se, porém, do lado de dentro, o mesmo tipo de luminescência entre o azul e violeta que eu tinha observado no lado externo da nave. Passei algum tempo, pouco tempo, me acostumando com aquele ambiente, e logo comecei a pensar na questão de sentido. Se eu estava ali, se aquilo era mais um sonho lúcido, alguma coisa deveria acontecer.

E aconteceu.

Lá estavam eles novamente, os meus “anjos da guarda”. Como das outras vezes, não tocavam o solo e, após aparecerem, flutuaram na minha direção. Não me assustei, uma vez que já os conhecia, e tentei ser cordial.

— Olá, senhores. Muito prazer em revê-los.

— Olá, Anton. O prazer é todo nosso. É uma honra tê-lo aqui.

— Obrigado. Pelo jeito as coisas estão ficando mais sofisticadas... Agora temos uma grande, muito grande, nave...espacial?

— É com certeza uma nave. Sobre o espacial, é uma questão mais delicada. Mas não se preocupe com isso agora. Temos assuntos mais importantes no momento.

Ninguém se acostuma com coisas assim. Mas já que estava lá, que havia uma história de encontros com esses seres imaginários, o que mais poderia me acontecer? Se desse tudo errado eu acordaria mesmo na minha cama, como sempre acordei. Então, vamos lá...

— Estou curioso. Das duas últimas vezes que nos encontramos, coisas curiosas aconteceram. Como são fruto da minha imaginação e das profundezas do meu cérebro, sabem que eu tenho boa memória. E como o cérebro de vocês é fruto do meu cérebro, a memória que vocês têm só pode ter sido criada por mim. E, ainda assim, não sei qual é a mensagem. E tem a questão da pedra? Vão me dizer o que realmente aconteceu? Falem a verdade! É verdade que na última ocasião eu, dormindo, me levantei, peguei a pedra no meu jardim enquanto falávamos e, por isso, acordei com a pedra em minha mão, não é?

— Anton, em nosso último encontro dissemos que na próxima ocasião iríamos transmitir a mensagem. Também dissemos que quando acordasse seu mundo seria um pouco diferente. Mas antes de avançarmos temos uma pergunta importante: Sobre a pedra, a última pedra, qual a sua explicação? A do Padre Carlos Sylberstajn ou a sua?

Fiquei um pouco impressionado por saberem o nome o Pe. Carlos, mas, pensando bem, eles tinham mesmo que saber, já que sabem tudo o que eu sei. Por outro lado, se sabem tudo o que eu sei, deveriam saber também a resposta.

— A minha opinião, depois de muita reflexão, como devem saber, e cheguei a duvidar de minha sanidade mental, e que o Pe. Carlos tem razão. É a única explicação sustentável. A única que faz sentido. Mas devo confessar que aceitei essa explicação por processos exclusivamente mentais, por dedução, e por exclusão. A minha explicação é que a pedra simplesmente apareceu em minha mão, do nada. Sei que é impossível e isso me causou muita apreensão. Sou um cientista. Esse tipo de conflito não é saudável para uma mente materialista. É isso...

— Muito bem, Anton. Esse reconhecimento é mais importante do que você pode conceber agora. É também muito importante que abra a sua mente para o imponderável. Abra a sua mente. Abra a sua mente. Quer saber a mensagem?

— Sim, quero saber.

— Há, entretanto, uma condição, da qual não poderá se esquecer amanhã.

— Certo! Qual é a condição?

— A condição é que, aconteça o que acontecer, terá que confiar em nós e ter certeza de que sua sanidade mental não está em questão. Como tem boa memória, irá se lembrar que, além de mensageiros, nossa função é a de prepará-lo para o encontro com o seu destino. Pense algum tempo, pergunte a si mesmo se pode se comprometer com essa condição e responda.

Dessa vez eu tive medo. Medo genuíno. Isso não só estava completamente fora do meu controle, como estava vivendo um desafio pessoal provocado por minha própria mente. O que pretendiam fazer? O que poderia ser essa mensagem? E, acima de tudo, por que eu mesmo duvidaria de minha sanidade?

Não havia alternativa. Se eu não aceitasse o compromisso poderia, em segundos, acordar na minha cama e nunca mais saber o que meu inconsciente tinha a me dizer. Eu poderia fechar uma porta para sempre, e isso seria inaceitável. Por outro lado, não podia esquecer que, pela primeira vez na vida, tinha ido parar em um psiquiatra, duvidando de minha sanidade. De todo jeito, não tinha alternativa. A solidão é terrível, mas a ignorância é pior.

— Sim, eu aceito a condição.

No exato instante em que acabei essa frase todo o ambiente se transformou. Subitamente a escuridão da nave se tornou dia claro, estávamos no que eu chamaria de uma praça muito grande, com árvores, jardins, caminhos, e estávamos sentados frente a frente. Meus “anjos da guarda” tinham agora aspecto perfeitamente humano, de dois jovens homens vestidos como monges. Tinham rostos com feições claras, que eu não poderia esquecer. Tinha o coração acelerado, como seria de se esperar.

— Eu sei que “vocês” ainda são vocês. Mas onde, diabos, estamos? Em algum Jardim do Éden? Vão me dizer que eu morri e fui parar em algum lugar “do outro mundo”?

— Anton, ainda estamos na nave e você está perfeitamente vivo. Apenas temos um ambiente mais próprio para a entrega de tão importante mensagem. Você foi corajoso e assumiu o compromisso. Então, é merecedor da verdade.

— Que verdade?

— A verdade de que a explicação do Padre Carlos Sylberstajn não é a correta, mas a sua. A pedra que apareceu em sua mão após o nosso segundo encontro, realmente apareceu em sua mão. Não foi um sonho lúcido. Isso tudo é real. Nós não somos fruto da sua imaginação. Isso tudo é real e há um propósito.

Não sabia o que dizer. É real? Real, real? A pedra não era do meu jardim? Há um propósito? Que propósito? Que merda é essa, pensei? Respirei fundo, o que quer que isso signifique no mundo dos sonhos, onde não há ar para ser respirado, e dei andamento a essa bizarra conversa.

— Muito bem, senhores. Vamos por partes. Com quem eu estou falando? Quem são vocês? Vocês têm nomes? Antes eram alienígenas frutos da minha imaginação, agora tem corpo e rostos de gente igual a mim? Quem são vocês, afinal?

— Anton, nossa imagem é irrelevante. Nem a anterior, nem a atual corresponde à nossa imagem real. O próprio conceito de “imagem real” é para nós estranho. E o que você chama de nomes, os nossos nomes, seria para você incompreensível. Para facilitar nossa comunicação, escolha você nossos nomes. Que tal, João e José, nomes simples e fáceis.

— Muito bem, “João” e “José”. Qual é, afinal, a mensagem?

— A mensagem, por enquanto, é que deve aceitar que não somos frutos da sua imaginação, e que somos reais. Que há um universo inteiro do lado de fora que ainda não pode ver, mas poderá.

— Me desculpem, João e José. Vocês precisam oferecer um pouco mais do que isso para me convencerem que não são frutos da minha criativa imaginação. Por enquanto, são apenas isso.

— Muito justo, Anton. Como disse seu amigo, “alegações extraordinárias exigem evidências extraordinárias”, frase de um famoso cientista do seu mundo. Iremos cumprir a nossa parte, e o faremos em duas etapas. Essas duas etapas irão acontecer em momentos diferentes. A primeira representará uma demonstração irrefutável daquilo que hoje estamos afirmando. Em outro momento, eventos extraordinários no seu mundo irão acender, como vocês diriam, uma luz vermelha em sua mente.

— Uma prova irrefutável? Como assim? Estamos dentro de um sonho, meu sonho! Como pode aparecer aqui uma “prova irrefutável”? Aqui tudo é possível...

— Anton, acredite, e isso faz parte do que está por vir. Será uma demonstração irrefutável, no seu mundo. Você ainda tem a pedra, a sua pedra, não é?

— Sim, tenho. Por todas as razões, ela tem imenso valor simbólico para mim.

— Sabemos disso. Sabemos também que você trabalha em um dos mais importantes centros de pesquisa da Terra, e que construiu muitos relacionamentos nesse lugar. Irá precisar depositar grande confiança em outras pessoas. Você tem um amigo, pelo menos um grande amigo, em quem possa confiar seu maior segredo?

O primeiro nome que me veio à cabeça foi o do Pe. Carlos Sylberstajn. Mas o padre não trabalhava no MIT e, até onde sabia, não tinha intenção de se transferir para os Estados Unidos. O próximo amigo, conclusão natural, foi Geoffrey Thompson III. Era extremamente inteligente e curioso, mas nada sabia sobre os estranhos eventos que me acompanhavam.

— Sim, tenho José...ou será João?

— Para você, agora, eu sou José. Deverá ter imensa confiança nessa pessoa, assim como grande habilidade. Pense no seguinte: ele será tão surpreendido como você foi após o nosso segundo encontro. Terá dúvidas razoáveis e deverá confiar em você quase cegamente. Acredita que isso será possível?

— José, não tenho como ter certeza de uma coisa dessas. Não tive nem certeza sobre mim mesmo...Prometo fazer o meu melhor.

— Ótimo. Por enquanto isso é o suficiente. Saiba agora a parte central de sua mensagem: Dentro da sua pedra existem resíduos de materiais que não existem na natureza e que sua tecnologia atual está há séculos de distância de ser capaz de produzir. Deve encontrar meios de confirmar o que afirmamos, sem que isso se torne público. Existem pessoas à sua volta com essa competência. Acha que pode fazer isso?

Tive que parar para pensar. “Acho que isso está indo longe demais”, pensei. Um material que não existe na natureza e que não temos tecnologia para produzir, e tenho que ouvir isso dessas entidades, que são fruto da minha imaginação?

— Como já disse, farei o meu melhor — disse secamente.

José e João levantaram-se lentamente, e repeti o movimento, intuindo que nossa conversa estava chegando ao fim. Tinham uma serenidade quase

irritante, considerando o que pretensamente estavam me propondo. Dessa vez foi João quem se pronunciou.

— Anton, há mais uma coisa que deve saber. Nossos encontros acontecem nesse ambiente para que sua consciência se acostume com essa nova realidade. O mundo dos sonhos, o seu tipo de sonhos, é muito adequado para isso. Sua consciência tem o tempo necessário para que esse entendimento não se torne uma surpresa grande demais. Nós poderíamos trazê-lo fisicamente para esse lugar, essa nave. Também poderíamos sugerir que acordasse diretamente no seu quarto, na sua cama. Mas desejamos que volte para o lugar de onde embarcou, para que veja mais uma vez essa nave, antes de acordar. Faça a sua parte e, quando o tempo estiver maduro, voltaremos a nos encontrar. Aqui, nessa nave.

— Bem, senhores. Também devem entender o meu ceticismo. Toda essa conversa, esse encontro, pode perfeitamente continuar sendo fruto da minha mente, dos meus sonhos. E quero dizer que, por enquanto, é isso o que eu penso. Mas como foi sugerido, vou manter a minha mente aberta.

— É justo que pense assim. Até breve, Anton.

E isto dito, aquela realidade se desfez e tudo voltou a ser o interior difuso da nave. Pude olhar por uns trinta segundos aquele etéreo ambiente antes de despencar para o lugar onde comecei essa experiência, na área desértica onde estava. Pude olhar para cima e ver, sentir, o quão esplêndida era aquela gigantesca nave. Para manter o padrão dos sonhos lúcidos, senti a gradual perda de lucidez e ver aquela realidade se esvaír diante dos meus olhos.

E novamente estava onde sempre havia estado. No meu quarto, e minha cama.

Capítulo 8 O Dia Seguinte

or estranho que pareça, não tive forças na noite anterior para continuar acordado e pensar no que havia acontecido. Sabia que, se me permitisse pensar demais talvez não dormisse nunca mais. Pensei apenas o suficiente para guardar na memória aqueles eventos e deixei-me adormecer como

forma de proteção de minha sanidade, já um pouco prejudicada no passado recente.

Mas como não poderia deixar de ser, a primeira coisa que fiz ao acordar foi localizar a minha pedra. Lá estava ela, simples e tosca como sempre. Como é possível que aqui dentro esteja contido o mistério, a “prova irrefutável” de que falavam aquelas criaturas? Devo estar mesmo louco... Essa não era uma alternativa razoável. Como todos os loucos, eu também não achava que estava louco. Minhas possibilidades eram reduzidas. Se nada fizesse, jamais saberia se estava ou não louco, ou se havia algo além da pura maluquice nessa história. E Geoffrey era minha melhor aposta. Após as devidas ponderações fiz um ensaio mental de como começaria aquela conversa. Não poderia ser uma conversa normal, pois se fosse para dar a seriedade que a situação exigia, eu teria que ser convincente.

— Geoffrey, espero que esteja bem. Eu preciso muito falar com você sobre certos insights e experiências que vivi.

— Claro, Anton. Mas me conte, teve alguma visão sobre o seu trabalho, um “clique” de iluminação?

— Sim, tive um “clique” daqueles, mas não sobre minha pesquisa. É muito, muito importante que falemos hoje. Quando pode me encontrar?

— Ah... não sei.. Está tudo bem, Anton? Me parece um pouco ansioso.

— Sim, amigo. Estou um pouco ansioso. Pode me encontrar hoje no começo da tarde?

— Bem, vou dar um jeito. Pode ser às três da tarde no Starbucks?

— Estarei lá.

— Ok.

Nem preciso dizer que às duas da tarde eu já estava lá pensando como iria cometer aquela insensatez. Como iria convencer alguém como Geoffrey Thompson III de uma estória tão inverossímil? Seja como for, desenhei uma linha mestra de meu argumento e confiei na improvisação.

— Então, meu amigo? Que insight foi esse que você teve, tão importante, e sem relação com a pesquisa? Só não estou muito preocupado porque te conheço.

— Geoffrey, somos amigos há pouco tempo, mas creio que temos uma grande identidade intelectual. Você e eu temos a mente aberta para coisa estranhas, afinal, nossa área de pesquisa já é estranha. Mas é uma

estranheza limitada. Vamos indo “de estranheza em estranheza” a passos lentos. Um pequeno avanço aqui, uma novidade acolá, e assim vai.

— É isso, Anton. Quem trabalha com física fundamental é isso mesmo.

— Pois é, mas agora estou falando de uma grande estranheza. E para ser sincero, meu maior receio é que você pense que eu sou um louco ou um charlatão. Antes que eu comece, quero dizer que é mais provável que eu seja um louco. Não sou um mentiroso ou charlatão. Então, se puder me ouvir, tente fazê-lo sabendo que estou falando com toda a sinceridade que me é possível.

— Claro Anton! Não duvidaria de você!

— Bem, amigo. Espere eu terminar antes de ter tanta certeza.

E relatei, por quase uma hora, tudo o que havia acontecido, desde o primeiro evento. Mas não sem antes fazer uma longa introdução sobre o que eram os sonhos lúcidos. Fiz questão de mostrar, no meu iphone, as pesquisas que existiam sobre o assunto, grupos, relatos, etc. Eu tinha que colocá-lo no contexto onde minha história fizesse algum sentido. Ele já sabia da minha amizade e admiração pelo Pe. Carlos Sylberstajn, e agora sabia sobre sua ativa participação nesse extraordinário relato.

Geoffrey ouviu sem fazer perguntas. Manifestou algumas expressões faciais que me permitiu antever sua reação, sua opinião. Geoffrey era o que se poderia chamar de um irlandês levemente acima do peso. Tinha cabelos ondulados e vermelhos. E um tipo de rosto cujas feições pouco mudam com as emoções. Quando levantava as sobrancelhas em admiração ou surpresa, era preciso certa prática com ele para identificar essas emoções. Entretanto, mesmo assim, para mim era fácil identificar quando estava no espírito brincalhão ou no espírito de seriedade. E Geoffrey estava tudo, menos com o espírito brincalhão.

— Anton, entre as muitas histórias estranhas que já ouvi, essa é a mais estranha.

— Eu posso imaginar...

— Antes que eu continue, me diga, o que pensaria, o que faria se estivesse em meu lugar?

A pergunta foi muito constrangedora e fui invadido por um sentimento de vergonha. Não queria responder o que primeiro me veio à mente. Era uma loucura total, e se eu estivesse no lugar dele, com o ceticismo que me é peculiar, iria pelo caminho mais provável, o mesmo do Pe. Carlos.

Fiz uma menção de me levantar e encerrar aquela bizarra conversa por ali mesmo.

Ao que Geoffrey colocou sua mão sobre a minha, e disse:

— Anton, por favor, sente-se.

Sentindo um terrível amargo na garganta, por me expor, e expor um amigo cientista a uma bizarrice dessa natureza, obedeci.

— Anton, eu estou apenas ganhando tempo para pensar rápido no que me contou. Estou ganhando esse tempo há quase uma hora. Por favor...

— Está bem, Geoffrey. Me desculpe..

— Não há o que se desculpar. Antes de qualquer coisa, quero que saiba que não acho que esteja louco, e que está sendo da mais profunda sinceridade ao me relatar essa experiência. Você tem razão. Não somos amigos há muito tempo, mas, afinal, o que é o tempo? Penso que conheço você há muito tempo, mesmo não sendo verdade. Penso que sei quem você é, sua personalidade, seu caráter, assim como sua brilhante pesquisa.

— Não sei o que dizer...

— Não diga nada e vamos por partes. Você já falou, hoje, sobre isso com o seu amigo padre? São quatro da tarde do “dia seguinte”.

— Não, não falei com ninguém.

— Você concorda com a possibilidade de isso ser exatamente como você expôs é mínima?

— Concordo.

— Pois é. Mas temos essa pedra de merda bem aqui em minhas mãos. É uma pedra de merda, porque é muito parecida com qualquer pedra que qualquer um já tenha visto, certo?

— Certo.

— Ótimo. Você mencionou as palavras do seu amigo Pe. Carlos sobre a “Navalha de Ockham”, lembra?

— Claro!

— Você concorda que a explicação dele é a mais provável? Que é fruto da sua criativa imaginação?

— Concordo.

— Então vamos lá...Seus “anjos da guarda” ou você mesmo, dependendo da interpretação que se queira dar, sabem quem eu sou. Quem é meu pai, e a relativa influência que temos neste campus... Estamos falando do MIT... Vou te dizer qual é a minha ideia. Como conheço quase todo

mundo aqui, e, por acaso, sou amigo do número dois da área de mineralogia do campus, vou “vender” essa estória como uma “pegadinha” para ele, e ver se ele descobre qual o segredo dessa pedra. Provavelmente, como sabemos, não vai descobrir nada, e depois vou contar uma estória qualquer sobre a “pegadinha”. E se descobrir algo diferente, ainda assim, vou dizer que é uma “pegadinha” e que vou contar a verdade na nossa próxima festa dos doutorandos, e vai ficar tudo bem. Que tal? Assim, de um jeito ou de outro, daremos o próximo passo, que já quase sabemos qual é.

Me pareceu muito razoável. Na verdade, interpretei como um ato de amizade e gentileza para comigo. Enfim, tudo pareceria uma brincadeira, e Geoffrey inventaria uma explicação qualquer para a “investigação” de seu amigo mineralogista. Continuei envergonhado. Aprendi que uma coisa é você viver uma experiência peculiar, outra bem diferente é contar para alguém. Meu amigo, na verdade, estava sendo generoso comigo, e não queria me constranger ainda mais. Ao fim, esqueceríamos tudo aquilo, mais uma vez, e a vida continuaria como sempre foi.

Com um sorriso embaraçado, concordei.

— Está bem, camarada. Vamos nessa. Afinal, o que pode acontecer? Quase nada... — disse eu, em um tom que pretendia aliviar a tensão do momento.

— Anton, para evitar qualquer mal entendido, seria melhor que não comentasse sobre isso com mais ninguém. Nem com seu amigo, o Pe. Carlos...

— Sem problemas. Não falarei nada com ele. Afinal... — disse isso pensando sozinho, “é tudo maluquice mesmo”.

— Ótimo. Posso ficar com a pedra, para poder passá-la ao William Wolf, o cara que mencionei do Departamento de Mineralogia?

Não sei por que não gostei da ideia. Queria evitar, ao máximo, me afastar dela. Inventei a primeira coisa que me veio à mente.

— Ah, Geoffrey, deixa ela comigo. No dia que você for falar com ele, eu vou junto e entrego para ele. Vai fazer a coisa ficar ainda mais “curiosa”, pode ser?

Meu amigo concordou.

— Está bem. Amanhã falo com ele e, se ele estiver disponível, nos próximos dias ele começa a investigação. Não vai custar nada, pois tudo estará no âmbito da pesquisa acadêmica. E que Deus nos ajude! E agora

chega desses “extraordinários”, pois já são cinco da tarde de uma sexta-feira e está na hora de relaxar. Que tal um bom e velho “scotch”?

Não pude discordar. Depois do que para mim foi uma tensa conversa, alguma diversão seria muito bem-vinda.

Capítulo 9 Quinze dias estranhos

Como já tinha certa prática, usei meus métodos para não me lembrar do “encontro” em sonho lúcido com meus “anjos da guarda”, nem da conversa com Geoffrey. Não foi fácil, mas tinha que tocar a vida. Tinha mais o que fazer, com minhas pesquisas e meu doutorado. Mesmo com minhas habilidades de esconder pensamentos no fundo da alma, as palavras dos sonhos ligadas à minha pesquisa “objetivo, subjetivo...” não paravam de ecoar em minha mente. O que, afinal, as profundezas do meu cérebro queriam me dizer com aquilo?

Eu suspeitava, sem trocadilhos, subjetivamente, que havia algo nas palavras dos “anjos da guarda” que significavam alguma coisa em minha pesquisa sobre a natureza do espaço e do tempo. Mas o quê? Pensava no “continuum espacial”, o infinito, e aquilo me parecia subjetivo. Mas não conseguia ver o que poderia ser subjetivo em o espaço se estender infinitamente. Se é possível ir em frente infinitamente, com um foguete imaginário, a uma velocidade dez bilhões de vezes a velocidade da luz, aquele espaço ainda seria objetivo. Estaria lá, seja onde fosse o “lá”.

De toda forma, é muito difícil permanecer anônimo no campus do MIT, uma vez que sempre há a curiosidade natural dos pares, seja na área que for, sobre o que os outros estão pesquisando. No meu caso, despertava algo entre o “arrojado” e o “bizarro”. Os que entendiam minha área de pesquisa como bizarra tinham um perfil mais conservador, sendo o contrário para os que viam minha pesquisa como “arrojada”. Como temos a tendência natural a gostar mais de quem gosta de nós, acabei me identificando mais com a turma dos “malucos”. Por sorte, um membro da turma dos “malucos” era um dos meus mentores do doutorado. Não demorou muito e ele sugeriu que eu contatasse um doutorando em matemática, conhecido seu, que seria de

grande ajuda na elaboração das equações que minha pesquisa, caso tivesse algum fundamento, exigiria.

Disse-me com muita clareza sobre as vaidades da vida acadêmica. Todos querem ser o “gênio da vez”, ficarem famosos e, eventualmente, ricos. Mas disse também que o rumo da minha pesquisa era bastante original, e que a participação de um brilhante matemático não ofuscaria a originalidade das ideias, e que era mais provável dar certo com o apoio de alguém com mais habilidade e criatividade matemática do que eu. Aceitei sua recomendação e pedi que nos apresentasse para que pudéssemos nos conhecer e estabelecer essa parceria.

Sendo esse o relato de uma estória, ou será da história, é sempre bom colocar as coisas na sua devida cronologia.

Dois dias depois de nossa conversa, Geoffrey me ligou dizendo que o plano com seu amigo mineralogista tinha funcionado e que ele iria fazer a pesquisa sobre a pedra. Ótimo, pensei. Assim isso acaba logo e vamos em frente no mundo normal. Ledo engano. Após nove dias Geoffrey me ligou, um tanto preocupado, dizendo que William Wolf não aparecia no campus havia dois dias, e isso era bastante incomum. Que havia ligado para ele, perguntado por ele, e nada. Quis ser otimista. Dois dias não representam muito e, uma vez ou outra, alguém pode decidir dar uma sumida, namorada nova, sei lá... Resolvemos conversar, tomar nosso café e especular sobre o que teria acontecido. Como tínhamos compromissos no campus nosso encontro durou, no máximo, 40 minutos.

E eis que o inusitado aconteceu.

Na caminhada de mais ou menos quinze minutos até o campus existem caminhos, árvores e gramados com pouca circulação de pessoas naquele horário. Estávamos nessa parte da caminhada quando, do nada, tivemos o primeiro contato com os “homens de preto”. Uma van preta parou do nosso lado e três homens grandes e fortes, de terno e óculos escuros, nos interpelaram: — Sr. Geoffrey, Sr. Ferrer, meu nome é Henry Harrison e nós somos da NSA, a Agência de Segurança Nacional. Temos um assunto ligado à segurança nacional e gostaríamos de convidá-los a nos acompanhar para alguns esclarecimentos.

Ficamos estarecidos. Como assim? A NSA nos convidando para uma conversa de esclarecimentos? Que esclarecimentos? Sendo Geoffrey um

norte-americano, doutorando do MIT, e de nobre origem acadêmica, quis engrossar.

— Sr. Harrison, do que se trata? — exclamou ele em tom de voz elevado.

O Sr. Harrison não estava para brincadeiras.

— Sr. Thompson, por favor, é um assunto de segurança nacional sobre o qual não posso tratar com os senhores aqui. Tenham a bondade de entrar na van e nos acompanhar. E, a propósito, entreguem seus celulares.

O tom de voz, e a postura de seus colegas, não deixaram a menor dúvida sobre a seriedade de suas palavras. Diante das circunstâncias Geoffrey achou melhor, ainda bem, ceder ao “convite”. Entramos na van, que não permitia a vista de dentro para fora, e circulamos por mais de meia hora, antes de chegarmos ao nosso destino. E o nosso destino, como não poderia deixar de ser, era uma garagem em que nada se podia reconhecer. Concreto, pilares, pouca luz e nenhuma outra referência. Fomos gentilmente convidados a entrar em um elevador e sermos levados a um andar que não pudemos identificar. Andamos por vários corredores até chegarmos a um ambiente similar a uma sala de reuniões. Como é normal, havia um grande espelho nessa sala e, como todo mundo sabe, em lugares assim há pessoas do outro lado te observando. Tudo é filmado e gravado.

Nos deixaram esperando por mais de uma hora. Até que a certa altura dois homens de meia idade, também trajando ternos escuros, entraram e se apresentaram sem apresentar sorriso ou comportamento empático.

— Boa tarde, senhores. Eu sou o Coronel Sheldon e esse é o Capitão Benitez. Vocês estão em instalações da NSA e precisamos conversar. Temos uma situação anormal e precisamos de informações que apenas vocês dispõem.

— Do que se trata? — perguntou Geoffrey tomando a iniciativa.

— Irei explicar, Sr. Thompson. Mas quero lembrar que nós fazemos as perguntas e não damos explicações. Isto posto, devo dizer que temos um colega de sua universidade, o Sr. William Wolf, sob investigação e interrogatório. Como sabemos, esse professor está trabalhando com material sensível e os senhores estão envolvidos, como dizer, com a sensibilidade dessa pesquisa. O que os senhores têm a dizer sobre isso?

— O senhor precisa ser muito mais específico, Coronel. Nossa área de pesquisa é a física e, até onde sei, o Sr. Wolf é um renomado mineralogista.

— Senhor Thompson, eu trabalho há mais de vinte anos no setor de inteligência do governo deste país. Tenho muita experiência no que faço. Os senhores não estariam aqui se eu não tivesse certeza de que os senhores têm certeza sobre o que estou falando. Estou falando sobre uma pedra, Sr. Thompson, uma pedra, e o Sr. sabe disso. O que tem a me dizer sobre essa pedra?

A situação era complexa, pensei. Até agora era apenas a investigação de um provável delírio meu, derivado de meus sonhos, onde tanto Geoffrey, como eu, estimávamos em algo próximo de zero a chance de aquilo não ser uma simples pedra. Agora estávamos praticamente presos em razão de uma viagem lisérgica minha. Tínhamos que pensar rápido. Rápido, de forma coerente, e principalmente, convincente. Havíamos falado sobre a “pegadinha” com o William Wolf, para a hipótese mais provável, mas não combinamos qualquer detalhe sobre esse brilhante plano. Resolvi entrar na cena, e já que também estava ali naquela situação, e me manifestei, na esperança que Geoffrey completasse a minha ideia.

— Coronel Sheldon, isso é apenas uma brincadeira, uma piada que fizemos com o Sr. Wolf, a partir de uma experiência que fizemos com raios laser. Só isso.

— Que brincadeira, Sr. Ferrer. Seja claro.

Geoffrey sabia das bases do nosso plano, mas pestanejou o tempo suficiente para eu entender que não iria ser criativo como precisávamos. E assim, emendei.

— Coronel, já que estou aqui, o Sr. sabe que sou do Brasil, fazendo um doutorado aqui nos Estados Unidos e trabalhamos com pesquisa de ponta, alta tecnologia. Essa pedra vem do meu país e eu descobri que ela tem mínimos traços de nióbio, um metal raro no mundo, mas muito abundante em meu país. Eu descobri, por acaso, que apontando três raios lasers em ângulos específicos concentrados nos pontos onde estão os traços de nióbio, a estrutura do nióbio é alterada de uma maneira nunca vista. Mas não há nada demais nisso, é apenas uma pesquisa sem consequência, que nem publicada foi. Como isso não foi divulgado, por que não tem consequência alguma, resolvemos fazer esse teste com o Sr. Wolf.

— Sr. Ferrer, me diga onde conseguiu essa pedra. Quem lhe deu essa pedra?

— Ninguém me deu a pedra. É uma pedra que peguei do jardim de minha casa, no Brasil, alguns meses antes de vir para os Estados Unidos. Há centenas delas no meu antigo jardim.

Não sei o que Geoffrey terá pensado, mas reparou que o Coronel estava coçando o queixo e olhando para baixo. Talvez tenha pensado que fui muito rápido e criativo na minha explicação e exclamou com grande convicção:

— Exatamente! Anton me falou sobre essa curiosidade do efeito dos lasers sobre as partículas de nióbio e resolvemos testar a capacidade do Sr. Wolf. Depois iríamos contar para ele sobre a pesquisa do Sr. Ferrer e, eventualmente, publicar qualquer coisa sobre essa “experiência”.

O coronel Sheldon continuava coçando o queixo olhando para o chão, e às vezes para o teto. O Capitão Benitez fazia expressões de quem não estava convencido. Dava a impressão de que o máximo que sabia sobre física era a existência da Tabela Periódica dos Elementos, e que raios laser eram também vistos em boates como entretenimento. Talvez por isso fizesse gestos faciais que expressavam desacordo, sem ser específico sobre qual caminho tomar. Vez ou outra nesses longos segundos os dois oficiais trocaram olhares. Em certo momento o Coronel Sheldon, sendo compelido internamente a tomar alguma decisão, se manifestou:

— Senhores, isso parece muito estranho. Como já disse, não respondemos perguntas. Mas temos informações que indicam muito grande surpresa do Sr. Wolf sobre a impossibilidade da existência de tal material, tanto por sua origem natural, quanto produzido em algum laboratório. Ele se mostrou muito surpreso e, após algumas agradáveis conversas conosco, disse que a pedra tinha sido entregue por vocês com a solicitação de que pesquisasse algum mistério.

— Exatamente! — disse Geoffrey, tentando expressar a maior convicção possível. — Esse era o objetivo. Saber até onde uma coisa feita em um laboratório, no Brasil, poderia iludir um pesquisador sério como ele.

— Pois é, senhor Thopson, pode ser. Mas também pode não ser. Não sei por que, acho que não está falando toda a verdade. Infelizmente devo comunicar-lhes que irão ficar aqui por mais algum tempo até que possamos averiguar melhor a sua estória. É óbvio que sabem que nossa conversa está sendo filmada e gravada. Conversaremos com nossos especialistas e amanhã voltaremos a nos encontrar. Não se considerem presos, mas

convidados especiais. Ofereceremos um jantar nos seus alojamentos, que serão separados, e amanhã retomaremos nossa conversa.

Geoffrey ainda tentou protestar, mas já pouco convencido de qualquer possibilidade de sucesso.

— Coronel Sheldon, isso está de acordo com a lei, com a Constituição?

— Sim, Sr. Thompson. Estamos diante de um caso de potencial ameaça à segurança nacional e, de acordo com a lei, o Ato Patriótico, de 26 de outubro de 2001, podemos mantê-los aqui para as devidas averiguações.

Não havia muito o que fazer. Já devíamos nos dar por satisfeitos de o Coronel Sheldon ter, aparentemente, engolido a nossa estória. Fomos encaminhados a pequenos quartos com banheiro. Havia apenas, e tão somente, uma mesa, uma cadeira e uma cama. Eu não costumava usar relógio de pulso e, sem o celular, tinha apenas uma vaga noção da hora. No que acredito ter sido umas oito da noite foi servido um jantar simples com suco de laranja. Mesmo sem muita fome, dadas às circunstâncias, me alimentei. A porta do quarto estava trancada por fora e, no que creio ter sido dez horas da noite as luzes se apagaram. Sem mais o que fazer, deitei-me na cama e em pouco tempo adormeci, não sem antes pensar que naquela ocasião seria bem-vindo um daqueles meus sonhos lúcidos. Mas nada aconteceu. Incrivelmente, dormi como uma pedra.

Acordei com uma leve dor de cabeça quando ouvi batidas na porta com alguém do “serviço de quarto”, acompanhado de um homem fardado, me serviu um frugal café da manhã.

— Sr. Ferrer, tome seu café da manhã e esteja pronto em quinze minutos para me acompanhar. E assim foi. Exatos quinze minutos depois o mesmo homem abriu a porta e pediu que eu o acompanhasse.

Fui levado à mesma sala do dia anterior onde Geoffrey já estava. William Wolf também estava lá. Sentei-me ao seu lado cumprimentando-o com um aceno com a cabeça, ao qual ele, em silêncio, respondeu. Em pouco tempo os Srs. Sheldon e Benitez apareceram, dessa vez um pouco mais simpáticos.

— Bom dia, senhores. Espero que tenham dormido bem. Sr. Wolf, responda-me, o senhor sabe explicar o que aconteceu com o interior dessa pedra? Vou lhe dizer o que o Sr. Ferrer explicou e quero ouvir sua opinião. E repetiu, quase palavra por palavra, o que eu havia dito na noite anterior.

— Então Sr. Wolf? O senhor considera plausível a tese do Sr. Ferrer?

— Humm...eh...não sei o que dizer. Eu nunca vi esse efeito antes. Nunca tive conhecimento de uma experiência com lasers em um mineral inteiro, ou seja, sem que seja parcialmente destruído, e, menos ainda, que altere um metal da forma como identifiquei. Acho que já disse isso aos senhores, mesmo sem saber dessa interessante formulação com os lasers em ângulos específicos. Sua estrutura molecular foi alterada de uma forma nunca identificada.

— O que tem a dizer sobre isso, Sr. Ferrer? Como poderia saber, como afirmou, que “foi uma experiência sem consequências?

Novamente tive que pensar rápido.

— Sr. Sheldon, o senhor obviamente deve saber que os laboratórios de pesquisa em meu país não são, nem de longe, tão avançados quanto os que temos aqui nos Estados Unidos. Por lá ninguém identificou anomalia significativa, mas apenas uma curiosidade científica de uma leve alteração na estrutura no interior da pedra. Nada significativo. Simples assim.

— Humm — murmurou Sheldon, voltando-se para Geoffrey.

— Sr. Thompson, com base em uma informação como essa o senhor achou legítimo perder o seu tempo e o do Sr. Wolf com algo que alegam ser tão banal?

— Como dissemos, Sr. Sheldon, foi uma brincadeira acadêmica. Talvez equivocada, posso concordar com o senhor...mas apenas isso. Queríamos ver até onde o nosso querido Sr. Wolf iria com esses resultados.

Sheldon e Benitez se entreolharam e, como se já houvesse uma combinação prévia entre eles, Benitez falou:

— Senhores, nossa missão na NSA é investigar e somos bons nisso. Se estiverem dizendo a verdade não haverá consequências. É isso o que espero. Iremos devolver seus celulares e os levaremos de volta ao campus da universidade. Vou dar uma sugestão e uma orientação: a sugestão é a de não procurarem advogados e não tornarem públicos esses, digamos, eventos dos últimos dias. Não gostamos de publicidade e, menos ainda, de advogados. A orientação é que deixaremos um telefone de contato para que nos informem, com antecedência, se forem se afastar por um raio de mais de cem quilômetros de distância do campus do MIT. Não tentem rastrear esse número, pois ele não é rastreável, mas saberemos se tentarem. E, naturalmente, ficaremos com a pedra. Mais uma coisa, quando forem

levados de volta vão direto para suas casas e fiquem lá pelo dia de hoje. Conversem entre si apenas amanhã. Estamos entendidos?

Não havia o que dizer, já que estávamos em condição de completa submissão a um poder do Estado. Assentimos com suas condições e levaram-nos para o transporte que nos havia trazido até aquele lugar. Apenas quando nos retiraram da van, nas proximidades do campus, demos conta de que era ainda muito cedo, na hora do alvorecer, e o campus estava praticamente deserto.

E assim aconteceu. Ao desembarcar da van apenas nos olhamos e cada um tomou sua direção.

Capítulo 10 O que fazer?

assei o dia tentando entender o que havia acontecido. Por mais treinada que fosse a minha mente estava imerso em um estado de confusão mental. Recuperei em minha memória todos os eventos desde que aquilo havia começado, tentando estabelecer alguma sequência lógica.

Lembrei-me das palavras do Pe. Carlos, a Navalha de Ockham, a probabilidade que essas experiências fossem fruto da minha mente, com a qual acabei concordando, a disposição de Geoffrey em, mesmo pensando de forma parecida com o Pe. Carlos, testar a tese apenas para afastar a imensamente improvável situação de ser algo diferente.

O que havia acontecido nos últimos quinze dias, a começar de minha conversa com Geoffrey, que apoiava a tese de que não havia mesmo algo extraordinário acontecendo. Como poderia a Agência Nacional de Segurança dos Estados Unidos saber sobre a nossa “brincadeira” com o mineralogista William Wolf? Diante de uma situação como essa nada mais natural do que pensar “fora da caixa” ou em teorias da conspiração. Imaginei que eles simplesmente espionavam todo mundo e, com seus poderosos algoritmos, se identificassem algo particularmente estranho, investigavam. Nessa teoria, seria natural que tivesse uma palavra-chave que ligasse a qualquer coisa que tivesse relação com o MIT, já que era um dos principais centros de pesquisa do mundo.

Mas... daí a nos prender em função da pesquisa em torno da pedra?... Geoffrey, na sua incredulidade, e eu, sabíamos que essa estória de brincadeira com o William Wolf, foi uma invenção criada na hora em que estávamos sendo investigados. E se o William não acreditasse, provavelmente não geraria consequência alguma, pois ele não tinha recebido autorização para fazer o que se chama “análise destrutiva”, ou seja, não poderia quebrar a pedra de qualquer forma em sua pesquisa. No entanto, estava ali, completamente perdido e sem uma explicação plausível, que não fosse o fato de existir algo realmente extraordinário naquela pedra. O que William teria encontrado que o deixou tão surpreso? Não era nenhum iniciante no ramo.

Sempre gostei de pensar no que batizei de “pensamento em segmento de reta”. Essa lógica antoniana, (de Anton, eu mesmo) diz que as pessoas adoram acreditar em coisas misteriosas só até a parte que as interessam. Ocorre que também adoram esquecer a parte que as desagrade, ou desafia a sua lógica. E eu, sabedor de minha própria lógica, não poderia esquecê-la justamente quando os eventos naturais a desafiam. Consegui imaginar duas hipóteses, mas nenhuma plenamente sustentável. A primeira é que William teria cometido um erro grosseiro, talvez influenciado pelo pedido fora do comum de Geoffrey, e pela encenação que fizemos. A NSA teria hackeado seus computadores e, por mecanismos internos de alerta inscritos em seus algoritmos, iniciado a investigação à sua moda. Nessa hipótese, com os recursos que dispõe, não se dariam por satisfeitos com minha tosca explicação sobre os raios laser em ângulos. Certamente iriam reproduzir o experimento nas mais variadas condições, até terem certeza de que se tratava de uma farsa. E aí, o que fariam? Possivelmente iriam nos “convidar” para outra conversa. E, nessa hipótese, ainda continuaríamos com o mistério da pedra.

A próxima hipótese, por improvável que fosse, seria a de que realmente havia algo especial naquela pedra. Ocorre que, como disse sobre o “pensamento em segmento de reta”, para isso ser verdade, todo o resto também teria que ser. E todo o resto era muito. Muito!

Significaria que tudo o que sonhei, todas aquelas conversas com meus “anjos da guarda”, que não eram “anjos da guarda”, mas seres espaciais que transitavam em uma gigantesca, mas invisível, nave espacial, seriam reais. E que havia um propósito em tudo isso. Não pude evitar pensar em meu

psiquiatra. Louco ou não, aquilo tudo estava acontecendo, e não era fruto de uma imaginação perturbada. Havia testemunhas pelo menos da parte da estória que envolvia a NSA e nossa estranha captura por parte de uma agência do governo. Diante disso, resolvi seguir à risca as orientações do Sr. Sheldon e não estabelecer comunicação com meus parceiros naquele dia. Pensando na provável hipótese de estarmos sendo hackeados, decidi não usar o celular para marcar um encontro, mas aguardar até o dia seguinte e pessoalmente convidá-los para uma conversa.

Imaginei o grau de ansiedade que ambos deveriam estar sentindo. Eles não tinham o nível de informação que eu dispunha. Não tinham conversado com “anjos da guarda”, nem estado em naves estelares, nem tido pedras se materializando em suas mãos. Tinham apenas a minha estória e suas bizarras consequências. William Wolf tinha, ao menos, algo tangível a dizer sobre sua pesquisa em relação à pedra. E como tinha sido preso dois dias antes de nós, não sabíamos o que havia acontecido com ele nesses dois dias, e a que pressões havia sido exposto.

Isto posto, entendi que seria melhor conversar primeiro Geoffrey e compartilhar minhas dúvidas. E assim fiz no dia seguinte. Encontrei-o logo pela manhã e combinamos de almoçar juntos, o que seria muito normal. Pouco depois do meio-dia nos encontramos em um restaurante nas proximidades que nunca tínhamos ido.

— Anton, não dormi nem por um segundo essa noite. Isso está ficando pesado. Você sabe mais do que eu sobre isso...Onde estamos nos metendo?

Expliquei a Geoffrey todas as minhas hipóteses, sem ocultar nada, e manifestando a mesma surpresa que ele, deixando claro que eu tinha mais informação do que ele, mas que eram de natureza absolutamente subjetiva, que estava tudo em minha mente, menos a pedra.

— Pois é, Anton, essa pedra... Que raio de pedra é essa? O que diabos William terá visto nessa pedra, que esses caras da NSA ficaram tão interessados? Também concordo que aquela sua explicação foi mera “estória pra boi dormir”... Esse caras estão com a pedra e vão descobrir, seja lá o que estiver lá dentro...

— Eu também acho, amigo. E também acho que nos “soltaram” rápido demais. Se o caso é tão extraordinário, e você fosse eles, nos deixaria livres assim, tão facilmente?

— Não, não deixaria. Aí tem coisa!

— Geoffrey, de qualquer maneira, temos que falar com o Wolf. Ele ficou lá mais tempo do que nós e precisa dizer alguma coisa. E eu já verifiquei que ele está trabalhando normalmente. Vamos procurá-lo.

— Ok, Anton. Como fui eu que tive a ideia de falar com ele sobre isso vou pedir que nos encontremos no fim do dia, ok?

— Ok.

— Então marcamos no nosso Café habitual e, se ele concordar, está marcado lá às 19:00 hrs. Se não der certo, eu passo no seu laboratório e te aviso. Nada de celulares.

— Combinado!

As horas se arrastaram ao longo da tarde, mas como Geoffrey não apareceu, me dirigi ao local marcado, chegando alguns minutos antes deles, que chegaram separados, por um intervalo de poucos minutos. O ambiente não estava para muitos sorrisos. Após as naturais expressões de surpresa pelos eventos dos últimos dias, fomos direto ao ponto. Eu tomei a iniciativa.

— William, sei que você é um super qualificado mineralogista. O que, afinal, você viu nessa pedra, que poderia ter chamado tanto a atenção da Agência de Segurança Nacional, de forma tal, que achassem justificável nos prenderem?

William Wolf estava mais do que sério. Seu rosto mostrou expressões graves, às quais respeitamos, e permitiu-se trinta segundos de silêncio antes de começar.

— Senhores. A explicação dada para o que existe nessa pedra não convenceu a mim, e posso garantir que também não convenceu a NSA. Vocês acham que eles são idiotas? Que você, Anton, conta uma estória sobre raios laser, em ângulos específicos, e blá, blá, blá, e eles, simplesmente, acreditam?

Fizemos uma expressão interrogativa e William continuou.

— Mesmo realizando análises não-destrutivas, posso afirmar categoricamente que o que está naquela pedra não existe na natureza e também não pode ser feito artificialmente. O que está naquela pedra não pode existir! Não pode existir, mas está lá.

— Como assim, William? — interrogou Geoffrey. — Como “não pode estar lá”?

— Porque o que está dentro dessa pedra, as tais partículas de nióbio, não são de nióbio, nunca foram, e sei que você inventou essa estória,

porque alguma estória é quase sempre melhor do que nenhuma. Mas o que está lá dentro eu sei, por que fiz uma análise espectroscópica, que os senhores sabem que significa mandar luz e observar o retorno, e com isso saber de que material se trata. O resultado dessas análises indicam, não, provam, que se trata de um elemento que não consta da Tabela Periódica dos Elementos. Aquilo não existe na natureza. E nós não dispomos de tecnologia, nem da energia necessária para produzir aquilo. O que está ali é fruto de transmutação da matéria. Ou seja, era uma coisa e, muita, mas muita energia aplicada depois, se tornou o que está ali. Não há explicação para isso.

— Quem sabe nióbio transmutado? — perguntou Geoffrey.

— Geoffrey, não ofenda a minha inteligência... Sei que essa estória foi inventada na hora, como já disse, e é óbvio. A energia que foi aplicada ali simplesmente se aproveitou dos minerais, simples e comuns, que já estavam ali e transformou em outra coisa. Vocês têm alguma explicação para isso, já que foram vocês que me procuraram? Não foi uma brincadeira, nem mera coincidência.

Nos entreolhamos pensando no que iríamos dizer. Eu havia iniciado isso e achei que era minha responsabilidade dizer alguma coisa. Mas antes disso resolvi perguntar algumas coisas, pois tínhamos que saber o que William havia dito aos agentes da NSA.

— William, o que você disse para aqueles agentes? O que contou para eles? Sabe como eles descobriram sobre sua pesquisa?

— Não, Anton, não sei. Mas já não é de hoje que tenho a impressão de que estou sendo observado. Mas, afinal, quem não está? E quanto ao que eu disse para eles, foi a mesma coisa que disse agora, exceto essa estória do nióbio, que você inventou. Disse que temos tecnologia para transformar um elemento em outro, mas não qualquer elemento. O que estava lá dentro não existe na natureza e nós não somos capazes de realizar isso, e que mesmo que soubéssemos, precisaríamos de quantidades imensas de energia. E esse material que está lá dentro é absolutamente desconhecido. Foi isso o que disse. Agora é sua vez, Anton. O que existe nessa pedra? Que pedra é essa?

— William, honestamente eu não sei o que essa pedra contém. Não tenho a mínima ideia. Mas, infelizmente, não seria bom para ninguém,

especialmente para você, se eu contasse mais sobre o que sei sobre ela. De qualquer jeito, você não acreditaria.

— Por que não tenta, Anton? Tenho a mente aberta...

— Não posso, William. Nem eu tenho certeza sobre o que sei, mas sei que o que sei, se não for uma completa alucinação, representaria um risco para sua própria segurança.

— Que conversa é essa sobre “se não for uma alucinação completa”? Alucinação? A porra da pedra está lá, com a NSA, com seja lá o que for lá dentro e que ninguém sabe o que é! Quanto tempo acha que vai levar até eles saberem, com certeza, do mesmo o que eu já sei? Dias? Horas?

Geoffrey olhou-me nos olhos fazendo um leve movimento com a cabeça indicando negação. A mensagem subliminar era: “não fale nada”. Entendi, concordei e continuei:

— Willam, não posso mais tratar desse assunto agora. Sinceramente, espero que no futuro próximo eu possa falar mais. Nesse momento, não teria certeza sobre o que dizer, e não seria benéfico para ninguém. Agradeço sua generosidade em dividir conosco suas informações, mas teremos que encerrar nossa conversa.

E, não havendo mais o que dizer, e não querendo dar oportunidade para mais questionamentos, me levantei da mesa. Geoffrey me acompanhou no movimento, e nos despedimos com o implícito compromisso de voltarmos a falar em breve para tratarmos do objeto dessa conversa.

Fui caminhando para casa pensando nas palavras de William: “o que está lá dentro não existe na natureza e nós não somos capazes de realizar”... Nós, humanos... Então quem pode?

Capítulo 11 Contatos Imediatos do Terceiro Grau

s dias e semanas se passaram e nada aconteceu. Não falamos muito mais no assunto, por estranho que possa parecer. Mas, sim, Geoffrey e eu tivemos uma única conversa sobre isso. Como se faz quando se é um cientista, um técnico da ciência, que se confronta com um absurdo dessa magnitude? Há duas posturas possíveis: continuar investigando ou esquecer.

Continuar investigando não era uma opção, pois não tínhamos mais a pedra, e o resto estava no campo da especulação subjetiva. O que tínhamos de concreto estava encerrado em minha mente e nas declarações de William Wolf.

Coisas incomuns provocam reações incomuns. O que você faria diante de uma coisa dessas? Uma estória alucinante, nenhuma prova, uma prisão que não foi uma prisão, uma pedra fantasmagórica que tem qualidades que fogem daquilo que a natureza ou o engenho humano permite, e nada mais? Procuraria um psiquiatra, de novo, para você e seus parceiros? Fingiria que não viu? Esqueceria?

Não se pode esquecer eventos assim, mas ainda assim, o que fazer? Conversamos poucas vezes sobre o assunto. William Wolf queria esquecer isso mais do que eu e Geoffrey. E a esperada visita dos agentes da NSA não aconteceu. Teriam descoberto que William estava enganado e, portanto, podiam nos deixar em paz? Ou teriam descoberto que realmente havia algo de estranho na pedra, e escolheram aguardar em silêncio os nossos próximos movimento?

Nada podíamos fazer além de levar nossas vidas e esperar que talvez algo acontecesse.

Além de nós, o mundo vivia uma época estranha. Os países estavam se recuperando da primeira pandemia do século XXI e não apenas as economias estavam abaladas. Em todos os cantos do planeta as pessoas tinham dúvidas acerca do futuro. O isolamento compulsório e o empobrecimento daí derivado criaram incertezas que antes estavam escondidas no fundo de suas almas. Pobres ficando mais pobres, grande crescimento no número de suicídios e polarização ideológica como ainda não se havia registrado em tempos de paz.

A União Europeia estava às portas da desintegração, depois da saída do Reino Unido. Os representantes do Parlamento Europeu trocando acusações de incompetência entre si, ameaçando com retaliações econômicas os países “incompetentes”, sendo que cada um tinha sua definição de incompetência. Os países mais endividados acusavam os mais ricos de prepotentes e de querer se apropriar de suas empresas e suas economias, ao mesmo tempo em que afirmavam que estavam acabando com a Europa com suas políticas de imigração, tendo a Alemanha e a França como seus principais representantes.

As disputas comerciais entre Estados Unidos e China estavam em seu pior momento em décadas. A China estava próxima de se tornar a principal potência econômica do mundo e seus gastos militares tinham atingido níveis sem precedentes. E como subproduto dos anos de pandemia da COVID-19 dois fenômenos atingiam em maior ou menor escala todos os países: as pessoas usufruíam de menos liberdades individuais e estavam divididas em grupos ideológicos onde uns exigiam liberdade de expressão, de movimento e de empreender, e outros defendiam que o Estado deveria intervir para que as desigualdades sociais se reduzissem, mesmo à custa de apenas um pouco de liberdade. Além dessas divisões outro fator unia quase todos: a desinformação generalizada provocada pelas bolhas da internet. Cada subgrupo acreditava estar certo sobre as coisas importantes porque os algoritmos das redes sociais provocavam a aglutinação dos iguais, causando a sensação de certeza para qualquer teoria que qualquer um desejasse difundir.

A sensação que se tinha era que, de fato, ninguém tinha certeza dos rumos que o mundo tomaria, de certa forma confirmando as previsões de Yuval Hoah Harari, escritor israelense, que anos atrás havia feito previsões sombrias sobre os destinos do mundo. Aproximadamente dois meses haviam se passado desde a nossa “prisão” e nada havia acontecido. Não fomos mais procurados pelos agentes da NSA e tudo seguia normalmente, dentro do que havia se convencionado chamar de normal. Esse estado de coisas não iria durar muito.

Resolvi fazer uma viagem à região montanhosa próxima ao condado de Hartford, a uns cento e cinquenta quilômetros de Boston. Não sei por que fiquei por alguns dias com lembranças recorrentes dos acampamentos que fazia com meus pais na minha infância e pré-adolescência. Lembro de ter pensado que bem que poderia ter uma namorada para dividir meus pensamentos, assim como as delícias que uma companhia feminina poderia trazer. Não tinha e, assim mesmo, comprei uma pequena barraca e demais apetrechos de acampamento e parti. Mas não sem antes ligar para o número que nos havia sido dado pelos agentes da NSA e ligar avisando, já que iria me afastar mais de cem quilômetros do campus do MIT. Fui atendido ao telefone por um robô, que prontamente me reconheceu, talvez pelo nome, pelo número do celular ou pela voz, sei lá. Mas disse que minha comunicação de viagem estava registrada e que estava tudo bem.

Cheguei à tarde, mas ainda dia claro. Havia uma área de camping com ótima infraestrutura. Não era isso o que eu queria. Queria o maior isolamento que pudesse ter. Queria fazer uma fogueira sozinho, tocar um pouco de violão e olhar as estrelas. Andei mais uns dez quilômetros e encontrei o lugar perfeito. Montei minha barraca em uma pequena colina bem próxima a um riacho que passava na parte de baixo. Acendi minha fogueira pouco antes de ficar tudo escuro. A fogueira me daria toda a luz necessária até a hora de dormir. Comi um sanduíche e toquei um pouco de violão como havia planejado. Foi quando me pus a contemplar as estrelas que o impossível aconteceu.

— Sr. Benitez? Aqui é o agente Sullivan.

— Sim.

— Temos um problema. Sugiro que venha imediatamente ao Centro de Controle Alfa.

— O que se passa?

— Senhor, por favor, venha imediatamente.

Em minutos os Sr. Benitez e Sheldon estavam no Centro de Controle Alfa. Isso não era um evento comum, pois havia protocolos específicos para situações anormais.

— O que houve, agente Sullivan? — perguntou Sheldon.

— Senhores, o objeto ADF456, que havia avisado que se ausentaria da cidade, e se deslocou até a região de Hartford e simplesmente evaporou no ar. Desapareceu.

— Como assim, Sr. Sullivan? Evaporou? Pessoas não evaporam? É possível que tenha descobertos os sensores que implantamos neles?

— Parece que não, senhor. Esse não é nosso único problema. Nosso problema é que , em menos de um segundo depois, o objeto reapareceu nas mesmas coordenadas, mas...há cinquenta quilômetros de altura.

— O quê? — disse Benitez.— Essa droga deve estar com algum defeito!

— Senhor, antes de chamá-los fiz todos os testes de verificação que o protocolo exige. Não posso dizer com certeza de que o objeto ADF 456 está a cinquenta quilômetros de altura, mas afirmo categoricamente que o nosso sensor, que foi implantado no objeto, está flutuando nas mesmas coordenadas, mas a cinquenta quilômetros de altura.

— Como isso é possível Sullivan?

— Eu não sei explicar, Sr. Sheldon, mas olhe os dados. Vê? O sistema que tem altíssima sensibilidade tridimensional acusa sua presença nesse ponto até às 20:03:24 no horário local e um segundo depois aqui, no mesmo lugar, mas a cinquenta quilômetros de altura. A menos que esteja em uma aeronave altamente especializada, que só nós temos, estaria morto quase instantaneamente, por frio e falta de oxigênio. E mesmo assim, não poderia fazer isso em um segundo. E mesmo que, de algum jeito que desconhecemos, tivesse descoberto o sensor, não haveria meios de fazê-lo subir cinquenta quilômetros em menos de um segundo.

Esse era mesmo um grande problema. Sheldon e Benitez acompanhavam de perto o caso do objeto ADF 456 e ainda não tinham chegado a uma conclusão firme sobre aquela estranha pedra.

— Sr. Sullivan, me passe as exatas coordenadas da localização do objeto e cumpra o protocolo de segurança, ou seja, quero silêncio absoluto sobre esse evento. A partir de agora está classificado como “Grau Máximo de Confidencialidade”, o senhor entendeu?

— Sim, senhor.

Saíram da sala e no caminho Sheldon disse a Benitez:

— Vamos para o meu escritório e peça que liguem para o General Von Hausen.

— Sheldon, tem certeza de que quer mesmo fazer isso? Já pensou nas consequências?

— Benitez, já pensou nas consequências se houver mesmo algo extraordinário nisso? Teremos sido omissos em uma coisa grave, se for grave. E se não for, vai simplesmente desaparecer no esquecimento, como já fizemos outras vezes.

O General Von Hausen era o Diretor Geral da National Security Agency (NSA), e tinha ligações muito próximas com o NORAD, o Comando de Defesa Aeroespacial dos Estados Unidos. Não era homem de muitos sorrisos e tinha consolidado sua carreira fazendo difícil a vida de russos e chineses, ávidos por criarem novos artefatos de guerra capazes de enganar as defesas americanas. Dispunha de verbas quase ilimitadas para criar aparelhos capazes de detectar qualquer coisa que ocorresse na atmosfera terrestre em qualquer parte do globo.

— Pois não, Sheldon. Imagino que saiba que tem que ser muito importante para me importunar a essa hora.

Com algum receio, mas determinado, Sheldon explicou detalhadamente o caso para o general. Von Hausen escutou e disse que iria fazer um telefonema e retornaria a ligação em cinco minutos, não sem antes perguntar se tudo o que havia contado estava absolutamente registrado, como exigem os protocolos, o que Sheldon confirmou categoricamente.

E como combinado, em cinco minutos, o telefone tocou.

— Sheldon, eu já estava mesmo esperando uma oportunidade de testar meus novos “brinquedos”. Estou mandando dois drones hipersônicos de última geração para as coordenadas que foram indicadas. Da última vez que os coloquei em operação a imprensa passou uma semana dizendo que UFOs tinham sido vistos na área de Utah. Agora é a vez de Massachusetts... Te deixo saber sobre isso. Já sei que não vai ser nada mais uma vez. Enquanto isso, mande uma equipe encontrar esse sujeito desaparecido, pois ele tem que estar em algum lugar.

E não é lá em cima.

— Certamente, general. Muito obrigado e até breve.

E lá estava eu novamente. O mesmo ambiente, a mesma nave. Mas não era a mesma coisa. Dessa vez era diferente. O primeiro e mais básico teste sobre sonhos lúcidos é tentar se lembrar onde estava antes e como se chegou ali, naquela cena. Eu me lembrava perfeitamente que estava em meu acampamento, diante do fogo e tinha acabado de parar de tocar violão. Não aconteceu nada entre um momento e outro, e não tinha fumado maconha nem bebido álcool, o que não seria nada demais em uma situação idílica como aquela. E agora estava ali.

Não demorou muito e meus “anjos da guarda”, João e José apareceram. Mas não em suas formas habituais, mas na forma que os vi da última vez, na forma humana.

— Olá Anton — disse João, dizendo José a mesma coisa.

— Olá, senhores. Já faz algum tempo...

— Sim, pouco mais de dois meses, segundo sua contagem de tempo. Como não temos muito tempo, do seu tempo, diga-nos, o que achou de nossa prova irrefutável?

— Não sei o que dizer... Não pareceu tão irrefutável assim, mas me arrumou muita confusão. Fomos todos presos, como devem saber. Mas antes de continuarmos, digam-me vocês uma coisa: Por que dessa vez parece diferente, e por que estão com aspecto humano?

— Anton, agora parecemos humanos porque essa condição é a que melhor satisfaz a nossa missão. Irá entender melhor em breve. E respondendo sua primeira pergunta, essa vez parece diferente porque não está naquilo que chama de um sonho lúcido. Quando nosso encontro acabar não irá acordar em sua cama ou jardim, como antes aconteceu. Nós o trouxemos para cá fisicamente. Esse corpo, seu corpo físico, é mesmo o seu corpo físico.

Senti novamente aquele embrulho na barriga de quem está diante do absurdo. Eu também sentia que era real. Sabia que não estavam mentindo. E tendo sempre em mente um dos meus pilares fundamentais do meu tipo de pensamento, o “pensamento em segmento de reta”, se aquilo era verdade, todo o resto deveria ser verdade. Essa constatação quase me levou à perda de consciência. Uma tontura que durou alguns segundos, mas fui capaz de controlar.

— Então vocês são mesmo seres alienígenas! Isso aqui é real! Vocês vêm de outro mundo e estão realmente aqui! É isso mesmo?

— Sim, Anton. Nós não somos da Terra. Viemos de um lugar muito distante. Mas fique calmo e não se preocupe demais agora. Não fique com medo. Há um propósito para o que está vivendo e você estar fisicamente aqui faz parte desse propósito.

São interessantes os mecanismos que nossa mente se utiliza para situações bizarras. Minha personalidade tinha a tendência ao humor e ao sarcasmo diante do inusitado, como já disse. E isso era muito inusitado.

— Claro! Afinal por que ter medo? Só porque tenho sonhos estranhos com seres de outro planeta, que materializam pedras em minhas mãos, me mudo para os Estados Unidos, esses sonhos me perseguem, sou preso pela agência de segurança mais poderosa do mundo por causa de uma pedra misteriosa, e agora me dizem que estou fisicamente, o que acredito, em uma nave do outro mundo, falando com seres do outro mundo... Por que deveria ter medo? Tudo muito natural...

— Ficamos felizes que se utilize dessa maravilhosa capacidade humana, que é o humor, para lidar com a novidade. Mas, sim, seu relato corresponde, em grande parte, à verdade. Tudo o que disse é verdade.

— Certamente se lembra que dissemos que a mensagem seria dada em duas fases. Agora estamos na segunda fase. Hoje você irá conhecer o Comandante da Nave. Ele irá responder muitas de suas perguntas. Mas

antes que isso aconteça queremos que veja uma coisa, que lhe causará apreensão e contribuirá para que perceba o que está por vir. Não se assuste. A nave irá ficar translúcida por algum tempo.

E isso dito, as paredes e o chão foram se esvanecendo no ar e ficando completamente transparentes. Lá estávamos, flutuando no ar, olhando para a imensidão do espaço, assim como a Terra, belíssima, abaixo. Aquela visão proporcionou uma sensação de êxtase. Devia ser o que viam os astronautas da Estação espacial, ainda que parecesse que estávamos em altitude muito inferior.

— Que lindo! — disse sem conter minhas emoções.

— Sim, Anton. É mesmo admirável. Mas olhe bem naquela direção, disse José apontando para um ponto abaixo. Está vendo aqueles dois pontos de luz, viajando rápido em nossa direção? Sabe o que são?

— Não tenho a mínima ideia? Seriam satélites? Não, satélites não orbitam tão baixo...

— Não são satélites. São aparelhos enviados pelo seu governo, que identificou que você está fisicamente aqui. Eles implantaram um sensor no seu corpo, e no dos seus amigos, que permite rastreá-lo, mesmo aqui.

E, assim, puder ver os drones hipersônicos.

— Não se preocupe. Eles não podem nos ver. Não podem nos detectar. Na verdade, só podem detectar o sensor em seu corpo porque permitimos. Poderíamos bloqueá-los, mas desejamos que saibam que está aqui, algo que não poderia acontecer.

Os drones orbitaram a nave em círculos de mais de duzentos quilômetros, já que quando se está a mais de dez mil quilômetros por hora as curvas são longas.

— Por favor, Anton, venha conosco pois é chegada a hora de conhecer nosso Comandante. Ah, temos uma sugestão. Lembra-se de que você nos “batizou” de João e José, para facilitar nossa identificação? Sugiro que, por hora, trate o Comandante por esse nome. Chame-o apenas de “Comandante”.

Por que não, pensei? Alguém com autoridade sobre os meus “ex-anjos da guarda” e uma nave tão grande e poderosa muito bem poderia ser chamado de “Comandante”.

m sua configuração humana, meus “anjos da guarda” me conduziram por corredores e elevadores até chegarmos a um salão que em nada parecia com o que imaginava como o “centro de comando” de uma nave estelar. Senti-me como na Matrix, um lugar irreal como se fosse criado especialmente para mim. Duas poltronas, um ambiente difuso, com aquela sempre presente sensação de que as coisas não estavam realmente lá. Era um ambiente grande, mas não mais do que diria ter uns cem metros quadrados.

E lá estava ele. O Comandante, em pé e de costas para quem chegava nesse ambiente, meus “anjos” e eu.

— Seja bem-vindo, Anton. Fico feliz que tenhamos chegado até aqui.

Dito isso, virou-se, e pude ver sua fisionomia. Não era muito diferente de João e José, meus “anjos”. Talvez daqui para frente não deva mais chamá-los de anjos, já que são tripulantes de uma nave estelar, multidimensional, sei lá. De toda maneira, o Comandante se vestia como eles, calça e camisa brancas folgadas, cabelos e barbas longas. Nada além do que já havia visto com meus antigos amigos.

E continuou.

— Imagino que tenha muitas perguntas.. O que está acontecendo? Porque está aqui? Não é? Por favor, sente-se e vamos conversar. Antes que pergunte devo dizer que responderei muitas perguntas, mas não todas. E antes que pergunte, irei contar o que estamos fazendo e porque, em boa medida, isso está acontecendo.

Lembrando-me da recomendação de José, respondi:

— Sim, Comandante. Estou mesmo curioso...isso tudo é muito inusitado e gostaria de saber mais. Ele, com um gesto corporal, indicou a poltrona onde eu deveria sentar, e falou:

— Anton, gosto de começar perguntando sobre o que gostaria de saber. Gosto de saber antes o que meus visitantes pensam sobre esse encontro, o que realmente acham que está acontecendo. Diga-me, o que acha que está acontecendo?

— Comandante, eu não tenho uma resposta clara. Agora eu sei que não mais se trata de um sonho, um delírio. Acredito que realmente eu esteja aqui, e que o que estou vendo é real. Mas sou incapaz de imaginar o porquê, a razão. Sou um cientista. Se vocês não são da Terra, devem vir de muito longe e sua civilização é muito mais avançada do que a nossa. Acabei de ver “pelas paredes” dois drones hipersônicos, que estão entre as coisas mais avançadas que produzimos e eles foram incapazes de detectar a nave, mesmo contando com uma imensa rede de satélites militares girando em volta do globo.

— É verdade, Anton. Nós viemos de muito longe, pela perspectiva que está acostumado. Centenas de anos-luz.

— Centenas de anos-luz? Como é possível? Estão viajando a milhares de anos?

— Não, Anton. Mesmo para nós isso seria uma perda de tempo ao qual não podemos nos permitir. Para nós essa viagem demora, o que seria na sua medida de tempo, não mais do que três dias.

— Mas Comandante, e a Relatividade? Einstein demonstrou matematicamente que nada que tenha massa pode se deslocar mais rápido que a luz, e essa nave obviamente tem massa...

— Albert Einstein viu a verdade até onde poderia ver, assim como Isaac Newton o fez séculos antes. Sim, nada pode se deslocar mais rápido do que a luz no espaço. A propósito, não é sobre isso que estuda em suas pesquisas?

— Sim, mas...

— Anton, interprete isso como uma dica. Pense no espaço como se fosse água. É mais fácil se deslocar no ar do que na água, não é? E é muito mais rápido se deslocar em seus aparelhos que vão para a Lua, Marte e outros planetas do que na atmosfera terrestre, não é?

— Sim, é.

— Então deve interpretar o espaço como algo que tem densidade, por menos que pareça. O espaço não é nada. É alguma coisa, é espaço. Mas não devo falar mais sobre isso agora. Temos assuntos mais importantes. Por favor, ouça-me com atenção.

Imaginei que seria impossível não dar toda a atenção. Aquela criatura, entidade, alienígena, sei lá, tinha uma forma de se expressar que emanava tranquilidade com segurança. Sua voz oferecia variações de tom, como

quem possui emoções, mas de maneira absolutamente serena. O que poderia ter para me contar, logo eu, um cientista brasileiro, que nunca fez nada de realmente importante? Tentei por um segundo não pensar no que estava acontecendo. Essas coisas não acontecem na vida real, mas lá estava eu, a cinquenta quilômetros do solo, em uma nave interestelar, conversando com um ser alienígena.

Assenti com um movimento com a cabeça, representando concordância em prestar toda a atenção.

— Anton, a tecnologia que nossa civilização desenvolveu nos permite ter ciclos de vida muito, muito longos. Nós podemos viver por muitos milhares de anos, medidos no seu tempo, que é uma volta da Terra em torno da sua estrela. E junto com essa tecnologia, aprendemos a nos deslocar pelo espaço, na verdade fora de espaço, de maneira muito rápida, como te disse há pouco. Quando conseguimos esse avanço tivemos a mesma curiosidade que vocês têm agora. Estamos sozinhos? Existe vida em outro lugar? Existe vida inteligente em outros lugares? Serão elas parecidas ou muito diferentes de nós? E, com esse poder de deslocamento, fomos buscar essas respostas. E buscando, encontramos.

— O Universo, e a nossa galáxia, estão repletos de vida. A verdade é que, dadas às condições mínimas, a vida não é apenas possível, mas uma imposição das Leis da Natureza. Se existirem as condições a vida emergirá espontaneamente. É uma consequência inevitável de minerais interagindo por milhões de anos. Uma dessas leis é a da auto-organização e repetição por similaridade. Os cristais são um pequeno exemplo disso. Descobrir isso não foi difícil, uma vez que adquirimos essa tecnologia. Mas... e seres inteligentes? Será que também existem, ou estamos sós no Universo no que tange à capacidade de pensar, de ter autoconsciência? Isso deu mais trabalho. Nossa galáxia é muito grande. Tem mais de duzentos bilhões de estrelas. Por onde começar? Mesmo a imensa distância, no espaço tridimensional, procuramos rastros que indicassem vida inteligente, e finalmente encontramos. E com muita procura, encontramos muitos. E quer saber o que encontramos?

Imaginei que era uma pergunta retórica do Comandante. Entre “as perguntas” essa é uma que está muito perto do topo. Eu queria mesmo muito saber quais seriam suas próprias palavras.

— Sim, Comandante. O senhor pode imaginar o tamanho de minha curiosidade sobre a sua resposta.

O Comandante esboçou um leve sorriso, acho que por minha curiosidade, mas logo seu semblante tornou-se mais sério do que o que tinha sido até então.

— Nós descobrimos muito mais civilizações mortas do que vivas. Civilizações que se extinguíram por seus próprios meios. Restos de cidades, fósseis de seres não muito diferentes de nós, em nossos estágios iniciais. E também encontramos muitas civilizações vivas, pujantes, crescentes. A vida inteligente é muito rara. E mais ainda, a vida inteligente que se mantém viva, é raríssima. Você conhece o que aqui chamam de o Paradoxo de Fermi, não é? Se existe tanta vida inteligente no Universo, onde estão todos? A verdade é que existe, mas não são tantos.

— Diante dessas descobertas, para nós na época, e o que chamo de “época” foi há milhares de anos, decidimos por estabelecer um princípio. O Princípio da Não-Interferência. Nosso Conselho de Sábios determinou que nosso poder não deveria ser usado para alterar o destino que essas civilizações tivessem desejado escolher. Acreditávamos que era parte das Leis da Natureza que esses povos deveriam sobreviver, ou não, conforme suas escolhas. Acreditávamos que os povos, as civilizações, se comportavam como uma entidade em si, eram autônomas e faziam escolhas.

— Estávamos errados.

Nesse momento o comandante pôs-se em silêncio e abaixou a cabeça em gesto de evidente consternação. Pensei ter sentido, ouvido, algo como um suspiro mais longo de sua parte.

— Comandante...

— Por favor, Anton — disse ele em tom de comando até então não manifestado.

— Ouça isso até o fim.

— Estávamos errados porque definimos o Princípio da Não-Interferência baseados em nossa própria história. Se havíamos ultrapassado o estágio da autodestruição, as outras civilizações deveriam percorrer o mesmo caminho. E se não conseguissem, não mereceriam atingir o nosso estágio e deveriam ser mesmo condenadas ao desaparecimento. Afinal, eram apenas pontos no espaço longínquo.

— Mesmo com o nosso imenso poder, divergências filosóficas são as mesmas aqui e lá. Observamos, à distância, povos maravilhosos, que admiravam a beleza, a estética, a própria Natureza que lhes dera origem, destruírem-se pelos motivos mais irrelevantes. Vimos bilhões de criaturas magníficas darem fim à sua existência em questão de minutos. Muita dor e muita morte em nome dos nossos princípios e da nossa omissão. Assim foi, até que um de nossos sábios se insurgiu contra essa lógica egoísta. “Vamos aos números”, disse ele. Mais civilizações morrem do que vivem. O que estamos fazendo? Somos deuses que dizem quem, qual civilização deve viver e qual deve morrer, simplesmente porque podemos? Para que serve todo o poder que alcançamos? Para ver planetas inteiros se dizimarem, quando apenas pequenas intervenções bastariam para que pudessem manter suas vidas, suas existências, e se transformarem naquilo em que nos transformamos?”.

— Não foi um embate fácil no Conselho de Sábios. Incrivelmente, mesmo isso, a política, existe em toda parte. Depois de muitas vozes discordantes decidiu-se por fazer algumas experiências. Foi decidido que faríamos experiências e, depois dos resultados, tomaríamos decisões permanentes. E por isso estamos aqui, Anton. Por isso viemos para ajudá-los.

Eu estava sem palavras.

Havia acabado de escutar uma narrativa que nem nos muitos e excêntricos filmes de ficção científica que eu já assistira tinha sido pensado. E, no entanto, lá estava eu, ouvindo uma estória que antecedia o começo da nossa própria civilização.

— Comandante, eu não sei o que dizer... Acredito no senhor, mas...com todo o respeito...por que está me relatando essa incrível história? Estamos em perigo? A Terra está em perigo? E, mesmo assim, o que eu, um ninguém, poderia ter em relação a isso?

— Anton Ferrer — disse solene.— Primeiramente, você não é um ninguém. É alguém muito importante.

— Eu? Importante? Mas no quê, Comandante?

— Vou responder primeiro a sua primeira pergunta. Sim, a Terra está em grave perigo, e por mais de uma razão. A primeira, e mais óbvia, é que até agora, suas guerras podiam matar milhões de indivíduos, mas não todos os indivíduos. Isso agora é possível. Um pequeno desvio e voltarão à idade

de seus remotos ancestrais, se sobrar uma sociedade que possa sobreviver ao caos que agora podem perpetrar. A segunda razão é que, além de se autodestruírem, podem destruir esse planeta por muito, muito tempo. Não desejamos permitir que isso aconteça. A terceira razão, a mais perigosa de todas, é que em sua ânsia de descoberta e de poder, poderão criar inteligências mais inteligentes que vocês mesmos e, assim, perderem o controle de sua humanidade. O que chamam de Inteligência Artificial é tratado apenas como o desenvolvimento natural da matemática aplicada às suas vidas, mas não é. Se não operarem com imenso cuidado, se tornarão escravos para sempre. Já vimos isso acontecer em outros lugares. Sobre isso falaremos melhor em outra oportunidade.

— Sim, Comandante. E a segunda parte da pergunta?

— Sim, porque você, o Ninguém, fará algo extraordinário. Anton, adoro, mesmo observando de longe, as figuras de linguagem que usam em sua comunicação. Assim sendo, “aperte os cintos”! E dizendo isso deu sua primeira risada e sua primeira manifestação de certa intimidade.

— Anton, meu jovem. Eu, sinceramente, não queria estar no seu lugar. Acontece, que as pesquisas que o “Sr. Ninguém” está desenvolvendo, em algum tempo permitirá à Humanidade ter acesso a uma fonte incomparavelmente grande de energia, assim como, por consequência, descobrir como “violar” a chamada Lei da Relatividade e viajar muito, muito mais rápido do que a luz. A notícia ruim é que como não estão preparados para o usufruto de tanta energia, a chance de vocês se autodestruírem é muito elevada. E a responsabilidade poderá ser parcialmente sua.

Eu já estava quase me habituando com aquela sensação de “soco no estômago”. Eu vou fazer o quê? Nem estudo energia! Estudo a natureza do espaço, quase subjetiva, como disse o “anjo”, ou melhor, o tripulante. Como isso me colocaria na posição que o Comandante alegava?

— Comandante. O senhor tem certeza?

— Não, certeza eu não tenho.

— Comandante, o futuro está pré-determinado? O que tiver que ser, está, de alguma forma, escrito?

— Não, Anton. Se assim fosse nada faria sentido e o Universo seria um filme de mão única onde nada se pode fazer além de viver o que já estaria escrito. Mas, preciso dizer, nós melhoramos muito o que chamam de Teoria

das Probabilidades. Não temos certezas absolutas, nossos prognósticos sobre o futuro não são perfeitos, mas quase. Sempre há, e sempre haverá incerteza. Por isso estamos aqui.

— Então, estamos em risco.

— Sim, Anton, estamos. Vocês, Filhos da Terra, e nós, filhos de outro lugar, estamos em elevado risco. E o seu risco pessoal é elevado. O nosso risco não é pessoal, mas a nossa falha terá consequências para inúmeras civilizações que poderão perecer se o nosso ponto, o de intervenções eventuais em civilizações que estão próximas ao nível da Terra, não for o ponto vencedor. O Conselho de Sábios tomará uma decisão permanente de não-intervenção, que causará a morte de bilhões de seres. Parte do Conselho entende que cada civilização deve sofrer as consequências de suas ações, como prevê aquilo que vocês conhecem como Teoria da Evolução das Espécies. Nós entendemos que, já que conseguimos ultrapassar essa fase, nos tornamos parte do esforço conjunto de sobrevivência. Somos a parte que saiu da mera Evolução Natural e, como parte da própria Natureza, é nossa obrigação auxiliar os que estão ainda em um patamar de menor desenvolvimento.

— Comandante, pode imaginar que isso tudo é para mim quase irreal. Sinto-me quase como um chimpanzé em uma sessão da Bolsa de Valores de Nova York. Mas, sim, acredito e entendo o que está me dizendo. E assim sendo, quais serão os próximos passos? Como posso ajudar? O que devo fazer?

— Anton, você tem muitas coisas a fazer durante sua existência, como mencionei. Mas para que isso aconteça, eventos difíceis ainda deverão ser percorridos por você. Seus irmãos da Terra têm medo e desconfiança. Você terá que ser bravo, retornar, e encarar o medo que seus irmãos sentem. Como não conhece o futuro, e nem nós o conhecemos perfeitamente, deverá ter fé. Isso significa simplesmente acreditar em algo que a pura lógica dedutiva é incapaz de antecipar. Significa lidar com a incerteza e fazer uma aposta. Em breve teremos ainda tempo para falar sobre isso, mas não agora. Diga-me Anton, você tem fé?

Que pergunta, pensei. Sou um cientista e um ateu. O termo “fé” me evoca os religiosos que, em geral, sempre tratei com algum desprezo interior, por os considerar, de certa maneira, uns preguiçosos intelectuais. Algo como “não quer pensar?”, acredite logo em qualquer coisa e seus

problemas estarão resolvidos. Mas colocado da forma como o Comandante colocou, a questão era um pouco diferente. Pensei no meu trabalho e em tantas outras decisões que já havia tomado na vida. Muitas estavam envoltas em incertezas e eu não tinha uma base cem por cento lógica para decidir por um ou outro caminho. Mas tantas vezes escolhi aquilo que eu queria acreditar, que essa escolha iria me favorecer. Nesse sentido, e só nesse sentido, sim, eu era um homem de fé. E como se para criar uma desculpa interna, pensei que poderia, nesse sentido, me declarar um homem de fé e continuar sendo ateu, já que para ser assim não estava implícito que devesse acreditar em Deus, ou qualquer outra forma de divindade.

— Comandante, no sentido em que o senhor colocou, sou um homem de fé.

— Anton Ferrer, você agora será transportado ao solo e deverá estar com seus concidadãos. Eles não serão gentis com você, porque têm medo. Deverá estar pronto para suportar a dor e a pressão. E deverá ter fé. Antes que retorne à sua linda nave mãe, o seu planeta, tenho, por agora, uma última coisa a dizer. Nós muito raramente fazemos intervenções, como dizer, drásticas, em assuntos de outros povos. Mas algumas vezes, dada a nossa visão de que às vezes isso é necessário, nós o fazemos. Eu sei que irá sentir alguma confusão, mas tente ordenar seus pensamentos e esteja pronto para os eventos que se seguirão.

— Sim, Comandante, prometo que farei o meu melhor.

— Anton, foi uma grande honra estar com você.

Repetiu aquele doce sorriso de antes e disse:

— Aperte os cintos e boa sorte. Até breve.

Ainda pude olhar seu semblante. O Comandante fixou seus olhos nos meus de uma forma profunda antes que eu evaporasse no ar.

E em menos de um segundo eu estava de novo em meu acampamento, com dezenas de agentes da NSA. Não houve raios, clarões de luz, nada. Eu simplesmente estava lá no meio deles, em um ambiente de penumbra, como eu havia deixado. Fui preso imediatamente e levado para o desagradável lugar onde já havia estado.

stava já há algum tempo planejando reencontrar meu amigo Anton. O sacerdócio não é uma vida fácil. Muito especialmente quando se é obrigado a conviver com as inconsistências da ciência e da religião. Isso exige uma forma particular de sacrifício. Minha aposta original sempre foi a de que a grande ordem universal foi determinada por Deus, a Grande Consciência da qual todo o resto deriva. Mas também notava que havia falhas nessa linha de pensamento. Então essa “Mente” sempre esteve lá? Em toda parte o tempo todo? Será? E se for apenas uma criação de minha mente?

Do outro lado, a ideia de que as coisas sempre estiveram lá, por toda a Eternidade, sem início nem fim, dava a sensação estranha de inconsistência. Quem havia criado tudo? Qual ordem tinha estabelecido os precisos valores das partículas elementares que permitiram a criação do Universo e a própria criação da vida?

Bem, diante de isso tudo, e de certa sensação de tédio com o dia a dia, resolvi passar um tempo fora do país e pedi uma licença não remunerada para viajar um pouco para clarear minha mente.

Lembro-me de ter pensado precisamente nessa expressão, “clarear minha mente”. Estava com saudade do meu amigo. Gostava das conversas quase esotéricas que tínhamos à respeito de quase tudo, em especial de suas teorias sobre a física, muito heterodoxas, e ainda mais especialmente por aqueles bizarros eventos pelos quais havia passado. Nunca cheguei realmente a entender, naquele tempo, como um homem da inteligência e sabedoria de Anton, podia ter experimentado coisas tão bizarras. Não importava. Era meu amigo e quis reencontrá-lo. E já que tinha decidido ir a Nova York, nada mais natural do que “dar uma esticada” até Boston e fazer uma surpresa para Anton. Sabia que sua vida era bastante regrada e, portanto, deveria estar lá. Por que não uma surpresa? Nem tudo deveria ser tão programado... E assim, fui para Boston reencontrar meu amigo Anton Ferrer.

Cheguei a Boston numa terça-feira de agosto, e fui direto para um pequeno apartamento que havia alugado via AirBnb. Dependendo de um eventual convite de Anton, poderia passar alguns dias em sua casa. Liguei inúmeras vezes, mas ele não atendeu. No dia seguinte repeti a operação, sem resultado. Ficando sem alternativas fui procurá-lo no campus do MIT,

onde certamente iria encontrá-lo. Disseram-me que havia já alguns dias que Anton não aparecia, o que mesmo para eles parecia estranho.

Sem novas informações, acabei decidindo telefonar para seus pais, que poderiam saber de algo que ninguém sabia. Não só não sabiam o que havia acontecido como agreguei mais pessoas ao grupo dos preocupados. Acabei telefonando para a polícia, hospitais e nada.

Após quatro dias estava ficando sem opções. Onde estaria Anton? O que fazer? Meu plano era espairer e estava tenso. Os próximos dias se encarregariam de trazer algumas repostas. E que respostas!

Capítulo 14

Um pouco de agonia

enhor Ferrer, nós não temos todo o tempo do mundo. Nós acreditamos que o senhor está a serviço de uma potência estrangeira, e representa uma grave ameaça à segurança dos Estados Unidos da América. O senhor está abusando da nossa paciência com essa sua estória de naves espaciais, sonhos lúcidos e blá, blá, blá. Mesmo não tendo todo o tempo do mundo, senhor Ferrer, temos mais tempo do que o senhor. Até quando pretende manter isso? Acho que o senhor sabe que as “leis” aqui dentro são um pouco diferentes das leis do lado de fora. Sempre podemos, como dizer, nos utilizar de métodos mais eficientes.

— Sheldon, vá pro inferno! Vá pras profundezas do inferno!

Eu estava há três dias sem dormir. Não haviam me torturado, não no sentido de infligir dor física. Mas passei três dias sem dormir, sem drogas, levando banhos de água gelada a cada vez que pegava no sono, e entenderia melhor o sentido de tortura. E estava sendo ameaçado sobre “outras formas” de convencimento, caso eu não dissesse a verdade. Mas eu estava dizendo a verdade e havia sido avisado pelo Comandante, que encontraria esse comportamento de meus concidadãos. Nessas condições, se perde bastante o respeito pelas autoridades, já que eles também não te respeitam, em nome da segurança nacional.

A NSA estava representada por todos os que tinham as informações sobre esse caso, e os técnicos que tinham alguma participação no evento dos “cinquenta quilômetros de altura” haviam sido informados de que uma falha havia sido detectada. O general Von Hausen havia limitado o núcleo das informações apenas àqueles que tiveram relação pessoal com o caso: Sheldon, Benitez e ele mesmo. Mesmo os operadores dos drones foram instruídos a classificar como “caso pendente de solução”. Pelos meus cálculos, um pouco obliterados pela falta de sono, Von Hausen tinha estado lá todo o tempo. Sei disso porque ele regularmente aparecia nos interrogatórios. Eu revelei todos os detalhes de meus encontros com o “lado misterioso” desde o começo. Tudo. Eles sabiam sobre tudo o que escrevi até agora nesse relato.

— Senhor Ferrer, o senhor já me conhece. Me chamo Von Hausen e comando a NSA, a Agência de Segurança Nacional mais importante do mundo. Eu respondo apenas a uma pessoa: o Presidente dos Estados Unidos da América. Eu tenho mais o que fazer e o senhor está, realmente, tirando o meu sono. E eu não gosto de perder o meu sono. Eu vou pedir pela última vez que me conte uma história que faça sentido, e não me obrigue a utilizar outros métodos. O senhor não é cidadão americano, mas é um cientista em um dos mais importantes centros de pesquisa do mundo. Seria horrível ter que fazer isso.

Meu estado era lamentável. Começava a confundir a realidade com delírios. A privação do sono pode ser pior que a dor física, pois se o seu corpo dói, você pode tentar suportar a dor e saber que pode se recuperar. É algo mais administrável do que ter que controlar sua consciência, sua mente. Mas sempre acreditei que, ao contrário de tantos gurus, antigos e contemporâneos, minha mente seria a única coisa que poderia me salvar. Já

havia experimentado isso antes e a situação era tão bizarra, tão peculiar, que não havia muito espaço para buscar alternativa.

— General, faça o que quiser. Está ameaçando me torturar, eu já entendi. Mas vou lhe dizer, não vai adiantar. Eu estou dizendo a verdade! A verdade, porra!

— A escolha é sua, meu jovem. O senhor já deve ter ouvido falar do sódio-pentatol, não é? O soro da verdade? Pois é. Isso é uma coisa muito antiga. Temos ferramentas muito mais efetivas atualmente. Vou contar-lhe como funciona, o que é uma péssima notícia para o senhor. E sabe por quê? Porque não gostamos de relevar os nossos segredos. São segredos de Estado. E o senhor sabe, em nome do Estado, alguns sacrifícios são exigidos. E sabe qual é o pior deles? Não, mas eu vou lhe dizer. Nós vamos colocá-lo em uma máquina, uma máquina de Ressonância Magnética Funcional, e aplicar algumas drogas. Com isso, vamos conhecer perfeitamente os seus padrões cerebrais, como suas ondas cerebrais se comportam quando expostas às mais diversas situações. Depois de fazermos isso por vários dias, conheceremos o seu padrão cerebral muito melhor que o senhor conhece seu próprio cérebro. E aí, faremos as mesmas perguntas. E o senhor falará o que quiser, e saberemos imediatamente se é verdade ou não. Nós sabemos que alguns agentes são treinados para resistir muito, mas não é possível resistir a isso para sempre. Infelizmente, para o senhor, é muito provável que depois disso tudo o senhor não seja mais a mesma pessoa que entrou aqui. E isso será uma pena, claro que mais para o senhor do que para mim. Mas a vida é assim... Assim sendo, caro senhor Ferrer, quero dizer que sinto até certa simpatia pelo senhor. Olhando bem, não me parece que o senhor seja um mentiroso, um agente infiltrado. Mas eu usei nossa melhor tecnologia para entender o seu caso, e eu não tenho uma resposta. Isso não é nada bom. O senhor entende que eu preciso ter uma resposta que faça sentido. E o que o senhor está nos dizendo não faz o menor sentido. E pior. Nós analisamos aquela pedra. Temos pessoas muito inteligentes aqui na nossa agência, cientistas muito preparados, que trabalham por excelente remuneração e compromisso de absoluto sigilo, senhor Ferrer. E ninguém pode explicar o que está dentro da porra daquela pedra, senhor Ferrer! O senhor me entende? O senhor entende que, em nome da segurança nacional, eu já estou absolvido de tudo o que vai acontecer aqui? O que vai acontecer aqui, a menos que o senhor mude de

ideia agora, simplesmente não vai existir, não vai ter registro, e o senhor poderá desaparecer para sempre da face da Terra. O senhor entende isso?

Eu havia sido trazido para aquela “sala de reuniões” e posto em uma cadeira simples, em um ambiente sem janelas e sem espelhos. Me lembro de ter tido a impressão de que aquela sala era diferente das outras. A falta de espelhos e de objetos suspeitos nos cantos sugeria que nem eles gostariam de ter registro sobre o que estavam fazendo. Imaginei que, realmente, o General Von Hausen tinha autoridade para responder a apenas uma pessoa. Sem gravações, sem filmes, apenas a sua palavra.

Às vezes o que parece ser, é. O General Von Hausen, como o nome diz, tinha origem germânica. Seus avós haviam migrado para os Estados Unidos no começo da Primeira Guerra Mundial. De origem nobre, sua família teve tempo de transferir recursos sob a forma de ouro e joias, e rapidamente se integrou ao Novo Mundo. Pareceu inteligente, ao pai de Von Hausen, que seu filho entrasse no Exército, e fizesse uma carreira nessa arma. O General Von Hausen foi a consequência inevitável dessa pequena dinastia. Era o típico WASP, branco, anglo-saxão e protestante.

Sheldon vinha de uma família inglesa, de classe média, e também protestante. Iniciou sua carreira na polícia, mas dadas as suas habilidades intelectuais, ainda jovem foi recrutado pela NSA, onde teve rápida ascensão.

Benitez teve origem bem diferente. Era o “street smart”, o esperto da rua. Conhecia a malandragem das ruas de Nova York, e era informante da polícia ainda jovem. Logo entendeu sua vocação e entrou para a polícia. Vinha de família porto-riquenha e era católico. A NSA também logo o cooptou. A única coisa que os tornava comum era a inteligência muito acima da média. É sempre notável observar as causas que podem unir pessoas tão diferentes. Nesse caso, a inteligência.

Vivíamos tempos estranhos.

Os Estados Unidos da América ainda eram a maior potência militar do mundo, mas não era mais a maior potência econômica. No início do ano a China havia superado o PIB americano e se tornado a maior economia do mundo. Como tinham uma população cinco vezes maior do que a americana, o chinês médio ainda era cinco vezes mais pobre do que o americano médio. Mas para um povo que havia saído há apenas cinquenta anos de uma economia agrária e se tornando uma potência industrial e

tecnológica, isso configurava um êxito sem precedentes. Não adiantava argumentar que haviam feito isso sob um regime ditatorial, dito comunista, que em termos econômicos nada tinha de comunista, já que alguns dos homens mais ricos do mundo eram chineses. O fato era que haviam desenvolvido ciência, eram muito poderosos economicamente e tinham um plano. A Europa era a mesma Europa de sempre, desunida e purgando dívidas emocionais do passado. E a Rússia sempre desejando ser a mãe-Rússia de longa história, buscando seu lugar no mundo. E o resto era o resto.

A desigualdade social havia superado os patamares da chamada “Belle Èpoque”. Em termos comparativos a Humanidade havia melhorado em relação aos cem, cento e vinte anos anteriores, mas as desigualdades haviam aumentado. Ainda tínhamos um bilhão de pessoas com graves problemas de alimentação todos os dias. Eram tempos mesmo estranhos. Havia recursos e ciência para que ninguém passasse fome, assim como havia recursos para que todos tivessem acesso à ciência que permitiria assistência médica a todos. Mas isso não acontecia. Assim como o General Von Hausen, a paciência do mundo estava no limite.

— Senhor Ferrer, diga-me: O senhor deseja me dizer algo diferente agora? Vou repetir bem devagar. O senhor deseja me contar como vai explicar a sua estranha pedra, e como foi parar a cinquenta quilômetros de altura em menos de um segundo, ou teremos que ir para outros métodos? Já é mais de meia noite...Por favor, senhor Ferrer.

— General, o senhor terá que fazer o que tiver que fazer. Se hoje é o dia em que o senhor vai se transformar em um monstro, bem, então será hoje. Me torturar mais não vai alterar a minha história, porque não há outra.

Pela primeira vez, em silêncio, uma lágrima correu em minha face. Sabia que estava diante do inexorável. Von Hausen, Sheldon e Benitez iriam mesmo fazer o que o general estava antecipando. Iriam me submeter ao “procedimento” e, possivelmente, eu sairia dali um vegetal. Não deixei que percebessem meus sentimentos. Se meu destino era esse, mesmo que desejasse elaborar uma história que me salvasse, não conseguiria construir uma que fosse crível. Como inventar uma história alternativa que fizesse sentido, diante das evidências que eles dispunham? Não havia criatividade capaz de enganá-los. Em alguns raros momentos é possível duvidar da nossa própria história. Em alguma sala naqueles corredores havia mesmo a

tecnologia para fazer o que o general Von Hausen havia prometido e eu, um pesquisador delirante, iria ser torturado até algo pior do que a morte. Sim, a morte é alternativa melhor em muitos casos. Lembrei-me de tudo o que havia ocorrido, toda a minha estranha estória, e duvidei. Duvidei de tudo. De minhas memórias, de minhas histórias, de tudo. Imaginei que tudo seria um pesadelo sem qualquer sentido, e que em minutos chegaria ao seu ponto mais elevado da falta de sentido de tudo.

— Bem, senhor Ferrer, quero, de certa forma, dizer adeus. O senhor não nos dá alternativa, e mesmo, como já disse, tendo simpatia pelo senhor, nós precisamos saber o que o senhor sabe. E o senhor jamais será capaz de revelar a ninguém o que vai acontecer.

Eu não tinha mais forças. Nada podia ser feito. E diante da inexorabilidade do destino, uma estranha calma se apossou de mim.

— General, faça o que tem que fazer.

Sheldon, Benitez e Von Hausen se entreolharam e levantaram-se. Olharam para mim, de certa maneira consternados. Não desejavam aquilo, mas tinham que fazer. A ameaça que eu representava era grande demais para que nada fizessem. Eles mesmos tinham que dar explicações internas, a pedra, os drones que nada viram, todos os registros. Um movimento com as sobancelhas de Von Hausen indicou a Benitez que se encaminhasse à porta que me levaria ao laboratório para o “experimento”.

Benitez não chegou a dar um passo e todas as luzes se apagaram. Ainda ouvi Sheldon começando a exclamar: “Que merda é ess....” e tudo desapareceu.

O escuro é um lugar estranho. Lá se encontram todos os seus medos e as suas dúvidas. Quando as luzes se apagam, tudo pode acontecer. Em muitas mitologias a escuridão é o sinônimo da morte, da não-existência. O desconhecimento completo, já que a visão é, na espécie humana, a maior fonte de informação. É o lugar em que, do nada, seu pior inimigo aparece para te assombrar. Aqueles monstros imaginários nunca aparecem na claridade da luz. Isso pode parecer muito poético, mas tem apenas relação com nossos medos ancestrais. Eu, Anton Ferrer, já estava um pouco, mas apenas um pouco, treinado nesses medos. Não me lembro se já falei sobre os milagres nesse relato. Como cientista, minha interpretação sobre os milagres sempre foi a da ocorrência de eventos muito improváveis, mas não impossíveis. Afinal, eventos impossíveis são impossíveis. Isto posto,

existem níveis diferentes de “improbabilidades”. Algumas coisas são mais improváveis que outras. Como a minha história é muito peculiar, ela está entre as mais improváveis.

Capítulo 15 Uma Pequena Inflexão na História

— Boa noite, senhores. Sejam bem-vindos à minha nave. Em outras circunstâncias, iria pedir desculpas pela forma abrupta de sua chegada. Mas hoje não é o caso. Senhor Anton, por favor dê um passo à frente, e logo se sentirá melhor. Senhor Sylbertajn, peço que aguarde um pouco, e logo entenderá.

O que dizer? Eu estava em um ambiente quase idêntico onde havia estado, na nave, mas dessa vez parecia um pouco maior. Olhei para os lados e, tão logo pude me mover, e vi Von Hausen, Sheldon e Benitez completamente imóveis. Havia algo em torno de seus corpos que dava a impressão de estarem congelados. Não podiam se mover e eram como sombras de si mesmos. Ao meu lado estava o Pe. Carlos Sylbertajn, em carne e osso, consciente, mas sem atitude.

— Anton, dê um passo à frente! — disse o Comandante.

Eu cumpri sua ordem, dei o passo à frente, e fui envolvido por algo de difícil descrição. Era, ao mesmo tempo, um fecho de luz e gases concentrados no fecho de luz. O fato é que, naquilo que me pareceu não mais de trinta segundos, tudo acabou e eu me sentia melhor do que nunca. Todo o cansaço, o sono, a fome, havia subitamente desaparecido. Algo notável. Sentia-me em perfeitas condições.

— Anton, Anton. Olhe agora para os lados e pense em quem está vendo, além de mim. Eu sei que será quase uma aventura, mas quero lhe pedir que explique ao seu amigo, o Sr. Sylbertajn, onde está e o que está acontecendo. Tenha toda a liberdade e fale a verdade. Ele é seu amigo e acreditará em você. Os outros senhores permanecerão em animação suspensa até que voltemos a falar. Estou certo de que não terá dificuldade de explicar ao Sr. Sylbertajn o que está acontecendo. Ele é seu amigo, um muito especial amigo, e entenderá.

Tinha certeza de que Von Hausen e sua equipe não estavam sofrendo. Pelo o que entendi até agora do Comandante, ele não faria isso. Eles estariam absolutamente inconscientes do que estava acontecendo. Minha missão agora era fazer entender ao Pe. Sylberstajn o que se passava. Certamente havia um motivo desconhecido para ele estar ali.

— Anton, o que está acontecendo? Onde estou? O que está havendo?

— Meu amigo, fique calmo. Sente-se que eu vou explicar tudo, até onde sei.

Relembrei ao Pe. Carlos o começo de tudo, ainda no Rio de Janeiro. Nem precisava, pois ele jamais esqueceria, mas achei importante contextualizar. À medida que minha estória era contada podia ver as expressões faciais do meu amigo, oscilando entre a surpresa e o profundo espanto. Conhecendo a inteligência e pensamento crítico de Carlos sabia que sua mente tentava entender, durante meu discurso, aquilo que eu não estava falando. Eu quase podia ler seus pensamentos. “Esse seres estão nos usando como cobaias há milênios! Será possível?”. “Se esses alienígenas estão há tanto tempo nos acompanhando, qual terá sido sua participação na história?”. “Quantos serão, afinal?”.

— Anton, eu estou estupefato. Sabe o quanto admiro sua inteligência e suas estórias. Mas confesso que achei que aquela experiência com a pedra era fruto do seu desejo de encontrar o mundo extraordinário, quase um mundo mágico. Mas agora estamos aqui! Em uma nave interestelar? Nave interestelar? Isso realmente existe?

— Meu amigo. Sim, existe. Eles me explicaram que todo o processo pelo qual passei, com os sonhos lúcidos, a pedra, foi uma espécie de preparação para o que estaria por vir. Mesmo tendo intensa formação científica, de alguma maneira devem saber que isso poderia ser pesado demais. Não tenho como julgar, mas o fato incontornável é que estamos aqui. E, devo dizer, até agora, tanto pela estória contada, quanto pelas atitudes desses seres, não tenho motivos para achar que não estejam falando a verdade. Sinto sinceridade em suas palavras e ações. Eu sei que isso tudo é surreal. É, literalmente, incrível. Mas o fato é que estamos realmente aqui. Desse ambiente, não por acaso, se pode olhar para fora. Olhe para fora! A Terra está realmente lá embaixo. Aquelas pessoas na outra sala, realmente são agentes da NSA, sendo o chefe desse grupo alguém que responde à pessoa mais importante do mundo. Eles estão logo ali...

— Anton, isso parece um enredo calculado. Eu juro que se não fosse você eu é que acharia que precisaria de um psiquiatra. Cá entre nós, eu estava um pouco de saco cheio, oh, que expressão vulgar, e resolvi dar uma parada, tanto nas pesquisas, quanto nas atividades eclesiásticas, e te fazer uma surpresa. E agora onde estou? Nem vou repetir... O que eles querem? Qual é o seu plano?

— Carlos, eu só sei até onde te contei. Tem a minha palavra.

Nos levantamos e ficamos admirando a beleza da vista da Terra que aquele ambiente proporcionava. Ficamos alguns minutos em silêncio, vivendo, dentro de cada um, nossos pensamentos e expectativas.

Ouvimos um ruído peculiar e vimos João e José adentrando o ambiente. E logo atrás o Comandante. Já estava um pouco incomodado com os nomes que “meus anjos”, de certa maneira, me induziram a chamá-los. Parecia tosco demais, simples demais. Bem, tínhamos coisas mais importantes para nos preocupar do que a nomenclatura dos “anjos”.

— Caro Sr. Sylbertajn. Espero que já esteja mais ambientado. Peço perdão pela forma abrupta pela qual o senhor foi trazido até aqui. Acredite, em breve entenderá. Eu sou o Comandante dessa nave e temos um propósito, como nosso querido Anton deve ter explicado.

— Sim, Comandante, Anton explicou-me tudo. É uma estória impressionante, e que altera profundamente tudo aquilo ao qual estamos acostumados. Mas a verdade é que estamos aqui. E mesmo criaturas simples como nós podem imaginar que sua missão deve ser séria, mesmo que eu não consiga entender plenamente.

— Anton, Carlos, é muito importante que haja confiança entre nós. Eu gostei da utilização da palavra “enredo”. Essa palavra evoca um teatro onde o “script” está absolutamente determinado, mas como falamos, Anton, não está. Eu já disse que se assim fosse nada teria sentido. E não estar determinado é o que dá sentido. E por isso, temos incertezas, e temos que conversar com aqueles senhores em animação suspensa, na sala ao lado.

O Comandante, tendo desanuviado as nossas naturais tensões, deu um largo sorriso e exclamou:

— Anton, Carlos, apertem os cintos e fiquem firmes!

E quase como se não pudesse se conter, deu uma risada em voz alta. — Adoro essa expressão!

Pe. Carlos e eu estávamos mais à vontade. A situação era inusitada, mas fomos colocados em uma condição de tal conforto, que qualquer coisa pareceria razoável. José e João, em sua forma humana, fizeram uma menção com as mãos nos indicando que os seguissemos. E assim fomos para a sala onde o time da Agência de Segurança Nacional “aguardava”.

Eles estavam lá, na mesma posição que haviam deixado a instalação da NSA, envoltos em luz e névoa. Com um movimento com as mãos, José interrompeu a animação suspensa do grupo e eles tornaram-se conscientes. Eles estavam conscientes, mas em estado semi-catatônico, acordados, mas incapazes de se mover. A um outro movimento de José, foram envoltos em outro tipo de luz/gás, o mesmo em que eu estive quando cheguei. Ficaram nessa condição por apenas um minuto. E tão logo esse processo se encerrou estavam plenamente conscientes e donos de seus movimentos.

— Sejam bem-vindos, senhores. Eu sou o comandante da “Enterprise”. Chamem-me apenas de Comandante, já que meus pais não me batizaram. Por favor, sentem-se. Precisamos conversar.

Era mais que evidente que aquela nave não era a Enterprise, e que nossos anfitriões estavam manipulando o ambiente, como meus “anjos” fizeram comigo uma vez. A “sala ao lado” parecia um planetário, imenso e com a quantidade de cadeiras suficientes para todos, permanecendo apenas uma vazia.

— General Von Hausen, Coronel Sheldon, Sr. Benitez. Mais uma vez, sejam bem-vindos. Fiquem calmos e teremos uma boa conversa. General Von Hausen, antes que comecemos devo fazer uma pergunta. Não fique com medo. Dê a sua melhor resposta, e tente não mentir. Antes de a pergunta ser feita, e sua resposta ser dada, dê uma olhada naquela, digamos, janela. Diga-me. O que vê?

Von Hausen, militar treinado, sabia que estava em condição de submissão. Estava lá por razões e meios que não fazia ideia. Ficou, junto com seus colegas, em situação de inércia que não desejava, e sem controle algum sobre seu próprio corpo. Ainda teve tempo de lembrar-se de onde estava pouco tempo atrás. Pronto para aplicar, em nome do Estado, o “procedimento”, em Anton. Com a precaução que a situação exigia, respondeu:

— Estou vendo a Terra. Aquilo lá embaixo é a Terra.

— Sim, General, aquilo lá embaixo é a Terra. Agora vamos à pergunta: Quem acha que somos? General, não responda rápido. Lembre bem onde está e como veio parar aqui, antes de responder.

Von Hausen sabia onde estava. Tinha esperado por algo muito menos relevante por mais da metade de sua carreira. Um artefato, uma filmagem inquestionável, teriam sido suficientes para coroar sua carreira.

— Comandante, estou em uma nave controlada por seres não-humanos. Sua nave não se chama Enterprise, porque isso é uma invenção daqui, do pessoal de Hollywood. Mas vocês não são daqui.

— Muito bem, General. A nave não se chama Enterprise e, é verdade, não somos daqui. E então, quem somos, General?

Von Hausen fez um ensaio de “general”...

— Comandante, vocês são seres alienígenas e seu plano é dominar o mundo, a Terra. O senhor sabe o que eu sei. Também sabe que em minutos o meu pessoal irá saber onde estou. Também sabe que temos armas poderosas. Sua presença é uma ameaça à Segurança Nacional. Acho que é uma ameaça à segurança mundial. Soubemos imediatamente onde estava o senhor Anton Ferrer. Os mesmos dispositivos estão nos nossos corpos e nosso pessoal saberá o que aconteceu.

— É verdade, senhor Von Hausen. Mas “seus dispositivos” e suas máquinas puderam ver onde estava o senhor Anton, mas não foram capazes de encontrá-lo. Também não foram capazes de localizar a “Enterprise”. Não acha que só não nos “viram” porque nós desejamos que não nos vissem? General, o senhor e sua equipe passaram a vida vendo apenas os sinais que desejássemos que vissem. Só viram o que nós os deixamos ver. Não é? Quantas vezes tiveram que inventar explicações absurdas, apenas porque deixamos que vissem alguma coisa, não é verdade? Permita-me um conselho, já que está aqui com sua equipe. Fale a verdade agora.

São poucas as ocasiões em que os fatos se tornam absolutamente indiscutíveis. E poucas vezes comandantes e subordinados têm os mesmos pensamentos, dada à extensão do poder do interlocutor. Mentir não era uma alternativa, menos ainda ameaçar. “Nossas armas” parecia patético, diante da superioridade inquestionável do interlocutor.

— Comandante, nós temos uma divisão da NSA, e eu sou o Diretor Geral da NSA, que investiga atividades extraterrestres. É uma unidade com o maior nível de confidencialidade possível, e eu respondo apenas ao

presidente dos Estados Unidos. Suspeito que o senhor saiba disso. E, sim, nós sabemos há algum tempo, com certeza, que não estamos sós no Universo. Mas, Comandante, o que faria se estivesse no nosso lugar? Ficaria simplesmente olhando? Uma coisa desconhecida e potencialmente perigosa? E o Sr. Anton era a nossa melhor aposta. O senhor não faria nada?

O Coronel Sheldon entendeu que também devia se manifestar.

— Comandante, nós sabemos, com certeza, que pessoas desapareceram. Que naves foram vistas desde as nossas primeiras aventuras fora da atmosfera terrestre. Temos fotos e vídeos. Nós sabemos que vocês existem. Desde o Programa Apollo sabemos que não estamos sozinhos. E também sabemos que isso é o maior segredo de Estado, porque é fácil imaginar o que aconteceria se todos soubessem disso. Comandante, nós não sabemos o que planejam. A única coisa que sabemos é que invasores nunca são generosos com os invadidos. Nós sabemos disso porque nossa história foi assim. Nós fizemos isso com os indígenas na América do Norte. Os europeus fizeram isso com o mundo todo. É justo termos nossas precauções.

— Sim, Coronel Sheldon, nós sabemos disso.

— Comandante! — disse Von Hausen, exaltado. — O Coronel Sheldon mencionou os segredos de Estado. O senhor deve saber que apesar das enormes divergências que temos com outros países, de outras ideologias, essa é a única coisa sobre o qual as Agências de Seguranças Nacionais concordam em manter segredo. Vocês são os potenciais inimigos. Mesmo contando mentiras uns aos outros, por décadas, essa é a única coisa que nos une. Mas imagino que saiba disso também, e que isso nunca poderia ser tornado público. Seria o fim de qualquer de nossas formas de atuar, e o fim da nossa ordem. Uma merda de ordem, mas, enfim, alguma ordem é melhor que nenhuma.

O Comandante ouviu em silêncio.

Sempre achei que o silêncio tem um som. Sim, um som. Sempre achei que um silêncio profundo é, de fato, um som audível. Como um apito em um certo som, que cada pessoa tem o seu. Foi esse o som que se ouviu. Não sei dizer quanto tempo se passou antes o próximo movimento acontecer. E quando algo aconteceu, as coisas não eram mais as mesmas. O ambiente cresceu e o volume da voz do Comandante aumentou.

— Senhores! Tudo o que os senhores disseram é a mais pura manifestação da verdade. Sim, somos alienígenas. Sim, estamos aqui há muito tempo. Mas não, não desejamos dominar o seu mundo, a belíssima Terra. Agora, prestem toda a atenção, pois vou apresentá-los ao seu mais provável destino.

Todo o ambiente se escureceu e ouvimos um som muito alto e grave. Parecia como o som de um trovão controlado e contínuo. E, de repente, estávamos no centro de um filme que mostrava a história antes do começo da Civilização. Tribos de caçadores-coletores criando as bases da agricultura. E com isso as primeiras cidades. A evolução da linguagem, a criação e evolução da matemática. Os primeiros tempos dos sacerdotes e da criação de hierarquias organizadas. Sábios afirmando novas verdades e, lentamente, aprendendo que verdades são indesejáveis. Afinal, quem quer ter seus sonhos destruídos por verdades? Construíram pirâmides em todo o mundo, mesmo entre Civilizações que não tinham contato entre si havia milênios. Construíram templos e impérios. Enquanto isso, tornaram alguns humanos escravos de outros humanos, como a Evolução lhes havia ensinado. Impérios e culturas nasceram e foram destruídos, por outros impérios, ou por si mesmos.

Armas cada vez mais sofisticadas foram construídas com poder crescente de destruição. A Era Industrial viu a população aumentar e, com ela, a poluição e degradação ambiental. Guerras genocidas, guerras religiosas, guerras externas e internas mataram milhões de pessoas. Tudo isso sendo apresentado a nós com perfeição supra-hollywoodiana. Sentíamos os ventos, os cheiros, tudo. Oceanos cobertos de plástico com a consequente destruição da fauna e flora marinha. Florestas sendo devastadas.

E, finalmente, a emergência da Inteligência Artificial associada à Biotecnologia criando novas formas de vida. O Homem, como um Lúcifer, assumindo o papel de Deus, criando a vida, mas espalhando a morte. Novas castas de seres humanos, superinteligentes e superpoderosos impondo uma forma de existência infernal à maioria dos outros humanos, apenas porque podiam. Até que deixam de ser humanos, uma vez que escaparam da Evolução Darwinística e se tornaram os condutores da própria evolução. Os valores até então essenciais, a beleza, a estética, os sentimentos, o instinto de sobrevivência, simplesmente deixaram de ter sentido. Passaram a ser

reíquias de um passado cuja única função foi tê-los trazidos aos píncaros do conhecimento. E esse mesmo conhecimento havia deixado um legado poderoso, mas árido. E quando alguns perceberam que isso não podia ser o sentido da vida, não havia mais tempo. A Humanidade, no sentido mais profundo da palavra, tornou-se uma inutilidade. O amor, o ódio, os ciúmes, a generosidade tornaram-se peças que a arqueologia do futuro mal conseguiria entender. E não mais entendiam porque, diante de tal avanço, não existia mais um mundo interior. Não havia mais o inconsciente. Tudo o que era possível ser conhecido, era conhecido. A consciência plena, a totalidade do conhecimento e da memória, sempre presentes. Nada para ser descoberto, pois tudo já havia sido descoberto e não havia sobrado nenhum mistério.

E, novamente, ouvimos aquele som de trovão contínuo por alguns segundos, e tudo se dissipou. Estávamos novamente no ambiente anterior, sentados em nossas poltronas. Nesses curtos segundos não havia mais distinção entre o pessoal da NSA e o Pe. Carlos e eu. Estávamos todos sem palavras. Ninguém duvidava de mais nada. Havíamos sido expostos ao nosso passado, nosso presente, e ao nosso possível futuro.

— Senhores! — disse o Comandante, em outro encontro com o Sr. Ferrer — Ele me perguntou se o destino, o futuro, está inexoravelmente escrito. Eu respondi que não, não está inexoravelmente escrito. Mas também disse que, com o nosso desenvolvimento tecnológico, nos tornamos muito bons em análise de probabilidades. E probabilidades não são certezas absolutas. Entretanto, uma probabilidade alta pode ser interpretada como uma quase certeza. E o que os senhores viram agora representa uma alta probabilidade do que acontecerá com o seu mundo. Eu já vi isso acontecer antes muitas vezes. Eu vi muitos mundos terem esse destino.

Von Hausen, como os outros, estavam lentamente se recuperando de sua impressionante experiência. Eles não tiveram o tempo e a preparação que eu tive para se acostumarem com uma realidade tão imensamente diferente. E de maneiras diferentes, para cada um deles, suas histórias pessoais passaram a fazer sentido. Era como se as suas vidas, os seus trabalhos, tivessem sido preparados para a convergência que aquele momento representava.

— Comandante, — disse Von Hausen, profundamente consternado — eu acredito no senhor.... Nós não sabíamos. Nós não sabíamos...Nunca

conseguimos ver tão longe, apesar de tantos sinais... Estamos tão acostumados a seguir nossos padrões... O senhor, Comandante de uma nave tão poderosa, vindo de tão longe, para nos ajudar... O que devemos fazer?

O Comandante levantou-se de sua poltrona, assim como seus auxiliares, José e João. Deu dois passos à frente e parou. Seus auxiliares postaram-se ao seu lado, um pouco atrás. O Comandante era levemente mais alto que os meus “anjos”.

— Por favor, senhores. Peço que se levantem. Todos.

Assim o fizemos. Estávamos quase perfilados em uma linha imaginária a quatro ou cinco metros de distância.

— General, por favor aproxime-se. Quero entregar-lhe um presente.

Esticou sua mão à direita e João lhe passou um objeto.

— General Von Hausen, por favor aceite esse presente e o guarde em segredo. Não saberá hoje do que se trata, mas dou-lhe minha palavra que, oportunamente, saberá. E entregou ao General um pequeno cubo, que parecia uma espécie de cristal opaco.

— Comandante...um presente? Mas o que é?

— Como disse, General, creia em mim. Quando o momento chegar, saberá.

Sheldon e Benitez olhavam incrédulos àquilo tudo. Por estupefatos que estivessem, foram treinados para o inusitado. Mas aquilo estava além de qualquer preparação possível. Nenhuma academia tem protocolos para tal situação.

— Senhores. Antes que retornem à maravilhosa Terra, tenho algumas sugestões a fazer. Expliquem aos seus pares a sua estada aqui como um “erro” em seus equipamentos. Vindo dos senhores, eles acreditarão, como já acreditaram tantas vezes. E não se esqueçam: retirem os seus aparelhos de rastreamento de todas as pessoas em quem os colocaram. Eles não devem ter esses aparelhos em seus corpos. A próxima orientação é que voltarão a falar com o Sr. Ferrer e com o Pe. Carlos. Eles serão, por algum tempo, nossa forma de comunicação. Serão os Mensageiros.

O Comandante fez uma pausa, pareceu respirar fundo e perguntou:

— Digam-me, senhores. Vocês já sabem quem eu sou?

Benitez, o silencioso, tinha lágrimas nos olhos e disse:

— *Señor, es Usted...?*

Mirei os olhos de Pe. Carlos e depois de todos os outros. Nossos corações se aceleraram na mesma velocidade de nossa respiração.

— Benitez, senhores, quantas vezes eu disse, quantas vezes repeti, que esse não era o meu reino? Que meu reino era o Reino dos Céus? E quantas vezes vocês disseram que eu voltaria. Aqui estou.

E dizendo isso, abriu os braços e mostrou suas mãos. E lá estavam as chagas que tão bem conhecíamos. Fez uma leve inflexão com o corpo para que pudéssemos ver seus pés descalços, com as mesmas cicatrizes. Algumas coisas acabam por se tornar incontrolláveis. Mesmo homens treinados, que já viram e fizeram coisas terríveis, têm seus limites.

E assim, um a um, foram caindo de joelhos. Benitez, chamado pelo nome, foi o primeiro. Sheldon e o General ajoelharam-se ao mesmo tempo. Meu irmão, o Pe. Carlos, também ajoelhou-se e eu, hesitei. Mas mesmo eu, não resisti, e caí de joelhos.

O terceiro homem da NSA, Benitez, alcançou os pés do Comandante e os beijou. Não posso esquecer o quão tocante foi a reação do físico e padre Carlos Sylberstajn. Ajoelhado iniciou uma prece em latim:

— *Pater Noster, qui es in caelis, Santificetur nomen Tuum, Adveniat regnum Tuum, Fiat voluntas tua, Sicut in caelo, et in Terra...*

E mesmo eu, um ateu empedernido, ajoelhado, orei em comunhão.

Todos tinham lágrimas nos olhos. Sabíamos que, diante de tudo o que havia acontecido, nossas vidas estariam plenas de sentido, apenas por aquele momento. A nós, e apenas a nós, tinha sido feita a Revelação. E mundos tão estranhos quanto os dos físicos, céticos por natureza, e o dos religiosos ocidentais, haviam se unido em menos de uma hora. Ainda não sabíamos que todo o mundo, inclusive os não-ocidentais, poderiam estar unidos no que estava por vir.

— Benitez, por favor, levante-se. Senhores, por favor, levantem-se. Peço que gravem essas palavras em seus corações. Nós somos irmãos. Nossa irmandade é criada pela Vida, que nos une. Eu sou apenas um irmão mais velho. Com o tempo, e ainda algum sofrimento, entenderão o verdadeiro sentido do Amor. Isso não é apenas uma bela palavra, mas uma força da Natureza, no sentido físico.

A liderança e o senso de responsabilidade frequentemente devem ser exercidos. E Von Hausen, intuindo que aquele encontro estava perto do fim, manifestou-se.

— Senhor. O Senhor é o Cristo? É o Senhor Jesus Cristo? O Filho de Deus?

— General Von Hausen, sim, eu sou aquele que chamam de Jesus, o Cristo. Mas não sou o Filho de Deus. Em outro momento falaremos sobre meu Pai. Acredite, será melhor mantermos o foco em nossa missão. Temos uma missão. E nossa missão é salvar seu lindo planeta, e suas lindas criaturas. O senhor, os senhores irão me ajudar?

— Senhor, darei a minha vida por Sua orientação, disse o General.

Quase não era necessário, mas a um olhar do General Von Hausen, menos por ser o chefe, e mais por ter a figura que tinham diante de si, Sheldon e Benitez repetiram o mandamento:

— Senhor, darei a minha vida por Sua orientação.

Em um ato que nunca esquecerei, o Comandante, dando um passo à frente, disse:

— A minha missão é a sua missão. Nós temos uma missão. Peço que se lembrem das premissas da missão. Façam o que tem que fazer e não se esqueçam dos Mensageiros. Eles serão a nossa forma de contato. Nós nos veremos novamente.

O Comandante levantou-se e, a um olhar, José pediu aos três que dessem alguns passos atrás e se colocassem lado a lado a um metro de distância um do outro. E, a um peculiar movimento com as mãos, todos desapareceram. Isso feito, o Comandante, com a ternura que lhe era peculiar dirigiu-se a nós.

— Pe. Carlos, Anton, acreditem que sei que têm inúmeras dúvidas e questionamentos. Peço que as guardem para si por algum tempo. Teremos oportunidade de conversar e afirmo que direi tudo o que pode ser dito. Tomem o seu tempo para assimilar tudo aquilo que vocês tomaram conhecimento hoje. O dia de hoje representa o início de uma grande jornada que começou há muito, muito tempo. Como disse, temos uma missão. Antes que voltem para a Terra quero pedir que se lembrem: Eu fui chamado de O Redentor por dois mil anos. E na sua interpretação, o Redentor é aquele que redime os pecados do mundo. Eu não tenho o poder de redimir os pecados do mundo. O mundo não tem pecados, mas apenas a natureza humana seguindo o seu curso, para o que chamam de Bem e Mal. Mas tenho o poder e a missão de ajudá-los a salvarem a si mesmos. A salvar a Terra. Nesse sentido, e apenas nesse, eu sou o Redentor.

— Antes que voltem à Terra os deixo saber que em breve conhecerão o meu Mestre, o Mentor. Anton, Pe. Carlos, em pouco tempo voltaremos a nos encontrar e afirmo que terão muitas de suas perguntas respondidas, mesmo aquelas que nem fizeram. A Verdade é ainda mais surpreendente do que podem sequer imaginar. Vão em paz e até breve.

Sem mais palavras, os “anjos” nos induziram à mesma posição dos nossos “amigos” da NSA e desaparecemos.

Dessa vez, eu “apareci” em minha casa e o Pe. Carlos no hotel onde estava.

E o nosso mundo nunca mais seria o mesmo.

Capítulo 16 Mundo, oh! Mundo...

Em uma questão de horas, como era de se esperar, meu amigo Carlos Sylbertajn procurou-me e, conforme seu plano, imediatamente convidei-o para ficar em minha casa. Em muito poucas ocasiões a ansiedade pode chegar ao seu limite. Ambos tínhamos a mais plena consciência de que esse era, indubitavelmente, o caso.

Antes de sua chegada à minha casa, mais uma vez tentando fugir à questão essencial, como forma de distrair a minha mente, tentei imaginar o que estaria pensando o Padre Carlos. Escrevo, dessa vez, de propósito Padre Carlos, para que não reste dúvidas sobre sua condição eclesiástica. Era o Padre Carlos.

Ele tinha acabado de estar com o Comandante, aquele que estabeleceu os caminhos de todo o Ocidente por dois mil anos, e aquele, cuja inspiração proporcionou à Humanidade gloriosos momentos, em nome do amor, mas também as iniquidades inimagináveis que a História registra. Que conflitos internos estaria vivendo o meu grande amigo, diante daquilo que havia presenciado? Carlos, além de padre, era um estudioso das Leis da Natureza, um físico. O que pensaria sobre suas dúvidas mais profundas, estando nos dois papéis ao mesmo tempo?

Às sete da noite Pe. Carlos chegou a minha residência. Sim, agora eu tinha uma residência próxima ao campus, simples, mas confortável. Peguei

suas malas e o conduzi a seu quarto, o segundo e último quarto que dispunha em minha modesta casa. Eu desejei, por falta de melhor ideia, iniciar nosso encontro com uma celebração altamente simbólica.

— Meu amigo, temos muito o que conversar, mas antes de tudo, quero oferecer a nós dois uma taça de vinho tinto. Meus recursos financeiros não são os melhores, mas resolvi que hoje, agora, é uma situação especial.

E abri um Brunelo de Montalcino, cuja garrafa custa oitenta dólares, para a ocasião. Carlos pouco falou em sua chegada. Como disse, imaginava que seu estado emocional deveria estar alterado pela natureza, como dizer, especialíssima, da nossa experiência. E assim foi. Naquele ato normal de fazer o brinde, Carlos tinha lágrimas nos olhos. E suas lágrimas nos olhos, por mais cientista que seja, provocaram em mim o mesmo efeito. O que dizer, o que pensar, quando você tem certeza de que está participando de um evento, porque não dizer, bíblico? Sabíamos que éramos atores de uma história real, milenar, e com as mais profundas consequências. Tínhamos sido avisados pelo Comandante sobre nossa função, os Mensageiros, em uma estória épica, que ainda estava por se desenrolar. Nesse contexto, Carlos iniciou.

— Anton, ainda não sei o que pensar. Isso tudo é real? Me desculpe...Eu sei que é real. Meu Deus, me fale, por que isso está acontecendo? O que está acontecendo?

— Amigo, o Comandante pediu a mim que explicasse para você da melhor forma possível. E foi o que tentei. Você sabe o que eu sei, exceto pelo fato de que isso começou com aqueles meus estranhos sonhos lúcidos. A partir daquilo, que vivemos lá no Rio, no Brasil, chegamos a isso. Eu não tenho explicação maior do que a que já foi dada pelo Comandante.

— Anton, isso não faz sentido! Desculpe o termo, mas nós somos dois ninguéns, vindos de lugar nenhum, e nunca fizemos nada de mais. E agora estamos aqui, eu estou aqui, com essa gente da NSA no seu pé, tratando com alienígenas, sendo que o alienígena é ninguém menos que Jesus de Nazaré?

— Carlos, eu usei essa mesma expressão sobre mim mesmo, e fui repreendido quase com ironia pelo Comandante. Pensa bem. Se fôssemos uns “Zé Ninguém”, por que estaríamos aqui, agora, falando isso?

— Eu não sei, irmão. Não sei. Mas sei o que vi. Aquele lugar, aquele filme em 3D, seja lá o que for...Aquilo foi muito impressionante. Será

possível que eles podem ver o passado, o presente e o futuro com tanta clareza? Será esse o nosso destino?

Pe. Carlos e eu passamos horas ligando os pontos tentando encontrar alguma coisa essencialmente incoerente. Repassamos toda a nossa história pessoal recente, detalhe por detalhe. Ele pontuava a cada instante que a maior parte dessa história estava baseada na minha memória, sem nunca esquecer que ele mesmo esteve na nave e falou com o Comandante, que sabia muito bem o seu nome e o nomeou Mensageiro. Mensageiro do quê? perguntava Carlos. Propus que deixássemos os eventos recentes de lado e olhássemos para o mundo, a situação real do mundo. Estabelecemos uma metodologia, uma espécie de métrica, para avaliar a evolução do ser humano.

Talvez tenhamos sido induzidos pelo “filme” apresentado na nave, porém, em pouco tempo concluímos que outros pensadores já haviam chegado a conclusões semelhantes. Toda a nossa história tinha sido baseada no binômio informação/energia. Mais informação invariavelmente gerava a capacidade de produzir mais energia, que por sua vez gerava mais informação, num ciclo perpétuo. E o que víamos? Os indicadores de prosperidade aumentando, a longevidade aumentando, a população aumentando, assim como o nosso conhecimento. Os indicadores básicos não acusavam nenhum grande problema à frente.

Mas eles estavam lá. Não era possível negar a nossa experiência. A nós havia sido mostrada, por seres com poderes imensamente superiores aos nossos, o nosso provável destino. Também parecia óbvio que, na condição de humanos, mesmo que quiséssemos alguma forma de confrontação, derivada do nosso medo natural a conquistadores, não teríamos a menor chance. Preciso dizer que, por estranho que pareça, sendo eu o cético e ateu, me parecia estranho chamar o Comandante, de Comandante. A fé é uma coisa estranha. Não me parecia mais legítimo chamá-lo dessa forma. Por qualquer critério, pela evolução de sua civilização, por sua evolução pessoal, por seu imensurável desprendimento de querer ajudar estranhos como nós, a palavra “Comandante” não parecia apropriada. Eu já havia aceitado, no passado, chamar gente infinitamente menos qualificada, de Mestre. Na minha dificuldade de encontrar uma palavra mais adequada resolvi que dali em diante o Comandante seria chamado de Mestre. E, assim acordado com pe. Carlos, seguimos em nossas elucubrações.

— Anton, já me sinto melhor. Obrigado por ter sempre, ou quase sempre, os pés no chão. Até há pouco senti um turbilhão contínuo em minha mente. A confrontação mais profunda que alguém pode ter entre sua Fé e a Ciência. Deus me fez viver para estar agora, aqui, vivendo isso, e não posso falar com ninguém, além de você.

— Meu amigo, deve saber o quanto te entendo. E por mais cético que eu seja, pense comigo. Você, segundo suas palavras, veio me fazer uma visita-surpresa. Foi teletransportado para uma nave estelar. Viu o que viu. Carlos! Tem que haver um sentido em você ter sido trazido à força para fazer parte dessa história! Não é um simples acaso você estar lá e ter sido “nomeado” Mensageiro!

Carlos se viu sem argumentos. Os fatos eram indiscutíveis. Ele viu e vivenciou as mesmas coisas que eu, e boa parte do que vivenciaram os agentes da NSA e do Estado. Foi real, e não uma brincadeira, uma ilusão, que acaba sem consequências.

— Está bem, Anton. Eu sei o que vi, e o que vivi. Não sei porque estou aqui, mas concordo que alguma razão deve haver. E que bosta de religioso seria eu, se não tivesse, ai, ai, ai, Fé, no que eu mesmo vi. Vamos voltar à Terra. Aquilo que nos foi mostrado, naquele “filme”, mais que filme, foi muito marcante. Realmente, aquilo que vimos parece um destino provável. A Terra parece mesmo ameaçada pelas armas que nós mesmos criamos. Pela crescente energia de que dispomos, sem saber direito o que fazer com ela. Estamos criando ciência nova, com paradigmas antigos. O que o Comandante está dizendo, quero reformular, o que o Mestre está dizendo é que temos mais conhecimento do que sabedoria.

— Pois é, meu irmão. Para ser sincero, nunca fui muito nessa onda de “aquecimento global”, etc. Agora, não se precisa ir muito longe para ver que o planeta está muito, muito poluído, e isso sim, é obra nossa. Não há muito o que discutir sobre isso. Esse mundo está apodrecendo por nossa culpa. Sempre se pode dizer que se trata apenas de uma fase, que a industrialização é um elemento que depois vamos resolver. Que o consumo exacerbado é apenas uma relíquia de nosso passado de escassez. E que por isso queremos ter tudo. Aliás, ter várias vezes a mesma coisa, “só para garantir”. Queremos possuir mais, como uma garantia de que não irá faltar. Pode ser, mas enquanto isso, estamos arruinando o planeta. E é a pura verdade, estamos fazendo de tudo para acelerar isso. Estamos criando

ciência para eliminar a nós mesmos. Talvez a maior ameaça não sejam as bombas nucleares, nem a poluição.

— Anton, preciso dizer algo que ouvi, em nome de minha própria formação. Lembra da parte em que nos foi transmitido, não sei bem como, “O Homem, como um Lúcifer, assumindo o papel de Deus, criando a vida, mas espalhando a morte...” aquilo, para mim, foi muito profundo. Será que ele quis dizer que poderíamos nos tornar iguais a Lúcifer, acreditando termos poderes divinos, e nos preparando para criar o Inferno?

— Carlos, sinceramente, eu não sei. Mas tive tempo de pensar nisso antes de você chegar. Sim, eu acho que ele quis dizer exatamente isso. Nós simplesmente não sabemos os poderes militares que a Inteligência Artificial poderá criar, e menos ainda, o que ela poderá fazer com nós mesmos, como espécie. Mas ele nos mostrou...com alta probabilidade... Nos transformaremos em monstros, sem nos dar conta?

Sempre tive certa habilidade em esconder minhas emoções. E sabia de certa fragilidade do meu amigo, o Pe. Carlos. Devo confessar meu grande esforço para não manifestar a ele o que meu interior sentia. Eu entendia muito bem o que significava “alta probabilidade”. Pensei nisso como sempre penso em “probabilidades”. Qual a minha chance de ganhar na loteria e ficar rico? Uma chance em cinquenta milhões. Ou seja, é estatisticamente impossível eu ficar milionário pela loteria. Pelo menos no Brasil, é dez vezes mais provável você morrer com um raio na cabeça do que ganhar na loteria. Mas esses seres vieram de tão longe, longe medido em anos-luz, para nos dizer que a probabilidade de extinção era alta. Não pude deixar de pensar no tamanho de tal generosidade. Os custos altíssimos de tal empreendimento, seu tempo. Mesmo seres com ciclos de vida muito longos, pela minha perspectiva, tratava-se de um “experimento” de mais de dois mil anos terrestres. Por que uma civilização investiria tantos recursos e tanto tempo em uma proposta que não traz ganho nenhum? A permanência da civilização “deles” estaria garantida de qualquer modo... Por que fazer isso?

Nosso mundo experimentava pela primeira vez conflitos entre nações cujas consequências realmente podiam ser devastadoras. Pela primeira vez na História, nações, como meninos, podiam desafiar umas às outras, com poder de destruição total. Como em um futebol de várzea, todos queriam ser os “donos da bola”, mas o campo de futebol era o mesmo.

Ponderamos longamente sobre isso. E como o dia e a noite sempre acabam, não podíamos ir dormir sem algo concreto entre nós.

Decidimos que, já que tudo aquilo havia acontecido, e sabíamos de detalhes relevantes, a nós só cabia esperar...e, que constrangimento para mim... ter Fé.

Capítulo 17 A Disciplina Militar

quem é devida a “Obediência Devida”? A resposta óbvia é: às Instituições. Quando você é um general, e muito especialmente, quando é um General, que por estranhas, mas eventualmente compreensíveis razões de Estado, deve satisfações apenas, e tão somente, ao Presidente dos Estados Unidos da América, a quem você deve explicações? A resposta seria clara em circunstâncias normais. Mas, afinal, o que é normal, numa circunstância dessas? Seu chefe institucional é o Presidente dos Estados Unidos da América. E você se vê com uma circunstância, onde é dito e demonstrado a você, que há um poder que extrapola em ordens de grandeza o poder do seu chefe. E que esse poder é emanado de tudo aquilo que você ouviu, desde criança, como o poder maior, o Poder de Deus, e de seu Filho. O que você faz quando a você, e a muito poucos, é dado conhecer aquilo que se conhece como a fonte do Poder, O Poder Celestial? O que você faz quando todas as suas crenças, também dos seus avós, e de todos os seus ancestrais, se materializam na sua frente, como um grande fantasma cósmico, e põe seu dever perante seu País em eventual contradição com tudo aquilo que você tem como a certeza absoluta que desde tenra idade te ensinaram?

O General Von Hausen teve tempo para pensar. Por mais impressionante que tenha sido sua experiência, sem a preparação que eu tive, seu treinamento foi de grande utilidade para que não perdesse a razão. Teve a calma necessária para respirar fundo, ponderar, lembrar-se de tudo, e agir com a parcimônia que o momento exigia. Em seu primeiro momento de lucidez após o retorno da nave, com aquele conhecido movimento de colocar o dedo indicador sobre a boca, exigiu o silêncio de seus pares,

Sheldon e Benitez. E com um semelhante gesto, indicou que falariam sobre o assunto depois. Ambos, Sheldon e Benitez, entenderam e não fizeram comentários. Von Hausen vociferou com auxiliares técnicos sobre as terríveis falhas daquele sistema, que havia indicado evidências falsas. Como seus subordinados já haviam visto isso antes, e como sua autoridade era indiscutível, silenciaram.

Algumas coisas podem ser evitadas, outras não.

Se havia “pontas soltas” na Segurança Nacional, elas se chamavam Sheldon e Benitez. E Von Hausen, tendo entendido a dimensão de sua experiência, e ainda possuidor do “presente” do Comandante, reuniu-se, fora da sede da NSA, com seus subordinados.

— Coronel Sheldon, Benitez, os senhores sabem da minha grande responsabilidade para com este país. Sou um general. E vocês sabem sobre as coisas estranhas com as quais é nosso dever lidar. Bem, essa “coisa estranha” que vivemos não foi obra de nenhuma potência estrangeira. Nem os chineses, nem os russos, nem ninguém, pode fazer o que foi feito e demonstrado para nós. Vou ser generoso e democrático, algo que me faz muito mal. O que acharam disso?

Fora dos padrões normais de hierarquia, Benitez foi o primeiro a falar. Seu inglês era perfeito, mas acho que gostava de, às vezes, parecer latino.

— Senhor, trabalhamos há muito tempo com “essas coisas”. Nunca descobrimos nada realmente relevante. E agora, por uma força quase mágica, vimos o que vimos. Esses alienígenas sabem o que estão fazendo, e seu poder é mesmo imenso. Senhor, o senhor não acha, sinceramente, que o Comandante é o Mestre? Não acha, que é mesmo o Senhor Jesus Cristo?

— Benitez, sim, eu acho. Eu, Von Hausen, não duvido, por aquilo que testemunhamos. Mas eu, General Von Hausen, Diretor Geral da NSA tenho a obrigação de duvidar de tudo, em nome da Segurança Nacional. Eu vi o que vi, assim como vocês dois também viram. Eu não posso imaginar qualquer truque dos chineses ou dos russos. O que vimos está muito além de suas capacidades. Mas tenho o dever de ofício de duvidar. O que acha, Sheldon?

— General, apenas porque sou um militar treinado e ciente das minhas responsabilidades, ainda estou aqui. Passei a vida estudando e ajudando a aniquilar inimigos, como bem sabemos. Eu não vi nada, nada, que caracterize esses alienígenas como inimigos. General, vamos ser francos. O

senhor mandou a nossa melhor tecnologia, os drones hipersônicos atrás deles, e não vimos nada. O Comandante disse claramente que não vimos porque eles desejaram que não víssemos. O senhor discorda desse fato? Provavelmente, não. Então, General, considerando tudo o que vimos, que nos foi elegantemente pedido, o senhor não acha que seria prudente aguardar, e ver o que vem a seguir? O que temos a perder? Sinceramente, o que podemos fazer? E, me perdoe, mas tenho que perguntar, o senhor está guardando bem aquele “presente” dado pelo Comandante?

— Sheldon, entendo sua ponderação, apesar de achar insolente sua pergunta. Aquele “presente” está guardado da forma mais secreta que a NSA permite. Nem uma bomba de hidrogênio poderia destruir aquele presente. Sheldon, agradeço sua ponderação e, de fato, era o que eu queria ouvir. Nós três sabemos que o meu dever seria o de reportar isso aos meus pares, mas, por ora, não parece o certo.

E como se já soubesse a resposta questionou a seus subordinados:

— Vamos esperar mais um pouco? Eu, por dever de ofício, deveria relatar isso ao Presidente dos Estados Unidos... Vocês concordam em esperar mais um pouco?

“— Si, Señor. Pienso que devemos aguardar” — disse Benitez misturando os idiomas.

— General, isso está muito recente e também penso que, apesar das suas atribuições legais, estamos vivendo uma situação muito extraordinária. Estou com o senhor em qualquer circunstância. Se me permite, com o mais profundo respeito ao seu cargo, acho que nem o senhor sabe, ao certo, quem é o seu chefe.

Como todo mundo sabe, generais não choram. E, assim, Von Hausen fez o que pode para manter a tradição. Sentiu por dentro, contraiu a face em um inútil esforço de simulação de rigidez militar, e assentiu com a cabeça que a sugestão de aguardar, fosse o que fosse, seria adotada. Sabia que poderia ser interpretado como um ato de traição à Pátria, se suas convicções estivessem equivocadas. Sua carreira estaria terminada e seria um pária perante a nação.

Levantou-se e, com o mesmo gesto que o caracterizava quando queria dizer que o assunto estava encerrado, fez um movimento à moda budista, uma inflexão com o corpo, e retirou-se. Sheldon e Benitez entenderam e se puseram em modo de espera.

essa parte do meu relato não existiam mais dúvidas ou medos. A estória já seria grande o suficiente para justificar uma vida. Se tudo acabasse ali, se tudo tivesse sido apenas um sonho, a minha vida já estaria completa. Mas não. A estória estava muito longe de acabar.

Entendi que tinha uma dívida com Geoffrey Thompson III. Afinal, ele me amparou e me ajudou no estranho caso da “pedra”. Sua participação foi crucial para os eventos que se seguiram, muito especialmente os ligados ao pessoal da NSA.

É interessante o sentimento que criei em relação a eles. Eles, definitivamente, me torturaram e estavam a segundos de me transformarem em um vegetal. Eles realmente estavam prontos para isso. Fiz o que costumo fazer, que é trocar de lugar com o outro. Se eu estivesse na pele deles, passando décadas procurando OVNIIs que quase nunca se deixam ver, e apanhasse alguém com a prova material que sempre foi buscada, o que faria? E, mais ainda, imbuídos do espírito de “proteção da pátria”, talvez do mundo. Não teria eu também feito qualquer coisa para obter a verdade, mesmo as mais bárbaras? Talvez sim. Talvez aquele campo de luz com gases estranhos que experimentei em minha chegada à nave não tenha apenas melhorado o meu corpo. Talvez tenha eliminado os sentimentos terríveis que podem sentir os torturados em relação a seus algozes.

Seja como for, resolvi correr o risco e encontrei-me com Geoffrey. Conteí a ele toda a nossa incrível experiência. Como seria natural, ele ficou sem palavras. Ficou sem palavras, mas acreditou em cada uma delas. É fácil ler a mente de algumas pessoas e Geoffrey se encaixava nesse caso. Podia ler, através de seu rosto, os caminhos que seu cérebro estava percorrendo. Com a velocidade em que suas ondas mentais operavam, eu podia adivinhar seus questionamentos imediatos. Eram os mesmos que os meus. Em poucas palavras, eram: “E agora?”.

— Eu não sei, Geoffrey. O que parece inevitável é que algumas coisas factuais aconteceram, além de termos visto a história do planeta, seu presente, e seu possível futuro. O Comandante afirmou com toda a clareza

que o Pe. Carlos e eu seríamos os Mensageiros. E mensageiros entregam mensagens. Que mensagens? Não sei. E mais, ao General Von Hausen foi dado um presente cujo sentido ele somente compreenderia em um momento posterior. O que poderia ser esse “presente”?

O mero fato de ter compartilhado essas experiências com Geoffrey já o tornava um importante ator nessa épica estória.

— Eu não sei o que dizer, meu amigo brasileiro.

— Geoffrey, na dúvida, não diga nada a absolutamente ninguém. Agora você sabe a extensão daquilo sobre o qual estamos tratando.

— Anton, dou-lhe minha palavra de honra que nada direi a ninguém.

— Obrigado, meu amigo. Em todo o caso, fique atento. Nunca se sabe o que pode acontecer em um contexto complicado como esse. E me deixe saber se algo fora do normal acontecer.

E, como era de se esperar, os oficiais da NSA cumpriram as orientações dadas pelo Comandante. Procuraram Geoffrey Thompson III e Willian Wolf. Dessa vez não os sequestraram, mas pediram educadamente que os acompanhassem para um “procedimento”. Eles não sabiam que eu havia relatado o ocorrido a Geoffrey. Com poucas alternativas, e dadas às circunstâncias, contaram a verdade sobre os dispositivos.

Entretanto, cometeram dois erros fatais. O primeiro foi levá-los juntos para as instalações secretas da NSA. Uma vez lá, foram informados que seriam anestesiados e ficariam inconscientes por aproximadamente meia hora, o que de fato aconteceu. Com uma pequena incisão em suas nuca os dispositivos foram retirados. Não precisaram de mais do que um band-aid e em poucos dias nada restaria.

O segundo erro foi que eles acordaram em tempos diferentes.

E essa diferença de tempo fez com que Geoffrey pudesse ver que Benitez e William Wolf conversavam em outra sala. Não pode ouvir o que falavam, mas notou que isso durou mais ou menos vinte minutos. Logo depois, como da outra vez, seus celulares foram devolvidos desligados, em entraram na van sem janelas.

De volta ao campus, Geoffrey questionou Willian sobre a natureza daquela conversa.

— Não foi nada demais — disse Willian Wolf. — Perguntei ao Sr. Benitez como era ter um tipo de trabalho como o dele e ele, em poucas

palavras, me disse como era estranho ter o que chamou de “duas vidas”, uma real e outra meio que teatral, para disfarçar suas atividades.

— Só isso?

— Só isso.

— Está bem. Mantenha isso em segredo.

— Está bem.

Eles se despediram e logo Geoffrey telefonou para me contar o ocorrido. Também fiquei com uma pulga atrás da orelha, mas não havia muito o que fazer.

Capítulo 19

Conversas com o Mestre

pós três dias recebemos a esperada mensagem. Com tudo o que havia acontecido já não me surpreendia tão facilmente. E lá estava, em cima da mesa da cozinha de minha casa, um papel manuscrito: “Por favor, encontrem-me no parque do campus, às 10:00 hrs. Estarei sozinho na última mesa de xadrez. Assinado: Vocês sabem.”

Certamente ninguém havia entrado furtivamente em minha casa durante a noite. Nem perdi muito tempo pensando como aquele bilhete foi parar ali. Estávamos apenas o Pe. Carlos e eu em casa e a mensagem estava escrita no plural, “encontrem-me” e “Vocês sabem”.

Acordei suavemente o Pe. Carlos.

— Amigo, bom dia. Nós recebemos a esperada mensagem e temos um encontro com Ele.

— Teremos um encontro com Ele? — perguntou Carlos como que para certificar-se. — Iremos para a nave novamente?

— Dessa vez não, Carlos. E mostrei-lhe o bilhete.

— Iremos encontrá-lo à luz do dia, em um lugar cheio de gente?

— Bem, é o que está escrito nesse bilhete... Vamos tomar um café e ir para lá, amigo. Só Deus sabe o que nos aguarda...

Carlos deu um meio sorriso pela ironia do trocadilho.

Chegamos pontualmente às dez horas da manhã e lá estava Ele, o Comandante, em carne e osso. Usava as mesmas vestes que trajava na nave.

Apesar de parecer um pouco diferente do padrão, não chamava particularmente a atenção. Afinal, estávamos no campus do MIT e lá existem loucos de todas as formas. No máximo pareceria mais um desses caras “New Age”.

O Comandante levantou-se e nos cumprimentou.

— Bom dia, Anton. Bom dia, Carlos. É muito bom encontrá-los aqui, no seu ambiente.

— Bom dia, Comandante. Não esperávamos encontrá-lo aqui, disse eu.

— Sente-se seguro aqui, Comandante? perguntou Carlos.

— Sim, Carlos. Sinto-me perfeitamente seguro. Hoje iremos falar sobre os eventos que deverão acontecer na Terra. Também poderemos conversar sobre a História...imagino que tenham muitas perguntas. Talvez eu não responda todas...

Carlos tomou a iniciativa e fez, logo de saída, o que entendeu ser a questão central.

— Mestre, qual é a sua missão agora? Sendo essa, até onde sei, sua Segunda Vinda, o que pretende?

Jesus fez uma pausa, tomou ar e iniciou sua revelação.

— Estou aqui para salvar o mundo. Talvez a expressão correta seja dizer que estou aqui para ajudar vocês a salvarem seu próprio mundo. Certamente lembram-se do que foi apresentado na nave. E sei que Anton explicou a você a origem e a natureza de nossa interferência.

— Sim, Mestre. Lembro-me de cada palavra do relato de Anton.

— Nós, apesar do nosso poder, e por causa dele, temos limites muito claros sobre até onde podemos ir em nossa interferência. A segunda parte de nossa missão, e que está intimamente ligada à primeira, é que é chegada a hora de a Humanidade saber que não está sozinha no Universo. Vocês estão há poucas décadas de descobrirem como chegar às estrelas. Sabemos que isso representará, inicialmente, um grande choque para muitos. Sabemos que pessoas irão morrer por causa disso. Muitas pessoas não desejarão serem libertadas de crenças que foram se distorcendo ao longo dos séculos. Muitos estarão dispostos a sacrificar suas vidas em nome de histórias absurdas que foram sendo contadas, geração após geração. Nós sabemos disso e, infelizmente, serão danos colaterais inevitáveis.

— Mas, Senhor, não seria possível, com seu imenso poder, evitar isso?

— perguntou Carlos.

— Do ponto de vista de dispor do poder, sim, poderia ser evitado. Entretanto, isso extrapolaria os limites estabelecidos para a nossa interferência. É como se a Humanidade precisasse de alguma dor para entender o valor da vida, respondeu o Mestre.

Na condição de cientista, tive que perguntar sobre as origens dessas “distorções” como Ele chamou.

— Senhor, em sua primeira vinda, já não era previsível que os homens iriam alterar as suas palavras e criar verdadeiras monstruosidades em nome delas?

— Sim, era previsível. Ainda assim, precisávamos alterar levemente o curso há história há dois mil anos atrás para que pudessem chegar aos dias de hoje da forma que chegaram. Era preciso que vivessem as Trevas para que pudessem ver a Luz.

— E o que significa ver a luz, Senhor?

— Significa abandonar as trevas da ignorância e da mentira. Significa fazer um esforço real e legítimo para conhecer a verdade. Significa conhecer as profundezas da Natureza do que está fora e a Natureza do que está dentro. Essa é uma das razões dessa minha Segunda Viagem. Vocês estão se tornando mais rapidamente poderosos do que sábios. Esse desequilíbrio pode ser a causa de sua destruição, como tantas vezes já vimos.

Carlos e eu abaixamos nossas cabeças consternados.

Pude observar que Ele não apresentava as mesmas marcas nas mãos que observamos de maneira tão impressionante na nave. Isso não passou despercebido.

— Está sentindo falta de minhas cicatrizes, não é Anton?

Assenti com um movimento de cabeça.

— Nós desenvolvemos grande controle sobre nossos corpos. Nossa forma original é a que observou quando conheceu José e João. É mais ou menos o que vocês chamariam de polimorfismo. Tenho em minha memória corporal as cicatrizes causadas pela crucificação, e foi importante apresentar-me assim para que soubessem com quem estavam e estão lidando. Mas não preciso manter essas cicatrizes quando estou na forma humana.

Fazia sentido.

— Senhor, — disse Carlos — o senhor mencionou que falaríamos também sobre a História. Posso fazer algumas perguntas sobre isso? Sua família, seus apóstolos?

— Sim, Carlos.

— A sua mãe, a Virgem Maria?

— Deseja saber se ela era realmente virgem...disse o Mestre.

— Sim, gostaria. — respondeu Carlos.

— Sim, Carlos, ela era realmente virgem. E sua próxima pergunta será a de como, então, isso foi possível. Antes que pergunte vou responder, mas não se assuste com a resposta. Ela realmente foi avisada por aqueles que você, até outro dia, chamou de “anjos”. Foi avisada que daria à luz o Salvador, o Messias. Mas não podia saber como isso aconteceria. E a verdade é que seu corpo foi preparado por nós para que desse à luz alguém rigorosamente com as características que eu trazia na época. Assim, de certa maneira, eu fui o meu próprio pai.

— Mas como pode o Senhor ter nascido em nosso mundo como uma criança e ser, ao mesmo tempo, o Salvador. O Senhor sabia o tempo todo de sua missão na Terra.

— Não, não sabia. Era fundamental que eu viesse ao mundo como um de vocês, crescesse entre vocês. Mas o tempo todo, os meus auxiliares, sabedores de tudo isso, estavam observando os acontecimentos lá do céu. Literalmente lá do céu. Mas desde tenra infância eu já sabia que era diferente das outras pessoas. Isso fazia parte, como dizer, de meu treinamento da condição humana. Eu tinha poderes que ninguém mais tinha, e isso assustava muito as pessoas. Meus pais e meus “anjos” fizeram com que eu mantivesse ocultos esses poderes para que minha missão pudesse ser cumprida quando chegasse a hora. E, assim, aos treze anos eu fui levado para a nave onde tudo me foi esclarecido. A minha memória, a minha verdadeira história foi restaurada em minha mente. E confesso que não foi algo agradável. Na condição de ser humano, por mais que soubesse então de tudo, sempre havia um dia após o outro, e isso me aborrecia. Tive que aguardar mais vinte longos anos terrestres para que a minha história acontecesse e promovesse uma leve inflexão na História.

Estávamos boquiabertos com os relatos feitos pelo Mestre. Parecia quase uma heresia, só não o sendo porque era contada por Ele mesmo. E lá

estávamos nós, no campus do MIT, em plena luz do dia, conversando com Jesus de Nazaré, ouvindo Sua história, contada por ele mesmo.

— E os milagres, Senhor? Eles realmente aconteceram? Aquilo foi real ou lendas criadas a posteriori? — perguntei.

— Anton, um autor do século XX disse uma vez que qualquer tecnologia extremamente avançada pareceria um milagre para quem não a tem. Assim, nesse sentido, sim, os milagres realmente aconteceram. Eu realmente caminhei por sobre as águas e multipliquei os pães e peixes para os necessitados. Curei cegos e fiz aleijados voltarem a caminhar. E, antes que pergunte, sim, Lázaro estava morto e eu o ressuscitei.

Pe. Carlos tinha os olhos cheios de lágrimas. E eu engolia em seco para evitar que, sem querer, um suspiro revelador me denunciasse. Era tudo muito emocionante. A origem de todo o Cristianismo estava a ser contada a nós por seu principal protagonista.

Pe. Carlos não se conteve e chamou-o pelo nome.

— Jesus, e seus apóstolos? Eles são desse mundo? Eles sabiam de sua missão, do que aconteceria.

O Mestre olhou para o céu antes de responder.

— Carlos, eles não sabiam de minha missão e todos são desse mundo, menos um. Judas Iscariotes.

Pe. Carlos fez menção de se ajoelhar, queria beijar seus pés, mas o Mestre segurou sua mão e continuou.

— Os apóstolos cumpriam seus papéis naquele drama por pura devoção e fé. Ouviam meus ensinamentos e testemunhavam os milagres. Nenhum deles poderia cumprir a missão de ser o traidor. Meus anjos sabiam disso e um deles foi escolhido para juntar-se ao nosso grupo com essa específica finalidade. E, mesmo sabendo que deveríamos cumprir esses papéis, nós não ficamos completamente imunes à dor e aos sentimentos humanos, quando assumimos essa forma. O seu sofrimento foi real. Assim como o meu. As dores que sofri foram reais. E confesso, além da dor, eu senti medo. Desejei intensamente que aquilo acabasse logo. Eu sabia que não acabaria logo, pois alguns marcos estavam definidos. Tinha que ser exatamente daquela forma para que a História tivesse o início de sua inflexão daquela maneira.

Não deu mais para segurar. Eu e Carlos chorávamos copiosamente. Discreta, mas copiosamente. Alguns passantes notaram aquela inusitada

cena. Dois homens em lágrimas em frente a um terceiro, que carinhosamente observava, enquanto colocava as mãos em seus ombros, como forma de apoio emocional. O que poderia estar acontecendo, pensavam. Não poderiam saber quem era aquele jovem homem de barbas curtas, olhos profundamente azuis e cabelos longos.

— Generais costumam se abater se seu comandante-em-chefe é eliminado — continuou o Mestre. — Eu precisava dizer aos meus apóstolos que aquilo não era o fim, mas apenas o começo. Disse a eles que os milagres que haviam testemunhado não eram nada comparados com o milagre que eles iriam promover na história do mundo. Vi alegria e esperança em seus rostos. Eu sabia que suas vidas não seriam fáceis. Sabia que nem todos entenderiam, e que muita dor ainda seria perpetrada pelos ignorantes e aproveitadores. Eu sabia que o Mal exerceria seu poder, mas também sabia que a semente do amor havia sido plantada e se disseminaria. E aqui estamos, meus amigos.

— Mestre, o senhor falou sobre o Mal. O Mal existe? É uma coisa, em si? É apenas o contrário da luz, como o senhor disse?

— Sim, Carlos. O Mal existe. O que vocês chamam de Demônio, Diabo, e tantas outras palavras que atribuem ao Mal, realmente existe. Mas não falaremos sobre isso hoje. Antes de falarmos sobre isso irei apresentá-los a outra pessoa muito importante: o meu Mestre.

— Mas como, Senhor? O senhor não é o Mestre dos Mestres? O Filho de Deus?

— Não, Carlos. Eu sou tão Filho de Deus quanto você. Sou apenas um irmão mais velho, muito mais velho. E não, Carlos. Não sou o Mestre dos Mestres. Eu também tenho um irmão mais velho e mais sábio.

— É difícil sequer imaginar o que o senhor está dizendo. — comentei eu.

— Oportunamente saberão — disse Jesus. — Temos coisas mais importantes agora. Já falamos sobre o seu passado distante, e devemos falar sobre o passado de muito curto prazo, sobre o presente, e o futuro.

Era um sábado e já passava de meio-dia. Para nossa grande surpresa, o Comandante sugeriu que comêssemos alguma coisa. Eu e Carlos nos entreolhamos, quase rindo daquela proposta e eu disse:

— Bem, há uma cantina aqui perto que está aberta. Podemos ir até lá e ver o que há para comer, se o senhor assim desejar.

— Ótimo! Excelente ideia! — disse o Viajante do Espaço. Vou adorar isso!

E assim marchamos em direção à cantina. Era uma caminhada de uns dez minutos e nos deu a clara impressão de que nosso convidado apreciou cada passo. Olhava, interessado, para tudo, as pessoas, as plantas, os pássaros. Era quase como se estivesse vendo isso tudo pela primeira vez, o que sabíamos que não era.

— Apesar de nós podermos simular quase qualquer ambiente em nossa nave, estar realmente aqui é muito agradável. O cheiro das plantas, o vento no rosto...quero sentir a grama nos pés. Tirou seus sapatos e foi caminhando ao nosso lado andando por sobre a grama.

— Delicioso! — exclamou. — Que sorte a de vocês terem a Terra como seu planeta.

Ao chegarmos próximo à cantina, o Mestre calçou seus sapatos antes de entrarmos. Era um lugar claro com mesas, cadeiras e a comida exposta em vitrines para que as pessoas pudessem escolher seus pratos. E qual foi a primeira escolha de nosso Convidado?

Pizza! Uma succulenta pizza à Portuguesa!

Nós o acompanhamos na pedida. E ele não cansava de repetir como aquilo era gostoso. Para nós, além da comida, havia a percepção de que daquele ponto de vista, o Mestre não era tão diferente de nós. Sim, tinha muito mais poder, muito mais sabedoria, mas era, em essência, mesmo como um irmão mais velho. Era o que nós poderíamos ser um dia. E essa era, de fato, sua missão.

— Vocês sabiam que isso já existia há dois mil anos? — disse segurando um pedaço de pizza. — Não era tão boa como essa. Já amassávamos pão e colocávamos queijo em cima.

O almoço foi transcorrendo tranquilamente, pleno de amenidades, até que a mão do acaso resolveu interceder. E entra na cantina, logo me identificando e se dirigindo para mim: Willian Wolf.

— Como vai, Anton? Tudo bem? Já faz algum tempo...

— Ah, sim, tudo bem. É verdade, tenho andado bastante ocupado — disfarcei. — Willian fez uma menção com o corpo em direção aos demais presentes.

— Esse é o Pe. Carlos, físico de alto gabarito.

— Muito prazer, penso que já o vi aqui no campus — disse William.

— Muito prazer. É bem possível.

E virando-se para o Comandante disse:

— Muito prazer. Eu sou Willian e estudo e trabalho aqui no MIT.

Antes que eu pudesse inventar qualquer coisa, o comandante levantou-se e, talvez desejando não me forçar a inventar uma estória, respondeu:

— Muito prazer. Meu nome é Joshua, e trabalho com psicologia de massas.

— Que interessante, disse William. Com que instituição o senhor trabalha?

— Eu tenho um empreendimento próprio e financio minhas próprias pesquisas. Gosto de entender o comportamento de populações quando expostas a determinados eventos.

— E quem são seus clientes? — perguntou William, começando a ser inconveniente com alguém que acabou de conhecer.

— Normalmente, meus clientes são governos. Às vezes faço consultoria humanitária para algumas pessoas físicas.

— O senhor deve saber de muitas coisas, ter muitas informações.

— Menos do que eu gostaria — encerrou o Comandante.

— Bem, senhores. Só passei para cumprimentá-los e já vou indo. Foi um prazer.

Afastou-se, comprou uma lata de Coca-Cola, e foi embora.

O Comandante logo tomou a palavra:

— Eu disse a verdade, não é mesmo?

Ambos rimos baixinho. O Mestre querendo ser engraçado...

— Ele teve toda a verdade que precisava ter — disse o Comandante. — Vamos voltar para a nossa área de xadrez. Nossa conversa está incompleta. E, dito isso, fizemos a caminhada de volta, dessa vez acompanhados do silêncio do Mestre. Ao chegar, cada um sentou no mesmo lugar onde estava antes.

— Senhores, preciso que passem uma mensagem, pois afinal, aceitaram a condição de Mensageiros. A transmissão dessa mensagem deve ser feita amanhã, pela manhã, e deve ser entregue pelo Pe. Carlos.

E, dito isso, nos passou sua mensagem.

— Quero agradecer pelo ótimo tempo que passamos juntos, Anton e Carlos. Transmitam a mensagem. Em breve nos veremos novamente. Irão conhecer o meu Mestre.

Olhou em volta, como se estivesse confirmando que, providencialmente, não havia testemunhas, fez um gesto de despedida com a cabeça e evaporou no ar.

Capítulo 20

Questões de Estado

General Von Hausen, fora dos seus normais padrões germânicos, estava nervoso. As circunstâncias o tinham forçado a utilizar uma norma interna NSP1, que havia sido usada pouquíssimas vezes desde a criação da Agência de Segurança Nacional. (NSA).

Esse dispositivo legal tratava das prerrogativas do Diretor Geral da NSA em sua relação com o Chefe do Poder Executivo dos Estados Unidos da América, o Presidente da República. Essa prerrogativa só podia ser usada em casos de Ameaça de Guerra Iminente, Ameaça de Ataque Interno Grave Iminente, ou em caso de Ameaça Iminente de Extinção. A única certeza da qual dispunha Von Hausen era a de que devia cumprir sua missão. Devia falar com o Presidente Sawyer.

Seu dilema interno foi decidir sob qual das possibilidades legais iria se utilizar para o exercício dessa prerrogativa. Viu-se obrigado a escolher entre alternativas que não cumpriam rigorosamente as exigências legais. Mas tudo era questão de interpretação. Em sua visão apresentavam-se duas possibilidades. E, pensando nisso, imaginou o que o presidente interpretaria. Suas hipóteses eram a de que o Comandante e sua estória seria uma criação elaborada por alienígenas com a exclusiva finalidade de nos dominar de forma dócil e gentil. Nos convenceriam de sua bondade e nos controlariam sem dar um tiro. Sua outra possibilidade era interpretar que nós tínhamos sido avisados que a Ameaça Iminente de Extinção éramos nós mesmos. Mas ainda assim teria que acreditar na palavra de um alienígena. Poucas pessoas no mundo entendiam alguma coisa sobre alienígenas, mas como Von Hausen havia passado boa parte de sua carreira tratando desses assuntos, estava convencido de que eles existiam e estavam por aqui há muito tempo.

Não havia decisão fácil.

Se resolvesse optar por Ameaça de Guerra Iminente, teria que declarar ao Presidente que considerava os alienígenas uma ameaça real e iminente. Mas se assim o fizesse, sinalizaria para o chefe do Executivo que seu viés era de ameaça e medo. Havia o risco real de essa interpretação provocar uma reação beligerante no Presidente e precipitar eventos indesejáveis. E ele sabia que não havia força militar na Terra capaz de eliminar essa forma alienígena. Mas, muito mais importante do que isso, Von Hausen não acreditava que eles realmente fossem a ameaça. Havia visto, com seus próprios olhos, o início, o meio e o fim. E seu dilema era, em verdade, simples: Poderia aquilo ser uma simulação, ou representava a realidade?

A verdade é que Von Hausen sentiu medo profundo diante de qualquer das escolhas. E, de forma mais grave que um juiz da Suprema Corte, decidiu conforme sua consciência. E escolheu a NSP1C, que tratava do risco de Ameaça de Extinção Iminente.

Em caráter excepcional, havia pedido que Sheldon e Benitez participassem do encontro. E, do ponto de vista legal, apenas a Ameaça Iminente de Extinção justificava que mais de uma pessoa se apresentasse ao Presidente.

E assim, com a consciência de que participavam de um momento histórico, foram convidados a entrar no Salão Oval. Esse protocolo, que nunca havia sido usado na História da República, exigia a presença do Vice-Presidente da República, no caso a Sra. Nancy Herrera. O Presidente Sawyer, inicialmente reagiu negativamente a isso. Quem mandava no país, afinal? Mas foi lembrado por seus consultores legais de que não era uma alternativa recusar a presença do Vice-Presidente. Nesse caso, sem precedentes, era obrigado a ter a figura do vice a seu lado.

— Senhores, por favor me acompanhem. — disse uma senhora de seus quarenta e cinco anos, vestida em trajes militares e com patente de tenente. E assim foram levados ao Salão Oval.

E lá estavam o Presidente Sawyer e a Vice-Presidente Herrera, assim como um ajudante-de ordens militar.

A situação, como já disse, nunca havia sido invocada nos Estados Unidos, o que justificava o rosto mais tenso de Sawyer.

— Senhores, o Presidente dos Estados Unidos, Sr. Sawyer, e a Sra. Herrera, Vice-Presidente dos Estados Unidos.

Von Hausen e os demais fizeram uma reverência e Von Hausen, na condição de chefe do grupo, disse:

— Sr. Presidente, Sra. Vice-Presidente. É uma honra estar com os senhores

— Sejam bem-vindos, senhores. General Von Hausen, senhores, Sra. Vice-Presidente, vamos sentar e conversar. O General Von Hausen certamente tem consciência da excepcionalidade desse momento.

— Sim, presidente, tenho plena consciência.

E como presidentes podem às vezes prescindir do protocolo, o presidente Sawyer disse:

— Von Hausen, diga-me. Por que diabos pediu o protocolo NSP1C? Isso jamais aconteceu! Estamos em risco de extinção? Os Estados Unidos está em risco de extinção? O mundo está em risco de extinção?

Von Hausen respirou fundo e iniciou.

— Presidente, pretendo revelar uma sequência extraordinárias de eventos e, isto feito, me submeterei ao seu julgamento sobre o acerto ou erro de minha decisão. Coronel Sheldon!

— Sim, senhor!

— Por favor, relate ao Presidente e a Vice-Presidente, a partir de suas investigações no MIT.

E Sheldon, raras vezes ajudado por Benitez, iniciou seu longo relato. Trouxe com ele imagens e filmes comprobatórios de sua estória, em especial até aquele momento. A Vice-Presidente interrompeu.

— Sr. Sheldon, o senhor está afirmando que mandamos nossos drones hipersônicos de última geração para buscar um sinal, que estava implantado no corpo de alguém a cinquenta quilômetros de altitude e esses drones foram capazes de detectar o chip e não ver absolutamente nada?

— Sim, senhora. Eles não detectaram nada.

— Humm, por favor prossiga.

Sheldon contou o resto da estória, sendo esse relato bastante fidedigno. Com aspecto um pouco embaraçado, disse que em casos daquela natureza, tinham a prerrogativa de “se utilizar de todos os meios para eliminar o inimigo, ou descobrir segredos acerca do inimigo”. Naquele momento, aquele caso parecia estar lidando com uma força excepcionalmente poderosa. Um equipamento aeronáutico capaz de anular sua capacidade de vigilância em uma escala tão grande, levando um ser humano a tal altitude

em menos de um segundo, certamente constituía uma muito grave ameaça. Contou que estavam prestes a realizar um “procedimento não-usual” no Sr. Anton Dimas Ferrer quando tudo aconteceu.

E coube a Von Hausen contar o resto da estória. Contou sobre a visão a que todos foram expostos. Sheldon e Benitez confirmaram cada palavra.

— Presidente, nós vimos a História da Terra desde a origem dos seres humanos. Vimos toda a nossa história resumida em uma hora. E vimos o futuro provável. E foi a nós revelada a identidade do Comandante dessa nave.

O presidente Sawyer e a Vice Herrera estavam, como era de se esperar, sem palavras.

— General Von Hausen, vou tentar clarear minha mente para não errar nas perguntas. Eu estou certo de que o senhor, ou melhor, os senhores, não são da opinião de que estão loucos. Assim sendo, só posso acreditar que acreditam no que estão nos dizendo. E estão nos dizendo que Jesus Cristo, em carne e osso, mais alguns anjos, ou auxiliares, como prefira, estão incógnitos na órbita da Terra desejando nos auxiliar a evitar nossa próxima extinção. É isso, General? É mesmo isso que vocês estão nos dizendo? gritou o presidente.

Von Hausen estava determinado e não hesitou:

— Sim, Presidente. É isso o que estou, que estamos dizendo. Não posso ter toda a razão do mundo, mas tenho o dever constitucional de transmitir ao senhor e à Vice-Presidente, a minha mais sincera opinião sobre os eventos apresentados.

— General Von Hausen, com todo o respeito que tenho pelo senhor, existe algo além da sua incrível estória? O senhor tem plena consciência de que está diante do Presidente dos Estados Unidos, e de seu Vice, a Sra. Herrera contando uma estória fantástica... Vamos nos destruir, mudanças climáticas, que nem tenho tanta certeza assim, e a emergência da Inteligência Artificial, que poderá nos destruir ou nos tornar escravos. Os senhores não acham que estão lendo sci-fi demais? Os senhores têm algo mais, ou devo ficar apenas com suas palavras?

Von Hausen havia entendido perfeitamente o conteúdo do presente do Comandante, uma vez que recebeu a orientação dos Mensageiros.

— Senhor Presidente. Eu devo entregar ao senhor o presente que me foi dado, mas que tenho uma orientação específica de como entregá-lo.

E tirou o pequeno cubo de seu bolso.

O ajudante de ordens ali presente se mostrou inquieto, levando a mão ao coldre. O presidente, notando isso, fez um movimento com as mãos para que se acalmasse.

— O que é isso, Von Hausen? Que merda é essa? Vai explodir a todos nós?

Von Hausen, como havia sido instruído, não respondeu e apenas manipulou o objeto de forma muito específica. Uma combinação de toques nos cantos e nas superfícies fez com que o objeto se tornasse levemente luminescente, e se abrisse, como uma pequena caixa de surpresas. E lá estava. Uma ampola.

— Senhor Presidente, essa é uma situação para a qual nem eu, nem ninguém foi preparado. Estamos falando sobre a possibilidade de essa ampola conter o sangue daquele que é, foi, sei lá, o fundador do Cristianismo. Eu devo obediência total ao senhor, e por isso estou aqui. Mas essa é, realmente, uma situação excepcional. Senhor Presidente, isso aqui é uma amostra do sangue do Comandante. Bem, se o Comandante for aquele que acredito ser, o senhor pode ter uma ideia sobre as graves implicações do assunto que estamos trazendo.

A caixa havia se aberto como mágica. E lá estava a ampola.

— Presidente, a decisão será sempre sua, mas devo dizer que tenho mais duas orientações vindas dos Mensageiros, e um conselho.

— Fale logo, homem, disse um Sawyer com bem menos paciência.

Antes de falar, Von Hausen, com um movimento, destacou a parte superior da pequena caixa, como havia sido instruído.

— Senhor, a orientação que tenho é a de sugerir que mande investigar a natureza do material dessa caixa. Se e quando concluir que o material que compõe essa caixa não pode ter origem humana, deve seguir a segunda orientação.

— E que orientação seria essa, General?

Por alguma razão o presidente parecia mais calmo, talvez por estar diante de algo muito inusitado.

— Senhor, sei que os próximos minutos podem definir o fim da minha carreira, e sei que o que devo fazer está fora dos protocolos de segurança, que conheço de cor. Mas, infelizmente, essa orientação só posso dar ao senhor, em particular.

— Von Hausen! Sabe que eu não posso fazer isso! O senhor só está aqui porque protocolos muito rígidos definem a sua presença nesse recinto. Eu não tenho essa escolha!

Desse ponto em diante Von Hausen não tinha mais opções. Tinha que escolher o “chefe” que iria obedecer. Momento terrível.

— Senhor Presidente. Eu conheço todo o protocolo. Muito especialmente sei o que pode acontecer comigo e o com o meu time, segundo os protocolos que nós mesmos ajudamos a criar. Podemos sair daqui presos e prontos para o “procedimento”.

E assim sendo, quem ficou sem alternativas foi o presidente. Não poderia descumprir o protocolo. Seu único chefe, além do povo americano, era a Constituição e suas regras derivadas. Mesmo que desejasse, estava proibido de ouvir essa mensagem sem que houvesse testemunhas. Foi quando a Sra. Herrera resolveu intervir, já que implicitamente, os protocolos se referiam a ela, à sua posição institucional de Vice-Presidente da República.

— Senhor Presidente. Com o devido respeito, gostaria de dar minha opinião e minha sugestão. Eu acredito no que esses senhores estão dizendo. Temos pressões de toda ordem. Ameaças externas, ameaças internas, e só Deus sabe que outras ameaças. O General Von Hausen está sendo muito específico em suas orientações. Ele só pode comunicar seu pedido ao senhor, certo General?

— Sim, senhora.

— Então, senhor Presidente, o que fará depois, com essa informação, estará fora da alçada do General Von Hausen, certo, General?

— Sim senhora.

E assim, a Vice-Presidente Herrera, com grande experiência diplomática, convenceu Sawyer a escutar Von Hausen em particular, sem antes querer se informar sobre a natureza desses “procedimentos” ao qual o general se referia. Ela ficou sem resposta, mas mesmo assim a história continuou.

Entraram a sós em uma saleta anexa ao Salão Oval.

— Presidente, minha obrigação, por mais que eu deva ao senhor, é a de transmitir a mensagem. O senhor é o líder da nossa nação, assim como do mundo livre. Minha responsabilidade se extinguirá daqui a cinco minutos.

E o Presidente Sawyer se deu conta que estava diante de um homem, um dos mais importantes generais sob seu comando, que não iria mudar de opinião.

— Senhor, minha mensagem é a seguinte: Nos arquivos secretos do Vaticano está contida, na Ala Quarenta e Três, Estante Doze, o maior segredo do Cristianismo. Lá há um fragmento original da cruz onde Jesus, o Cristo, foi crucificado. E lá está uma amostra de Seu sangue. Presidente, se essas amostras forem compatíveis... O senhor sabe o que isso pode representar. A mim não foi dita a sequência dessa estória. Mas me foi dito que o senhor deveria conversar de forma muito convincente com o Papa João XXIV para que ele forneça uma amostra dessa peça arqueológica para nossa comprovação. É tudo o que sei.

— Von Hausen, está me pedindo que faça isso, uma intervenção diplomática, que não é diplomática, pois se eles se recusarem podemos enviar uma força-tarefa, e recuperar essa peça de qualquer jeito?

— Presidente, essa interpretação é exclusivamente sua. A mensagem que recebi observa uma clara ordem cronológica. Primeiro investigar a natureza da composição desse cubo, e depois prosseguir com as orientações.

— Pois bem, Von Hausen. Vou pedir que avaliem esse cubo. Vou guardar essa ampola em estrito segredo. Depois veremos. É tudo o que tenho a dizer.

— Presidente, gostaria de lembrá-lo que tenho ainda uma sugestão a oferecer e uma memória a criar. A sugestão é que em nenhuma hipótese nós devemos perseguir os Mensageiros, os senhores Anton Ferrer e o Pe. Carlos Sylbertajn. Eles devem ser considerados intocáveis. A próxima informação que devo passar é que, em breve, eles nos trarão novas mensagens.

O Presidente passou nervosamente a mão em sua própria testa e disse, sem muita alternativa:

— Então, assim será.

O General Von Hausen levantou-se e bateu continência da maneira mais formal que conseguiu executar. Queria demonstrar toda a obediência ao Presidente que seu cargo exigia, sem esquecer que havia acabado de descumprir essa diretiva em nome de um poder maior.

Voltaram ao Salão Oval, onde, sem mais palavras, se despediram do Presidente e sua Vice.

E também, já fora da Casa Branca, entreolharam-se todos e, sem trocar palavra, deram o encontro por encerrado. A missão do Pe. Carlos havia sido cumprida exatamente como planejada.

Capítulo 21 Inferências

or algum tempo nada excepcional aconteceu. E, talvez por isso, nossas mentes fervilhavam. Eu não tinha mais vida pessoal. Não porque não pudesse. Eu simplesmente não conseguia pensar em festas, garotas, encontrar um amor, por que não? Não era a hora. Sabia que a história estava incompleta e que eventos de profunda transformação estavam por vir. Mas quais?

Geoffrey, Pe. Carlos e eu nos encontramos em minha casa para conversar, nem preciso dizer sobre o que...

— Então, meus amigos. Alguém tem alguma ideia sobre o que vai acontecer? Quais poderiam ser os próximos passos?

Tinha quase a impressão de que Geoffrey havia estado conosco em nossa aventura. Deve ter sido tão marcante para ele que lembrava-se rigorosamente de todos os detalhes. E assim, emendou.

— Bem, o Mestre foi muito específico em alguns aspectos. Disse que voltaria a encontrá-los em breve, e que apresentaria o seu Mestre. Então, imagino que em pouco tempo voltem a estar juntos.

— Quem poderá ser o mestre do Mestre? — questionou Pe. Carlos. — Se ele é o Cristo, quem poderá ser seu mestre? Deus?

— Acho que não, Carlos, argumentei, Ele foi evasivo quando se tratou de Deus. Sinceramente, suspeito que a Sua interpretação de Deus seja muito diferente daquela dada pela Igreja Católica ou por qualquer Igreja Cristã. Não consigo conceber que seres tão avançados postulem um Deus da forma como o Cristianismo interpreta.

Nunca é demais repetir que Pe. Carlos era um brilhante físico, mas era um padre.

— Anton, e se? E se?

— E se o quê, Carlos?

— E se realmente existir um Ser onipresente, onipotente, um Criador do Universo? Pense bem. Você, nos sonhos mais profundos, alguma vez imaginou estar vivendo um momento como esse?

— Não acha que, diante disso, tudo é possível.

— Nunca, nem de longe, imaginei estar vivendo algo assim. Se tudo é possível, eu diria que quase tudo é possível. É apenas meu palpite que, se chegarmos a tratar disso com o Mestre, ou com Seu Mestre, que não acredito que seja Deus, o Criador, o que ouviremos é algo que não bate com o que o mundo ouviu por milhares de anos.

— Padre, eu concordo com o Anton — disse Geoffrey. — O universo que conhecemos, e possivelmente não o conhecemos todo, não deve ter sido criado por uma única consciência, um ser. As Escrituras foram feitas há milhares de anos quando as pessoas acreditavam que a Terra era o centro do Universo.

— Não sei o que dizer. — disse Carlos. — Eu sou um físico e um padre. Estudo a matéria, mas deixo um espaço, claro, no sentido figurado, para o Espírito. Talvez haja uma forma de consciência que anima todas as coisas, todos os seres.

— Certo é que não resolveremos nós, hoje, essa questão, disse eu. Meus pensamentos, sem trocadilhos, são agora mais terrenos. Não paro de pensar sobre quais serão os planos do Comandante. Parece óbvio que ele deseja que todos saibam quem ele é, em razão das instruções que deu ao Pe. Carlos. Será que Von Hausen as cumpriu?

— Sinceramente, acho que sim — disse Carlos. — Estou convencido de que ele acredita piamente na experiência que viveu na nave. Suspeito fortemente que ele tenha até ficado em dúvida sobre quem seria seu verdadeiro chefe. Carlos teve a intuição certa, como já vimos.

— Vamos pensar juntos — disse Geoffrey. — Se o Comandante deseja que saibamos quem ele é, e deu essas específicas orientações aos Mensageiros, ele certamente sabe que segredos divididos por tanta gente, não permanecem secretos por muito tempo. Da onde concluo que essa é sua intenção.

— Faz sentido, — disse eu. — A própria execução das orientações a Von Hausen exigem que mais gente saiba, ao menos em parte, do propósito da missão. Imaginem os técnicos com um pedaço de madeira de mais de dois mil anos, cujo objetivo é analisar o DNA contido em sangue da

Antiguidade? Tudo bem que é possível dividir os trabalhos de modo que uns não saibam do trabalho de outros. Alguém terá que quebrar a ampola contida no cubo e analisar aquele sangue. Alguém, que não o presidente, terá que saber que o DNA é o mesmo. Isso sem falar do pessoal que vai analisar a natureza do material do cubo, e descobrirem que ele não é do nosso mundo. Essa gente, por mais que tenha cláusulas de confidencialidade em seus contratos de trabalho, é humana. Imagine um sujeito desses chegando em casa e conversando com a mulher, ou um irmão. Será que nenhum deles, nenhum, vai abrir a boca?

— Anton, talvez seja esse mesmo o propósito. — argumentou Geoffrey — Já comentamos, ele deseja publicidade. Pensando bem, foi exatamente o que ele fez dois mil anos atrás.

Ficamos todos com uma expressão de certa consternação.

Éramos jovens e aquilo tudo era avassalador. Não havíamos escolhido participar dessa saga, mas ela estava acontecendo. Acredito que todos nós desenvolvemos mecanismos mentais para nos proteger da insanidade quando os fatos são acachapantes demais. Em certo momento, mesmo sem saber sobre os eventos futuros, Pe. Carlos especulou sobre os nossos papéis nessa estória, e sobre como seríamos, eventualmente, lembrados no futuro. Como os historiadores iriam contar sobre nossa participação. Afinal, éramos os Mensageiros. Qual seria nosso fim? Morreríamos em alguma forma de sacrifício, como aconteceu com tantos apóstolos? Seríamos esquecidos, execrados? Haveria um novo Novo Testamento que contasse a nossa história?

Apreciei que ninguém mencionou a parte que me cabia nesse latifúndio. O Mestre havia dito, em claro e bom som, que eu, o Zé Ninguém, iria propor estudos que seriam a base para a obtenção de uma fonte de energia imensa. E que derivado disso, nós humanos, em breve iríamos alcançar o poder de visitar as estrelas, em velocidades superiores a da luz. Meus Deus! Como? Eu? Eu apenas estudava a natureza do Espaço. É contínuo ou granulado? É alguma coisa ou o simples vazio? Por mais que pensasse, não podia nem vagamente imaginar como eu poderia cumprir as palavras do Comandante.

Geoffrey, com sua racionalidade habitual, me trouxe de volta ao mundo.

— Camaradas. Eu não sei muito, mas só sei que, seja lá o que for, será grande. Eles não estão aqui por uma mera brincadeira cósmica. Vocês

tiveram prova suficiente de que isso é real. Agora, o tamanho da coisa é muito difícil saber, antecipar.

Coube ao Pe. Carlos concluir nossa conversa.

— Por aquilo que ouvimos, é possível deduzir que eles sabem que convulsões sociais e mortes são inevitáveis. Ele disse isso com toda clareza, quando falou que sabia que suas palavras seriam distorcidas e que pessoas morreriam por isso. Ainda assim, insistiu que esse era o melhor caminho. Então, meus amigos, deixem-me ser um pouco padre. Devemos ter Fé. Das duas uma: ou eles são lobos em pele de cordeiro, e vão nos conquistar como cordeiros que seríamos nessa hipótese, ou são o que dizem ser. Eu não posso provar nem uma coisa, nem outra. Como físico é difícil acreditar por acreditar. Nesse campo, gosto de evidências. Nós temos evidências, mas não provas. Por isso, repito, só nos resta a Fé.

Mesmo na condição de “ateus empedernidos”, como se dizia no Brasil, Geoffrey e eu tivemos que concordar. Tudo poderia ser uma encenação alienígena que, por ser tão mais avançada, teria escolhido tripudiar com nossas crenças e mitos para nos dominar. Ou acreditar que o Comandante era o Cordeiro de Deus, que veio para nos salvar, mais uma vez, como havia prometido há mais de dois mil anos.

Nossos inconscientes já tinham a resposta.

Escolhemos acreditar.

Capítulo 22

Encontro com o Mestre do Mestre

Uinze dias haviam se passado sem que tivéssemos ouvido palavra da NSA, do Comandante, de ninguém. Não sabíamos se Von Hausen havia cumprido sua missão. Se o Presidente havia dado ouvidos a ele. Nada.

Até que a mensagem chegou da maneira com a qual já estava me acostumando. Um bilhete manuscrito deixado na mesa da minha sala de estar.

“Estejam os três amanhã nessa sala, às dez horas da noite. Vistam-se com roupas de inverno”. Assinado: INRI

Mostrei a mensagem ao Pe. Carlos que, naturalmente, ficou intrigado.

— Anton, sabe o que significa essa assinatura?

— Sei. Jesus de Nazaré Rei dos Judeus.

— Sabe seu outro significado?

— Não. Qual.

— O outro significado atribuído a essas letras são “Ignia Natura Renovatur Integra”, a natureza é renovada pelo fogo. O que será que quis dizer com isso?

— Não sabia e não sei o que pensar. Talvez queira nos alertar sobre o risco de autodestruição, não sei... Só sei que disse “Estejam os três ...” Que três?

— Anton, eles podem não ser onipresentes como Deus, mas devem ter suas formas de monitorar nossas atividades. Se o projeto do Comandante tem a envergadura que ele diz, salvar o mundo, você deixaria o barco correr solto?

— O que quer dizer?

— Quero dizer que ele sabe que Geoffrey sabe de tudo e ele é o Três do “Estejam vocês três ...”

— Bem pensado. Só pode ser o Geoffrey. Ele vai ter um ataque do coração...

— Vai nada — disse Carlos. — Acho que ele já estava morrendo de inveja de não participar diretamente. — falou Carlos meio que piscando um olho.

— Bom, então vou falar com ele. Vou falar pessoalmente para prepará-lo melhor. Já pensou que loucura, nós aqui no verão da Costa Leste vestidos com roupas de inverno?

Carlos estava com um bom humor não usual.

— Diante do que estamos vivendo, colocar roupas de inverno no verão é o de menos, não é, Anton? — concordei com a cabeça e fui fazer o que devia.

Nem preciso dizer que antes das oito da noite, no dia seguinte, estavam todos na sala de estar da minha casa. Perfeitamente vestidos para o frio, mas sem os casacos, pois isso seria mesmo insuportável. Curiosamente não falamos muito. Não sabíamos o que viria a seguir, se iríamos para a nave, outro planeta... Qualquer coisa seria possível. E não tirávamos o olho do relógio de parede que havia nessa sala. Quando o relógio marcou 21:50h nossa tensão chegou próxima do limite.

— Senhores, — disse eu — sugiro que coloquemos os nossos casacos e fiquemos em pé. O Comandante foi muito preciso em sua orientação e deve ser preciso também em seus horários.

Sem comentários e maiores delongas, meus amigos vestiram seus casacos, enrolaram cachecóis em seus pescoços, e se perfilaram. Formamos uma espécie de triângulo com nossos corpos, mas sempre de olho no relógio.

E, exatamente quando o relógio marcou 22:00h, nós evaporamos no ar e todo o nosso cenário se transformou.

Nós nos vimos, em plena luz do dia, em meio a uma poderosa nevasca em um lugar evidentemente montanhoso. O ambiente era hostil, pois além da neve que caía, o vento estava muito forte. A uma distância de uns cem metros de onde estávamos, havia a entrada de uma caverna. Lamentamos não ter entendido que “roupas de inverno” incluíam sapatos de inverno. Apesar de desagradável, ninguém iria morrer por andar cem metros em neve fofa até chegar à entrada da caverna, nosso único possível destino. E lá fomos. À medida que nos aproximamos era possível ouvir um ruído regular de alto volume e baixo tom. Sons guturais entremeados por vozes humanas em tom muito baixo. Eu já tinha ouvido aquele som, aquela música.

À medida que fomos entrando, observamos que a caverna era finamente ornamentada com obras de arte, mobília peculiar e iluminação feita por tochas. Eu não tinha certeza se ainda estávamos no século XXI, mas comecei a suspeitar sobre onde estávamos. Não tive muito tempo para ter dúvidas. Mais alguns metros e nos defrontamos com uma espécie de corredor humano, com uns trinta homens de cada lado fazendo uma espécie de saudação, de alguma maneira nos orientando a seguir em frente. Eu pude ver seus rostos e notar seus olhos puxados e cabelos lisos. Eu já sabia onde estávamos.

Ao fim desse corredor humano lá estava ele: o Comandante.

— Sejam bem-vindos, meus amigos. Eu bem que avisei para se prepararem para o inverno — disse soltando uma risada.

Fiquei com a impressão de que o Mestre gostava desses arroubos humanos quando estava nessa condição. Pensei que em sua configuração normal isso não seria possível e, já que vestia a “roupa humana”, se permitia esses pequenos prazeres.

— Comandante — disse eu me arvorando em líder — estamos onde eu penso que estamos? Comandante, eu conheço essa cultura. Acho que sei onde estamos, mas não sei “quando” estamos. Estamos no Tibet, não é?

— Muito bem, Anton. Sim, estamos no Tibet e, fique calmo, estamos ainda no século XXI — disse o Comandante, dando mais uma risada.

E antes que eu pudesse dizer qualquer coisa o Comandante tomou a palavra e disse:

— Geoffrey, seja bem-vindo ao nosso grupo. Eu sou Joshua, se preferir. Não se assuste. Você é agora parte dessa história, mas eu já sabia disso antes.

E mais uma risada. E, mais uma vez, com a velocidade da mente, pensei que o Mestre fazia isso para nos descontrair, além de seu prazer pessoal de curtir suas próprias risadas.

— Anton, lembra-se do meu último compromisso, assumido com vocês?

— Sim, Comandante.

— Então, aproximem-se. Vou apresentá-los ao meu Mestre.

Andamos por mais cinquenta metros até uma câmara reservada onde, apesar do frio, havia um homem desnudo, com uma manta enrolada em seus quadris, de costas para nós. À medida que nós fomos nos aproximando ele foi assumindo a posição ereta e nos cumprimentou, com o típico cumprimento asiático, com uma inflexão para frente com o corpo.

— Senhores, esse é o meu Mestre. Apresento-vos Sidarta Gautama, o Budha.

Agora, que sou um homem velho, parece mais fácil relatar isso. Mas quando se está lá, pessoalmente, com menos de trinta anos, a coisa é um pouco diferente. É como se o peso da História, não mais apenas do Ocidente, mas de toda a Civilização caísse sobre nossos ombros. E, mais uma vez, o que você faz quando tem essas figuras históricas na sua frente, dizendo “bom dia”? Não existem protocolos para isso. Não nos ocorreu nada além de responder a reverência, com a mesma inflexão corporal. Nessas situações, reações espontâneas são comuns. E assim, Geoffrey interveio, dizendo a primeira coisa que lhe veio à cabeça.

— Senhor Budha, o senhor não está com frio? Devemos estar à bem menos do que zero grau...

— Jovem Geoffrey, a temperatura aqui é de menos três graus celsius. Lá fora é de menos dezoito graus, mas devo dizer que gosto disso. No nosso mundo, as experiências sensoriais legítimas quase não existem mais. E, de mais a mais, podemos controlar com a nossa mente, mente humana, já que agora estamos aqui como humanos, a nossa própria temperatura. Sejam bem-vindos a minha casa terrestre!

— Joshua, que tal termos um ambiente mais agradável para os nossos convidados? E como que em um passe de mágica, estávamos em um jardim, com temperatura de uns vinte e cinco graus, e com as roupas que tínhamos antes da nossa “viagem”.

— Senhores, — iniciou o Comandante — nós temos um propósito. Até agora lhes foi dado saber parte disso. Hoje, conhecerão todo o propósito. Devo dizer que é grande a sua responsabilidade. Os senhores não estão aqui por fruto o mero acaso. Há um propósito. Antes que continuemos, devemos oferecer a possibilidade de se recusarem a fazer parte do que está por acontecer. Não desejamos obrigá-los a coisa alguma. Mas se aceitarem deverão estar conosco de forma incondicional.

— Pensem antes de responder, pois uma vez decidido, não será permitido que voltem atrás. Mesmo nós precisamos de regras e, como devem imaginar, as questões envolvidas são sérias demais.

— Mestre — disse eu, tomando a iniciativa — só posso responder por mim e, assim, vou dizer-lhe o que penso. O senhor me explicou de forma superficial o meu papel na história que será contada no futuro. Mesmo eu não tendo a mínima ideia de como poderei executar o que o senhor profetizou, eu acredito. Se junto com isso eu ainda puder ser útil em seus propósitos, então afirmo que sem dúvida estarei ao seu lado em qualquer circunstância.

— Que assim seja, Anton. Antes que continuem e decidam, falaremos um pouco sobre o que cada um de vocês dois deve esperar. Anton teve uma, como vocês dizem, “pincelada” sobre seu futuro, e assim deve ser também com vocês.

— Padre Carlos Sylberstajn, se tudo der certo, o senhor será conhecido por séculos e séculos como o homem que promoveu o encontro entre a Ciência e o que chamam de Religião. Irá revelar alguns segredos milenares e ocultar outros. Não há acaso em sua presença aqui, e não é acaso que seja

um padre e um físico que estuda as Leis do Universo. Seu nome será tão ou mais conhecido do que o de Pedro, o São Pedro.

Padre Carlos estava lívido. Por sua natureza emocional, e com a mais justa das razões, seus olhos se encheram de lágrimas.

— Mestre. — começou Padre Carlos — Eu não consigo entender... Quem sou eu, que eu teria feito para merecer isso? Minha vida foi uma alternância entre a Fé e a Ciência. A curiosidade sempre me moveu, assim como uma força oculta que assoprava em meus ouvidos, dizendo que havia algo mais, algo além. E aqui está o Senhor, diante de mim. E aqui está o seu Mestre, o Sidarta Gautama, o Budha. Senhores, em nome de Deus, e em meu nome, servirei a seus propósitos com todas as minhas forças.

E dizendo isso, ajoelhou-se diante do Mestre, fixando seu olhar no Dele.

— Levante-se, meu filho, levante-se.

Era a primeira vez que o Mestre Jesus tratava algum de nós por “filho”. Carlos levantou-se e o Mestre realmente o abraçou como um pai abraça um filho. Essa cena durou uns trinta, quarenta segundos e, pelo meu relato, entraria para a História.

Subitamente, Sidarta Gautama levantou-se.

— Geoffrey Thompson III, da minha boca irá conhecer o seu destino. Está pronto para isso?

— Sim, Mestre. Estou pronto.

— Tudo o que sabe a nosso respeito foi relatado pelos seus amigos, não é?

— Sim Mestre.

Budha tinha agora um tom de voz e expressão graves.

— Sabe que a cada um de nós é dado um papel para que seja cumprido durante nossa existência. Acredita que nós somos reais, e que o nosso propósito seja o de ajudar o mundo e os humanos a salvarem a Humanidade e a Terra?

— Sim, acredito.

— Está pronto para conhecer o seu destino?

Ninguém está pronto para conhecer o seu destino. Mas Geoffrey, pela rigidez de seu caráter, sua personalidade forte, estava.

— Mestre Budha, à semelhança do Pe. Carlos, minha vida foi movida pela curiosidade. Sempre quis entender os mistérios do mundo e do Universo. Entretanto, acima de tudo, sempre procurei um sentido para a

vida. E nunca encontrei. Passei a entender que deveria encontrar meu próprio sentido para a vida. Se estou aqui, agora, diante de vós, isso deve representar algum sentido para a minha vida.

Sidarta retomou a sua fala.

— Geoffrey, o seu papel nesse drama será o de dar a sua vida pela vida de Joshua.

O Comandante, e todos nós, abaixamos nossas cabeças em profunda reverência. Nosso amigo havia escutado uma sentença de morte prolatada pelo Senhor Sidarta Gautama, o pilar espiritual de toda uma Civilização, e precisava responder. Para salvar sua vida Geoffrey precisava apenas recusar a proposta. Em nada, e por nada, foi uma imposição. Geoffrey Thompson III nunca, em sua curta existência, foi tão livre para tomar uma decisão crucial.

— Mestre Sidarta, Mestre Jesus, eu não escolhi aonde iria nascer, não escolhi meus pais, e, em realidade, muito poucas escolhas que fiz na vida foram, de fato, livres. Acho que agora, pela primeira vez, posso tomar uma decisão livre. Eu sou profundamente ateu. Para mim Deus é uma ilusão de mentes pouco esclarecidas. Mas querem minha resposta? Sim, Mestres. Eu não acredito que esteja aqui por acaso. Se a minha vida é o preço a ser pago por um bem maior, muito maior, estou pronto a oferecê-la.

Budha e Joshua entreolharam-se sem piscar os olhos. E, ato contínuo, colocaram-se na posição onde um dos joelhos está no chão e a outra perna está servindo de apoio, com as mãos unidas como quem reza, com as cabeças baixas, na frente de Geoffrey.

Geoffrey não acreditava no que estava vendo. Sentiu-se parte de uma história que extrapola o sentido de uma única vida. Tinha o Budha e Jesus, semi-ajoelhados, à sua frente.

Os Mestres se ergueram e Budha retomou a palavra.

— Senhores, por favor, vamos dar as mãos. Esse instante deve marcar o início de uma importante jornada.

E assim, formamos um pentágono humano, com Pe. Carlos entre Joshua e Budha, eu ao lado direito de Budha, e Geoffrey ao lado esquerdo de Joshua. Não foi proferida qualquer oração. Hoje acredito que a própria gravidade do momento tenha sido oração suficiente.

Presidente Sawyer havia contado à sua Vice, Nancy Herrera, o segredo de Von Hausen. Era uma decisão sua, dividir ou não, esse segredo com alguém. Ponderou que, cedo ou tarde, mais gente saberia, e dividir isso com a Sra. Herrera pareceu a coisa certa a fazer.

A vice-presidente dos Estados Unidos era um fenômeno da política americana. Havia sido a mais jovem pessoa a fazer parte do Congresso Americano. Seu nome ganhou projeção nacional em idade bastante precoce em função de seu ativismo contra as desigualdades sociais. Nancy nasceu nos Estados Unidos, mas como o nome diz, tinha origem latina. Era fluente em cinco idiomas, sendo, por razões óbvias, o inglês e o espanhol, o seu forte. Tinha apenas trinta e sete anos quando foi convidada a formar a chapa vencedora com o presidente Sawyer. Mesmo com grande diferença de idade entre eles, Nancy havia se tornado uma confidente do presidente.

— Nancy, dê uma olhada nesses resultados. Essa é a análise do material do cubo que Von Hausen me entregou.

E Nancy leu a síntese do reporte. “A constituição do material formador do objeto em questão, em seu aspecto mineralógico e molecular, não encontram coincidência com nenhum material conhecido. A composição atômica da estrutura molecular do objeto é constituída de materiais que não pertencem à Tabela Periódica dos Elementos conhecida até agora. A mera existência do objeto em questão representa algo novo e um desafio à Física dos Átomos”.

— Presidente, acho que temos um problema.

— Nancy, temos muito mais do que “um problema”. Temos um monte de gente, que mesmo dentro dos estritos protocolos que temos com nossos funcionários, ou terceirizados, sabem que existe algo que não é da Terra, e não podemos explicar. Será que, mesmo sob ameaça de ser preso, nenhum deles vai desejar ficar rico e famoso, revelando esse segredo?

— Sim, Presidente. Esse risco é real. Mas mais do que isso. Torna a estória de Von Hausen muito crível. E se essa estória não for um caso de delírio em conjunto, as implicações são muito graves e imprevisíveis. Significaria que temos, sem espaço para contestação, alienígenas acompanhando a nossa história há milênios. Eu sou Católica Apostólica

Romana desde a minha infância. Meus ancestrais, avós, pais, e eu mesma, fui ensinada a acreditar em Nosso Senhor Jesus Cristo, como o Filho de Deus. O Cordeiro de Deus, que veio ao mundo para redimir nossos pecados. Mesmo tendo a oportunidade de estudar, e até desconfiar, esse credo está profundamente arraigado na nossa cultura. Quase dois bilhões de pessoas creem nisso cegamente. E agora, se isso tudo for verdade, descobrimos que Ele é um extraterrestre, que está novamente aqui para nos salvar. Nos salvar de nós mesmos!

— Nancy, minha jovem Vice-Presidente e amiga, ainda tenho algumas novidades que não te contei. Eu mandei abrir aquela ampola. E mandei que fosse feita a análise do DNA. E mandei que a NSA usasse de todos os meios disponíveis, desculpe pelo termo, legais ou ilegais, incluindo espionagem em todos os bancos de DNA existentes na face da Terra. Aquele DNA não é compatível com absolutamente nenhuma amostra já feita no mundo. Em outras palavras, ninguém tem aquele DNA.

— Mas é um DNA humano? — perguntou Nancy.

— Sim, é humano, mas não tem origem. Não é parente de ninguém no mundo. E tem mais!

— Fale, meu presidente.

— Eu falei com o Papa João XXIV.

— Sério mesmo?

— Sim, Nancy.

— E o que ele disse?

— Disse que isso era lenda e que tal relíquia, um pedaço da cruz de Cristo não existia.

— E aí?

— E aí que, muito a contragosto, tive que exercer o papel de Presidente dos Estados Unidos da América, da forma que menos gosto. O papel da força.

— E como fez isso, Sawyer?

— Conforme as orientações de Von Hausen, disse ao Papa exatamente onde a relíquia se encontrava, que estávamos monitorando com nossos poderosos satélites e equipes de terra, que qualquer aproximação à Ala Quarenta e Três, Estante Doze seria imediatamente detectada e haveria uma invasão. Acho que ele se convenceu...

— E por que acha isso?

— Porque ele mudou de ideia. Me ligou após dois dias e disse que entregaria uma amostra da relíquia. Me fez jurar por Deus que manteria isso em segredo, o que, naturalmente, fiz. Informei que um agente da NSA estaria lá para receber a relíquia, e que ninguém da equipe sabia do que se tratava. São militares cumprindo ordens.

— E ele entregou?

— Entregou.

— E?

O Presidente Sawyer tinha sorte de ter Nancy Herrera ao seu lado. Não existe lealdade incondicional em política. Mas algumas pessoas são mais leais que outras. E algumas pessoas conseguem distinguir melhor do que outras os momentos em que a História bate a sua porta. Nancy Herrera era uma dessas pessoas.

Sawyer respirou fundo. Não queria dizer o que estava prestes a dizer por que sabia que isso seria o começo de um turbilhão cujo início é conhecido, mas cujas consequências são imprevisíveis.

— Nancy, o DNA da amostra extraída da cruz onde Jesus Cristo foi crucificado é cem por cento compatível com a amostra da ampola que Von Hausen me entregou. Com por cento, Nancy! Cem por cento!

— Presidente...

O presidente Sawyer tinha as duas mãos na própria testa e os cotovelos apoiados em sua mesa de trabalho. Não era apenas a tensão se manifestando. Era o sentimento de impotência diante de uma coisa grande demais. Não havia a ameaça iminente de guerra nuclear. Não havia nenhum inimigo evidente, ao contrário. Mas ambos tinham a mais plena consciência de que aqueles eventos extrapolavam o seu ciclo histórico. Aqueles eventos eram muito intimamente conectados com toda a História do Ocidente. E mais. Significava a prova incontestada de que não estávamos sozinhos no Universo. O futuro do mundo, a consciência do mundo, diante desse conhecimento, nunca mais seria a mesma.

Nancy, com a inteligência que lhe era peculiar, entendeu tudo isso rapidamente, assim como sabia que Sawyer iria precisar de muito apoio.

— Presidente, o senhor tem uma linha de ação em mente, dados esses incríveis fatos?

— Ainda não, Nancy. Sinceramente, eu sou, ou era, o homem mais poderoso do mundo. E não sei exatamente o que fazer agora. E, sem perder

o traquejo político que o conduzira à Casa Branca, fez piada, como que para desanuviar o ambiente.

— Não chega a ser uma desonra perder o posto de “homem mais poderoso do mundo” para Jesus Cristo....e riu baixinho.

— Presidente, disse Nancy na mesma toada, o senhor é o homem mais poderoso do mundo. Agora, se seu concorrente é o Filho de Deus....

E também riu baixinho, com o mesmo espírito de rir diante do imponderável. E continuou.

— Presidente, se me permite.

— Claro, Nancy, vá em frente.

— Há, concretamente, algo que possamos fazer? Talvez a única coisa que devamos fazer agora é conter os boatos, e segurar as pessoas que, de alguma maneira, tiveram contato com isso.

— Concordo, Nancy.

— Presidente, por tudo o que vi, e ouvi, essa parece ser uma estória que está muito longe do fim. Von Hausen pode ser um quase alemão arrogante, mas louco ele não é. Estudei sua biografia. É disciplinado, é um patriota, e está às voltas com essa questão de vida alienígena por quase trinta anos. Ele não poderia inventar isso, mesmo que quisesse. As provas estão bem aqui, na nossa frente.

— Onde quer chegar, Nancy?

— Quero dizer que, além de segurar a nossa própria turma, o certo a fazer é não fazer nada e esperar. Pense comigo. Se esses aliens, deuses, Jesus Cristo, têm o poder que têm, nossas ações também estão na sua conta. Eles sabem o que está acontecendo aqui, agora. Isso não é muito diferente de um jogo de xadrez. Eles fizeram um movimento, e nós fizemos o nosso. Penso que, a essa altura, eles já sabem que sabemos quem eles são. Eles que fizeram o movimento para que isso acontecesse. Agora é a vez de eles fazerem os próximos movimentos. O que podemos fazer? Jogar uma bomba atômica em uma nave que nem sequer podemos ver, e que, afinal, não nos fez mal algum?

Muitas vezes, quando você está perdido, algum conselho é melhor do que nenhum. E o conselho de Nancy era um bom conselho. Não havia mesmo o que fazer. Em um assunto de tal sensibilidade, qualquer movimento poderia causar efeitos além da capacidade de previsão. Sawyer conseguiu antever o caos que se instalaria na Casa Branca e no Pentágono,

se esse tema fosse levado a uma discussão “institucional e democrática”. Generais, almirantes, o pessoal da inteligência, cada um prevendo um cenário mais caótico. Sem falar dos “think tanks”, essas pessoas inteligentíssimas, de consultorias caríssimas, que sempre têm uma solução para tudo, ao custo de milhões de dólares.

— Nancy, você tem razão. Nós estamos fazendo a nossa parte e, de fato, está nas mãos deles o próximo movimento. Qualquer coisa agora vai causar mais confusão do que solução. Nancy, muito obrigado por estar ao meu lado em uma hora estranha como essa.

— Mi presidente — brincou ela em espanhol. — Estarei ao seu lado.

— Gracias — devolveu Sawyer.

Capítulo 24 A Origem do Mal

Quando alguém pensa nos mestres que vieram para instruir o mundo, pensa-se em seres sagrados, como a nossa cultura impõe. São todos seres quase divinos, cuja única missão é revelar a verdade para os pobres e ignorantes humanos. Nada mais incomum do que pensar neles como criaturas de carne e osso, ao menos nesse interregno humano. Para mim foi interessante conhecer essa faceta dos Mestres.

Enquanto na condição de humanos eles também têm fome, têm emoções, têm conforto e desconforto, tudo bem parecido com qualquer outro ser humano. E a propósito de fome, considerando que havíamos começado nossa “viagem” às dez horas na noite, horário local, e já estávamos no Tibet há algumas horas, Lorde Gautama propôs que comêssemos e bebêssemos alguma coisa. Proposta feita, proposta executada. Em segundos se materializou uma mesa com várias guloseimas e bebidas, sem faltar uma generosa garrafa de vinho tinto. Fizemos um brinde e Budha retomou a palavra.

— Senhores, hoje eu gostaria que soubessem um pouco mais sobre como as coisas funcionam em um Universo repleto de vida e de morte. Vida e morte são associadas ao Bem e ao Mal, mas não é necessariamente assim. A morte garante a renovação da vida e a diversidade. Mesmo nós, que adquirimos a capacidade de ter ciclos de vida imensamente mais longos que

os ciclos humanos, eventualmente, morreremos. Isso, em si, não representa o Mal.

— O Mal se apresenta de duas maneiras distintas. Uma delas é muito familiar aos humanos, a outra vocês conhecem apenas breves e sutis manifestações, mas cujos resultados são devastadores. O Mal que vocês conhecem bem trata de eventuais quebras da ordem percebida em seu processo de evolução natural. Grupos de macacos às vezes se juntam para destruir, e às vezes, matar outros macacos. No processo de evolução humana a disputa territorial, à semelhança de tantos outros animais, foi por muito tempo a coisa normal a se fazer. A conquista era um “bem” para o vencedor e um “mal” para o perdedor. O sofrimento é uma forma de expressão desse mal. À medida que foram avançando no processo civilizatório a quebra desse novo conceito de ordem passou a ser interpretado como o Mal. Assim, atributos que antes funcionavam muito bem, como o egoísmo, passou a ser considerado algo que criava desordem, pois beneficiava um, ou poucos, em detrimento da maioria. Os Sete Pecados Capitais, e sua contrapartida, Os Dez Mandamentos, nada mais são do que tentativas de qualificar atos “maléficos” e a apresentação de formas de comportamento que são adequadas à criação de mais ordem. Entretanto, a evolução não acontece de forma harmônica e simultânea para todos. Pessoas, sociedades e nações aprendem em velocidades diferentes, e essas diferenças também são interpretadas como desordem: o Mal. Essa diferença na velocidade do aprendizado é também conhecida como ignorância. E essa também é uma fonte do Mal na experiência humana.

Quando Budha parou para respirar, achei que era a hora de começar a tornar o encontro um pouco mais um diálogo do que um monólogo.

— Lorde Budha, sendo assim, a existência do Mal não é algo inerente ao próprio desenvolvimento humano? Não é o caminho inevitável pelo qual devemos passar?

— Sim, Anton. Até certo ponto, sim. Mas mesmo para isso há limites que precisam ser observados, muito especialmente quando se começa a adquirir poderes que a Natureza mantém ocultos, até que comecem a desvendá-los. Nesse momento, a responsabilidade dos seus líderes, e de toda a sociedade aumenta muito. Nenhuma guerra do passado recente seria capaz de fomentar a destruição completa da espécie humana, mas agora é. Agora vocês já dispõem de energia concentrada, na forma de armamentos,

cuja utilização coloca em risco toda a sua História. E acredite, nós já vimos isso acontecer vezes demais.

— Sim, Mestre. Esse perigo é mesmo real. — disse Geoffrey.

— Real e imediato.— emendou Joshua.

Budha continuou em sua narrativa.

— Existe, entretanto, uma outra ordem do Mal que vocês praticamente desconhecem. E para que conheçam, vou explicar o que acontece na imensidão do espaço, que vocês podem ver, mais ainda não podem alcançar. Em resumo, existe mais de uma maneira de se atingir níveis altíssimos de tecnologia, como a nossa, por exemplo. E isso guarda estreita ligação sobre como cada civilização responde às mais profundas das perguntas: Qual o sentido da vida? Qual o sentido da existência? Qual o sentido da consciência? Dependendo de como essas respostas são elaboradas, os resultados podem ser imensamente diferentes.

— Mestre, — perguntou Carlos — é possível, então, chegar a esses níveis de ciência e tecnologia e, ainda assim, ser uma expressão do Mal?

— Sim, Carlos. Não só é possível como o Universo está repleto de seres que, por terem interpretado essas respostas de outra maneira, representam a desordem em sua mais infame versão. Existem sociedades com muitos bilhões de unidades cuja única meta é fazer crescer sua sociedade em número, em mais unidades com esses mesmos valores.

— São seres com poderes parecidos com os seus e que desejam destruir os mundos, as criaturas conscientes? — continuou Carlos.

— Sim, são seres com poderes similares aos nossos. Entretanto, destruir não é bem a expressão adequada.

— E vocês nunca entraram em guerra com essas criaturas?

— Sim, já tivemos guerras com eles. Bilhões de seres foram perdidos antes que percebêssemos que ninguém poderia vencer essa guerra. E chegamos a uma espécie de acordo tácito de não agressão. Da sua maneira, eles acham que representam o Bem e nós o Mal. E também concluíram que, apesar de dispor da força bélica para destruir mundos, isso não atenderia seu propósito. Eles acreditam que a supressão da liberdade é o único caminho para aumentar a ordem e a disciplina. O que eles querem é o controle total e a consequente disciplina que podem impor. E nós entendemos que a liberdade, com consciência, representa o caminho da evolução.

— E onde eles estão? Como atuam? Estão aqui? .

— Eles estão espalhados por toda a galáxia e, sim, também estão aqui. Nós ocupamos quadrantes diferentes após as guerras. Mas isso representa uma área pequena, quando comparado com o tamanho da galáxia. As áreas, fora de nossos quadrantes definidos, são aquelas onde atuam eles e atuamos nós.

— E nós, humanos, estamos justamente nessas áreas neutras? — perguntou Geoffrey.

— Sim, estão. — Disse Joshua.

— E como trabalham, como operam? — perguntei.

— De maneira semelhante a nossa. Pense, Anton, como começou sua estória, que culminou com sua chegada até esse momento?

Tive que pensar um pouco. Pensei em toda a minha vida, minhas experiências. Mas, objetivamente, havia começado com os sonhos lúcidos mais estranhos que o normal, com as conversas com os “anjos”. Sonhos muito reais.

— Com os sonhos, com os anjos. — arrisquei.

— Sim, Anton. Essa é uma forma muito eficiente de comunicação e de manipulação. Pense em uma mente mais religiosa do que científica. Uma estória é contada e repetida por milhares de anos, céus, infernos, anjos, demônios, punições... Eles têm a capacidade de analisar probabilidades semelhante a nossa. Dessa forma, sabem com razoável certeza, sobre quais personagens têm maior chance de servir aos seus propósitos. Nós e eles conhecemos todas as pessoas na face da Terra. Ainda assim, como disse, há uma espécie de ética entre suas forças e as nossas.

— Mestre Budha, o senhor está dizendo que a História, além de ser uma história da evolução humana, é também uma história de forças celestiais, quero dizer, interestelares, entre dois polos diferentes de interpretação da realidade?

— Sim, Pe. Carlos — disse Buhda. — Eles fazem pequenas intervenções na mente de algumas pessoas, e o curso da História é alterado. E nós também. O que está acontecendo agora, aqui, é um movimento raro, e mais ousado que o normal, da nossa parte.

— O Senhor poderia dar alguns exemplos? — perguntou Geoffrey.

— Hong Xuiquan, na China do século XIX, durante uma enfermidade, teve sonhos de revelação em que era informado de que era o irmão mais

novo de Joshua, e que na condição de filho de Deus, devia salvar a China, derrubando o imperador. Criou milhares de seguidores, e alterou a história chinesa por décadas. Convenceu a todos que deviam lutar contra os demônios que dominavam o poder. Cem mil de seus seguidores cometeram suicídio para não cair nas mãos do inimigo. MaoTsé Tung, décadas depois, achou justo matar milhões de pessoas de fome, em nome de “uma sociedade mais justa”. Joseph Stalin fez a mesma coisa na Rússia, em nome da mesma causa nobre. Adolph Hitler queria um mundo com “homens perfeitos”, e para atingir esse fim entendeu que era um ato de coragem, eliminar os “imperfeitos”. Suas motivações externas seriam todas justificáveis, desde que alcançassem seus nobres objetivos. E os resultados foram o de sofrimento em escala cada vez maior. Seguindo as orientações de seus “mentores ocultos” perpetraram grande sofrimento e morte, a eliminação das liberdades individuais, em nome de um Paraíso na Terra, que sabemos não poder existir sem que o espírito humano, o espírito da Vida, esteja em liberdade.

Estávamos boquiabertos. Os Mestres estavam dizendo, e dando exemplos, que a nossa história era, em grande parte, uma história que não era exclusivamente nossa, mas de seres alienígenas disputando princípios profundos sobre como conduzir a História. Os anjos e demônios eram e são reais, tendo apenas outra explicação. Seria verdade? Posteriormente, Pe. Carlos me disse que ao longo dessa conversa começou a intuir acerca do papel que os Mestres haviam reservado para ele.

— E nós também interferimos em algumas ocasiões, só para ficar na história recente. Mostramos, de forma indireta, os caminhos da luta sem violência a Mohandas Karamchand Gandhi, a quem vocês chamam de Mahatma. Nossa mais relevante intervenção nos últimos cem anos terrestres ocorreu em 1962. Entre os dias 16 e 28 de outubro desse ano dois de seus líderes estiveram a bordo da nave, como “convidados forçados”, e nós antecipamos a ambos o provável desfecho daquilo que entrou para a história como a Crise dos Mísseis. A Humanidade esteve muito perigosamente perto da auto aniquilação nuclear. Não fazemos isso com prazer, pois nós mesmos chegamos perigosamente perto dos limites auto estabelecidos. E também porque sabemos que estamos sendo observados pelas forças do Mal, e não desejamos estabelecer precedentes para que eles também se aproximem desses limites.

O Comandante assumiu a palavra.

— Antes que cheguemos ao ponto central de nossa conversa devo dizer que, por meio desses contatos oníricos, estamos preparando a Humanidade há séculos para os eventos que estão prestes a acontecer. Algumas pessoas recebem “sugestões” nossas através dos sonhos para que sua cultura lentamente vá absorvendo, internalizando, que não estão sozinhos no Universo. Boa parte do que vocês conhecem como “Cultura Pop” foi o resultado de “intuições” de indivíduos criativos, sobre os quais sugerimos novas ideias. H.G. Wells é um bom exemplo. Gene Rodenberry, autor da série Jornada nas Estrelas, foi outro. Não é verdade que não é desconhecido de nenhum dos senhores o conceito de Não-Interferência Planetária?

Nós três assentimos com um movimento positivo com a cabeça que já conhecíamos esse princípio por causa da famosa série de televisão. Tudo parecia fazer sentido. Porém, essas pessoas podiam simplesmente ser mais criativas que a média e produzir essas obras espontaneamente. Tínhamos tantas perguntas...

Geoffrey não resistiu e perguntou:

— E Erick von Daniken, o autor de “Eram os Deuses Astronautas”? Foi influência dos senhores?

— Não. Esse errou em muitas de suas afirmações, mas acertou na ideia central. As pirâmides foram erguidas por homens que não tiveram contato entre si por milhares de anos e, ainda assim, produziram edificações semelhantes em lugares totalmente apartados. E fizeram isso porque a forma das pirâmides é a mais eficiente para criar prédios altos que não caíam facilmente.

Pe. Carlos intuiu que o Comandante iria retomar aquilo que havia começado, no sentido de falar das coisas que realmente importavam em sua missão. E não desejando perder a oportunidade, fez a pergunta que estava entalada em sua garganta desde o começo desses excepcionais eventos. E resolveu, dessa vez chamar o seu Mestre pelo nome.

— Mestre Jesus Cristo, Mestre Sidarta Gautama, o Budha. Permitam-me, antes que continuem, perguntar sobre aquilo que motivou a maior parte da minha carreira.

Pe. Carlos suspirou antes de continuar. Tinha um nó na garganta.

— Deus. Deus existe? Deus é o Criador do Universo e de todas as coisas?

Carlos fez essa pergunta e abaixou a cabeça, contrito, como se tivesse ultrapassando um limite, como se intuísse que aquela era uma pergunta proibida. Tinha profunda curiosidade, mas também sabia que a resposta, se houvesse, poderia não ser a que sua alma esperava.

Joshua e Budha mais uma vez entreolharam-se sem proferir palavra. Tive a impressão de que estariam se comunicando telepaticamente, decidindo quem iria responder aquela pergunta. Sidarta Gautama se manifestou.

— Padre Carlos, peço que abra a sua mente ao máximo, e que os demais também o façam. Falaremos sem interrupções e não responderemos a mais perguntas sobre esse tema. Os senhores concordam?

Fizemos que sim com a cabeça.

— O Deus, Criador do Universo, da forma como os senhores entendem, não existe. Jesus não é o Filho de Deus, no sentido que entendem. O Universo nunca foi criado, e não pode ser destruído. O Nada não pode dar origem a alguma coisa e, portanto, tudo sempre existiu, mudando apenas de forma, em um ciclo infinito de expansão, contração, e nova expansão. As unidades de tempo desses ciclos são medidas em valores muito além da sua atual capacidade de compreensão. A cada um desses ciclos pode dar-se o nome de éons. O éon em que vivemos agora cumpriu menos de 0,0001 por cento de seu tempo total. E ao final desse ciclo, recomeçará, mas não de forma idêntica ao anterior. Também não é correto dizer que o Universo é auto criado, porque nunca foi criado. Nesse sentido, sempre existiu. Mas sim, há algo que se poderia chamar de Mistério. E o mistério é a consistência de suas Leis. Por alguma razão que não sabemos, as leis que regem os ciclos cósmicos são sempre as mesmas. E sabemos disso porque o éon anterior deixa marcas no éon subsequente, e, através dessas marcas, sabemos que as Leis Fundamentais são as mesmas. Nós, apesar de nossos esforços, não sabemos a resposta do por que isso é assim. Não há, até onde sabemos, razão para que as Leis sejam sempre as mesmas. Mas são. Sobre isso temos apenas hipóteses. Aquela que a nós parece ser a mais satisfatória é que o próprio Universo tenha um grau de liberdade igual a zero e só possa existir com essas específicas Leis. Ainda assim, o Universo terá uma propriedade que se reflete em alguns aspectos que a sua ciência já é capaz de reconhecer. É o poder de replicação por auto similaridade. Alguns processos na matemática e na Natureza apresentam essa característica:

forma e padrões se repetem com grande similaridade, mas nunca são rigorosamente iguais. Assim, deve ser o Universo, onde as Leis de cada Éon são as mesmas, os padrões são similares, mas nunca, jamais, são iguais. Assim, Pe. Carlos, se trocar a expressão Leis de Deus por Leis da Natureza, isso será a coisa mais próxima que terá de Deus. Nesse sentido, as Leis da Natureza são as Leis de Deus, não criado, eterno e indestrutível, em seu sentido mais amplo.

Pe. Carlos não sabia o que pensar. Conhecia, até onde era possível, as leis da física, as leis da natureza. Talvez quisesse crer que havia uma Consciência Universal, que controlava todas as coisas. Não era bem o que Mestre Budha estava dizendo. Padre Carlos teria que se acostumar com esses conceitos que, para mim não pareciam assim tão estranhos. Mas eu não era padre. E nem era, segundo os Mestres, “o homem que iria ser lembrado por séculos e séculos, como aquele que promoveu a harmonia entre Ciência e Religião.

Nesse momento, Joshua tomou a palavra e prosseguiu.

— Antes que perguntem, porque sei que isso está no pensamento de todos vocês, vou dizer algo sobre a vida e a morte. Mas irei apenas até certo ponto. Vocês desejam saber o que acontece quando sobrevêm a morte ao corpo físico. O que acontece? Desejam saber se a morte é o fim, ou se algo sobrevive, não é? Pois vou lhes dizer. A Consciência é como um lento despertar. Ela está junto e é parte do seu corpo. A consciência reflete o quanto cada ser está “acordado”, sentindo e percebendo o que está a sua volta. Qual o tamanho da consciência de uma formiga? É do tamanho de sua capacidade de sentir e perceber o mundo que a cerca. E qual é o tamanho desse mundo? É o tamanho suficiente para que possa existir e se reproduzir, dando sequência ao seu ciclo. E se fizermos a mesma pergunta sobre, por exemplo, o seu cão? O seu cão é muito maior, e mais complexo que a formiga. Seu cérebro o torna capaz de ter e expressar sentimentos, o que a formiga não pode. Na sequência dessa ordem de medida, vocês, nós, humanos, somos capazes de um nível muito mais elevado de entendimento. Temos níveis de emoções e cognição muito elevados, apesar e por causa de nossa origem muito simples. Isso dito, sei que ainda não respondi à pergunta. Afinal, morremos definitivamente, ou não? Anton, Geoffrey, Carlos. Quando os seus corpos deixarem de estar organizados da forma como estão, ou seja, quando morrerem, nada sobrarão de suas identidades.

Carlos, Geoffrey e Anton, deixarão de existir como tais. Vocês, e todos nós, iremos, como personalidades, desaparecer para todo o sempre. Entretanto, hummm...E é esse “entretanto” que esperam... A consciência que foi desenvolvida durante suas existências...Não se perde. É como se a contribuição da Consciência de cada ser vivo, seja qual for a sua complexidade, não fosse perdida, mas passasse a fazer parte do Universo inteiro. Tentem entender dessa maneira: cada experiência consciente, cujo corpo que a expressa deixa de existir, se torna parte integrante da consciência do Todo. É como se todo o Universo se tornasse, paulatinamente, mais consciente de si mesmo. Essa é a contribuição que oferecemos com as nossas mortes, com o fim de ciclos individuais. E é por isso que entendemos que nós representamos o Bem, e nossos adversários representam o Mal. A sua forma de interpretar a vida exige menos liberdade e, por consequência, menos consciência. Dito de outra forma, eles tem contribuição negativa para a expansão da Consciência. E é por isso que estamos aqui, agora, nesse momento solene.

Joshua não tinha mais o menor traço de sorriso em sua face.

Vendo em retrospecto, penso que tivemos mais informação do que éramos capazes de processar. E o Mestre Joshua tinha, deliberadamente, sido pouco claro sobre as questões da Consciência. Afinal, existe uma Consciência Universal ou não? O Universo tinha alguma espécie de consciência de si mesmo ou não? Seríamos nós, e os seres superiores a nós, como eles, os Mestres, a forma que o Universo tinha de reconhecer a si mesmo? Seria o somatório de todas as consciências igual à Consciência Universal? Não era possível concluir isso, com alguma certeza, a partir das palavras do Mestre Jesus. Ainda por muitos anos me perguntei se isso era o máximo que podia dizer, porque nós seríamos incapazes de entender além, ou se isso era o máximo que ele mesmo entendia.

Joshua tinha ainda algo a dizer para mim. Muitos anos se passariam até que eu entendesse suas palavras.

— Anton, antes que passemos à próxima fase do nosso encontro, ouça o que vou dizer, não faça perguntas, e não se esqueça. Entenda isso como um presente, uma dica.

— Quando pensar no trabalho de sua pesquisa, pense na arte, pense em Escher, o pintor contemporâneo holandês. Pense no espaço como pensa

Escher. Na irrelevância do espaço, se nada acontece lá dentro. E na imensa energia lá contida...

Ficamos mais de um minuto em profundo silêncio. Precisávamos todos de uma pausa. E, passado esse tempo, Lorde Gautama levantou-se, gesto que todos repetirão, e declarou:

— Senhores. Como já sabem, suas existências, a partir de agora, irão mudar muito e para sempre. Suas vidas e seu mundo, jamais voltarão a ser como foram até então. Isso é um ritual de despedida. De despedida do mundo que conheceram até agora, e a entrada no mundo que terão daqui para frente. Devem estar preparados, terem coragem, e terem fé. O futuro não está escrito, não está firmemente determinado. Mas devem saber que dos seus, dos nossos atos, dependerá que futuro será legado à Terra, à espécie humana e a outras espécies.

E, tendo dito isso, os Mestres passaram a nos dar instruções sobre como deveríamos agir, na condição de Mensageiros. A Geoffrey não foi passada nenhuma instrução específica, mas dito que ele estaria conosco em todo o drama que viria a se suceder. Geoffrey escutou a tudo em silêncio. Nenhum de nós havia esquecido o que havia sido dito por Sidarta Gautama sobre o destino do nosso amigo. Não cabia a nós julgar algo de tamanha grandeza, mas aceitar.

Encerrado esse momento, a um olhar de Budha para Joshua, voltamos para a caverna onde sempre estivemos. Tínhamos novamente nossas roupas de inverno, o frio se impunha, e voltamos a ouvir aqueles sons, aquela música grave e gutural, típica dos tibetanos. A mesma formação de uns trinta homens de cada lado da entrada da caverna, nos servia agora como porta de saída. E ao chegarmos à saída da caverna nos viramos, como que para uma última despedida, enfileirados. Ainda vimos o Comandante fazer uma medida com o corpo, à moda asiática.

E em menos de um segundo, estávamos novamente na minha sala de estar, em plena luz do dia.

Capítulo 25
De Volta a Terra

gora que o tempo passou reconheço: ninguém volta a ser a mesma pessoa depois de uma experiência como aquela que vivemos. Era justo que nos sentíssemos parte da história que seria contada no futuro. E isso cria um senso de responsabilidade capaz de tirar o bom humor de qualquer um. Olhávamos um para o outro como membros de uma sociedade secreta, que tinha um líder e uma missão. Era bem mais do que isso. As sociedades secretas sobre as quais sempre ouvi falar ou li, tratavam sobre crenças ligadas à sabedoria “secreta” que teria sido transmitida por outros Mensageiros, em outras épocas, e todas muito vagas e misteriosas.

Não era o nosso caso. Tínhamos orientações muito específicas. Éramos os “Cavaleiros da Ordem Contemporânea”, título que eu mesmo inventei. Quase não fazíamos mais piadas, imbuídos desse espírito. Como esquecer a nossa missão? Como esquecer o que o Comandante havia dito sobre o Pe. Carlos? Como nós, e especialmente ele, podia dormir, tendo um veredito sobre sua vida, e sua memória futura, como aquele que havia escutado dos Mestres? E mais. Como você trata um amigo que ouviu, em sua presença, pela voz de Budha, que deverá entregar sua vida pela vida de Jesus?

Foram momentos difíceis.

Talvez por isso resolvemos não falar muito mais sobre nada, nem sobre o destino de Geoffrey, e executar aquilo que foi combinado. Antes de voltarmos à Terra fomos informados, por Lorde Gautama e Joshua, sobre o andamento das questões terrenas, que envolviam os resultados das ações de Von Hausen sobre o presidente Sawyer e a vice-presidente Herrera. E, conforme as orientações, coube a mim dar sequência à própria História.

Apesar de ser um físico teórico, nunca me alienei das coisas do mundo. E o mundo não estava em paz, apesar de não haver nenhuma guerra formal em curso. Estávamos saindo de uma grave recessão econômica mundial causada pela pandemia da COVID 19. Centenas de milhões de pessoas haviam perdido seus empregos. As grandes empresas de tecnologia caminhavam a passos largos para substituir os empregos por robôs. Por que não? Se uma única máquina pode realizar o trabalho de milhões de médicos, com um nível de segurança maior, você não a preferiria? Eu também. Se é possível ter uma redução nos níveis de acidentes de trânsito dez vezes menor, porque os carros e caminhões são autônomos, por que não? Se um androide-garçon é tão barato quanto, digamos, cem mil dólares, mas nunca fica doente, nunca maltrata os clientes, nunca tira férias e não

tem direitos trabalhistas, quem o dono do restaurante prefere “ter”? Humanos ou robôs? Apenas nos Estados Unidos, cinco milhões de pessoas trabalham no volante de algum veículo, mas esse número estava diminuindo drasticamente. Afinal, se os carros e caminhões dirigem a si mesmos, com um índice de acidentes noventa por cento menor, por que não?

Essas pessoas não estavam felizes. Não tinham futuro e mal poderiam sugerir a seus filhos uma carreira em que não estivessem ameaçados. Cedo ou tarde seriam substituídos por robôs.

Enquanto isso, tínhamos sistemas políticos e ideológicos muito diversos convivendo em equilíbrio instável. As novas tecnologias militares tinham poderes antes considerados divinos. Podíamos ver através de paredes, lançar raios laser do céu onde desejássemos, mísseis hipersônicos, como o que Von Hausen utilizou para me monitorar. Nenhuma grande nação com poder militar confiava na outra e, por mais que soubessem que isso poderia conduzir ao caos, a mera possibilidade de ser superado pelo adversário estimulava a continuidade da corrida armamentista, agora baseada em Inteligência Artificial. O Partido Comunista Chinês, seguindo inercialmente o modelo que o havia gerado, entendia que sua missão era convencer o mundo, a qualquer preço, que esse era o caminho certo para a Humanidade. Alguns poucos milhares de pessoas teriam a responsabilidade de orientar bilhões de outras, para que a ordem fosse mantida. O Ocidente estava convencido de que, apesar das gritantes desigualdades, seu modelo era o certo. Havia liberdade e, dentro dos limites da lei, cada cidadão tinha o direito de empreender, criar, se movimentar como desejasse. Os russos, bem, os russos ainda não sabiam bem o que queriam, e faziam de conta que eram democratas, e alternavam os mesmo governantes no poder por décadas a fio. Tinham perdido a glória da antiga USSR, mas por conta dessa história, investiam um percentual significativo de sua riqueza em gastos militares.

Vivíamos o mais longo período de paz em séculos. Entretanto, havia a sensação de que as coisas não estavam bem nos seus lugares. Bastava que um erro, apenas um, acontecesse apenas uma vez, e teríamos o Apocalipse. Existem coisas piores do que a morte. Afinal, quando você morreu, seus problemas acabaram. E por isso, apenas em vida é possível viver o verdadeiro Inferno. E como a Caixa de Pandora nos preservou a Esperança, uma forma mitológica de expressar o instinto de preservação, sempre

acreditamos em dias melhores. Acreditamos que, mesmo diante do Inferno na Terra, dias melhores finalmente chegarão. E durante essa esperança, é possível viver o Inferno na Terra, enquanto não chega o prometido Paraíso que os políticos prometem na Terra e os religiosos no Céu.

Como disse o pessoal da NSA, as coisas simplesmente vão acontecendo, a história vai se sucedendo, e ninguém realmente se sente responsável. Presidentes têm que fazer o que fazem presidentes. Líderes de partidos atendem seus correligionários para manter e aumentar seu poder, como fazem todos os políticos. Líderes empresariais têm que criar produtos e serviços que gerem lucros para si mesmos e para os acionistas. E assim, cada um cumprindo o seu devido papel, o mundo seguia o seu rumo, como sempre seguiu.

Mas dessa vez era diferente.

Dessa vez, pela primeira vez, realmente podíamos nos aniquilar. Dessa vez, pela primeira vez, podíamos destruir a natureza por milhares de anos. E dessa vez, pela primeira vez, podíamos manipular a natureza humana em sua essência. Podíamos, com nossa recém-criada tecnologia, alterar fisicamente o corpo e o cérebro humano, criando criaturas ainda humanas, mas diferente das outras.

E minha missão era informar ao mundo que algo teria que mudar. E isso se daria em dois níveis. O primeiro, e mais importante, seria através de seus líderes. E o segundo seria em um choque profundo e direto sobre toda a Humanidade.

À semelhança dos dramas da Antiguidade, o Comandante e Lorde Gautama poderiam ter feito isso com a ponta de apenas um dedo. Seu poder era, e é, tão imenso, que poderiam, pura e simplesmente, executar seu plano. Mas mesmo eles, com sua grande sabedoria, obedecem regras auto impostas. Precisavam de mim porque esse era um drama humano, que devia ser escrito por humanos. E, além disso, haviam decidido, porque podiam, que era chegada a hora de a Humanidade reconhecer o fato de que a vida e a consciência não eram um privilégio seu. Que o Universo está pleno de vida consciente, e que nem toda vida consciente é necessariamente benevolente. Que existe mais de uma forma de se tornar tecnologicamente poderoso. E que nós, humanos, tínhamos uma chance de sobreviver, uma chance de sobreviver com liberdade.

As orientações de Joshua foram muito simples e claras. Deveria passar uma singela mensagem, e o resto se sucederia conforme seus planos. Mesmo sendo o “Zé Ninguém”, ainda me lembro de minha argumentação com o Comandante, e de suas palavras: “Anton, a História está contida na alma de poucas pessoas. Essas pessoas, de formas peculiares às suas

civilizações, estão nessas posições como manifestações de todos os outros. Todos os outros as colocaram lá. Essas são as pessoas responsáveis”.

E assim, contatei Von Hausen.

Ele me pediu que fosse até um aeroporto militar, há uns cento e vinte quilômetros de distância do campus do MIT, e me encontraria lá. E assim foi feito, e lá nos encontramos. A primeira reação de Von Hausen foi de negação. Disse que não poderia cumprir essa orientação, por absurda.

— Anton, você está me dizendo que devo transmitir ao Presidente dos Estados Unidos da América que ele deve ir dormir em certo dia e hora. E que ele, formalmente, peça aos dois outros mais importantes líderes do mundo que façam o mesmo, com hora marcada? Isso é uma piada?

— General, acha que eu estou aqui para fazer uma piada? O senhor esqueceu o que vivemos naquela nave? Com quem estivemos, e o que vivemos? Não entendeu ainda o tamanho da estória em que nos tornamos personagens?

Von Hausen, consternado replicou.

— Anton, eu não me esqueci de uma vírgula do nosso encontro. E para seu conhecimento, acredito em tudo o que aconteceu. Mas ponha-se no meu lugar. Como se diz uma coisa alucinante como essa à pessoa mais importante do mundo?

Eu tinha um ás de ouro na manga. E essa carta era o fato de que Von Hausen não sabia sobre os resultados de sua primeira mensagem. Não sabia sobre os resultados das análises do cubo e nem sobre as amostras do Vaticano. E assim, com alguma vergonha de exercer tamanho poder sobre alguém tão poderoso quanto Von Hausen, disse:

— General, diga ao presidente que sabe que as análises do cubo informam que o material que o compõe não existe na Terra. Depois diga que sabe que o Vaticano entregou a amostra da cruz de Jesus, e que sabe sobre os seus resultados. Dito isso, ele acreditará.

— Anton, mesmo que eu faça isso, como espera que ele convença os outros dois a fazerem o mesmo? E mesmo que o faça, como pode garantir que os outros irão “pegar no sono” na hora marcada? Sabe lá você, se essas pessoas tem insônia, tomam drogas, sei lá...?

— General, se essa questão for colocada, e será, diga ao presidente que peça aos outros apenas que estejam em um lugar privado, sozinhos, na hora solicitada. Ele deve exercer toda a sua autoridade, na condição de líder da

maior potência militar que o mundo já conheceu. Isso certamente irá parecer bizarro aos demais líderes mas, afinal, o que haveria de tão terrível de estar em um sofá, ou cama, sozinho, por meia hora, em determinado lugar que eles mesmos podem definir?

— Anton, vou ser demitido com desonra.

— Não vai, General. Eu garanto.

— Garante como? Com que poderes?

Confesso que tive um momento de satisfação, um pouco indevida, por saber de quem vinham as orientações que estava cumprindo, e simplesmente olhei em seus olhos e fiz um movimento com as sobrancelhas e com os olhos, apontando para cima. Sentindo-me um verdadeiro Mensageiro, levantei-me e, em tom de fim de conversa, disse:

— General, peço que me desculpe pela forma do que vou dizer. O senhor deve cumprir essas orientações em três dias. E assim que tiver executado mande-me uma mensagem. Se tiver executado, escreva, sei lá, “Abacaxi”. E, se por qualquer razão, não puder ter cumprido, escreva “NoGo”. Estamos entendidos, General?

Não esperei a resposta. Levantei-me, estiquei a mão para cumprimentá-lo, no que fui correspondido, e fui embora. Essa foi a primeira vez em que tive algum prazer em exercer o papel que representava. No trajeto para casa não pude evitar pensar que estava praticamente dando ordens para o homem que havia me torturado, e que planejava me tornar um vegetal, antes que toda a nossa experiência celeste acontecesse.

Chegando a casa informei ao Pe. Carlos e a Geoffrey sobre a missão.

Foram três dias de alguma tensão silenciosa. Seguimos, dentro do possível, com nossas atividades profissionais, fingindo que nada estava acontecendo. Nosso silêncio era a forma que havíamos encontrado para manifestar nossa consciência sobre a gravidade do momento.

E às quatro e quinze da tarde, de três dias depois, meu celular soou o sinal que indicava Von Hausen: “Abacaxi”.

Tivemos, possivelmente, uma das mais longas noites de nossas vidas.

Não conhecíamos a totalidade do plano, mas qualquer coisa que envolvesse o Presidente dos Estados Unidos, o Presidente da China, o Presidente da Rússia, e os Mestres, seria algo de grandes consequências. E sabíamos que o tempo dentro do qual isso aconteceria não era longo. Como

dormir o sono dos justos, quando se sabe que nada será como antes? Que estávamos no epicentro de uma mudança, sem trocadilhos, Bíblica?

Prestei alguma ajuda aos meus amigos, o outro Mensageiro e o cordeiro em sacrifício, sobre como encontrar um lugar secreto em suas mentes onde a realidade é menos real. É apenas um tolo artifício mental, mas garanto, nessas horas, ajuda.

Capítulo 26
Rio de Janeiro

ejam bem-vindos, senhores. Em primeiro lugar, peço que não se assustem. Estão em segurança e o que estão presenciando não é obra de mais ninguém, além de mim. Estamos aqui, sozinhos, ao pé do Cristo Redentor, nessa maravilhosa cidade, para que conheçam um mundo que até agora está oculto aos seus olhos. Olhem para essa estátua! Ela foi erguida em minha homenagem, em culto a mim. Olhem em volta! O que veem? Lembram-se de como vieram parar aqui? Não estavam em seus recintos, segundos atrás? Não estão aqui, agora? Por que confiaram naquele homem? Vocês irão falar uns com os outros em menos de trinta minutos do seu tempo. E irão concordar que estiveram aqui. Podem entender isso? Podem entender que falo uma língua que todos entendem, mesmo quando isso não poderia acontecer? Respondam!

Os demais líderes estavam atordoados. Tinham atendido ao pedido do presidente Sawyer, quase como quem está diante do bizarro. Mas, mesmo no bizarro, e sem custo e risco algum, por que não? A solicitação de Sawyer era tão patética e absurda que, quase como uma piada, seu pedido foi atendido. E lá estavam, aos pés do Cristo Redentor, em pleno Rio de Janeiro, em uma noite claríssima, sem lua, mas muitas estrelas, naquela excepcional situação.

— Tenho muitos nomes. Sou o Comandante, Joshua, ou, se preferirem, Jesus de Nazaré. Eu amo o seu mundo, mas não sou desse mundo. Eu, que pertencço a outro mundo, já me ofereci em sacrifício pelo seu mundo, e aquela é a minha nave. Eu existo a quatorze mil anos, dos seus anos

terrestres. Eu estive aqui desde o seu Princípio. Sou o Alfa e o Ômega. Mas não serei o seu fim, dependendo de suas ações. Apenas o recomeço.

E tendo dito isso apontou para o céu e lá estava ela, materializada e visível. A resplandecente e maravilhosa nave interestelar. Imensa, poderosa, linda. Fulgurava em tons de azul, com pitadas de vermelho, amarelo, verde e lilás.

— Senhores, prestem agora muita atenção às minhas palavras. Os senhores estão prestes a permitir o fim do seu próprio mundo. Estão, a segundos-cósmicos, de provocar sua própria destruição. Eu não desejo permitir que isso ocorra, mas não posso impedir. Eu tenho o poder de dizer, palavra por palavra, como isso poderá acontecer, mas não irei fazê-lo. E sabem por quê? Porque os senhores já sabem a resposta. O Destino quis que os senhores fossem os líderes de seu mundo. E apenas vocês, donos de seu próprio mundo, podem salvar a sua espécie.

— Eu estou aqui por mais de uma razão. A primeira, e menos importante, é que vocês devem preservar a Terra. Devem preservar a si mesmos e alcançar consciência maior. Vocês podem fazer isso. A razão mais importante é que aquilo que acontecer na Terra poderá repercutir em muitos outros mundos, e sobre isso temos nós, do nosso mundo, que nos preocupar. Abram seus olhos e saibam. O mundo, o seu mundo deverá saber agora, imediatamente, que não estão sós no Universo. E todo o mundo deverá saber que tem responsabilidade por suas ações, que repercutem no resto do Universo. Sua decisão terá graves implicações para a sobrevivência de sua espécie. Mas implicações ainda maiores para o destino de civilizações inteiras, que vocês nem suspeitam da existência, e que dependem do que vocês irão fazer com sua bela Terra.

Nesse ponto o Comandante fez uma pausa, como que permitindo que seus convidados respirassem. Todos os convidados já haviam estado mais de uma vez em contato pessoal, uns com os outros, por suas atividades de Estado. Eram homens que se conheciam. Eram os donos do mundo.

— Senhor, — disse o Presidente Sawyer — Eu vi o que vi, aquele cubo, o seu sangue...eu acho que o senhor é o Senhor. Mas como ter certeza? Como saber que isso não é um truque de uma civilização poderosa, que deseja nos dominar? Seus poderes são tão imensos...

— Presidente Sawyer, não temos como provar isso. As informações que o senhor tem, o cubo, a cruz, poderiam ter sido criadas por nós. Não existe

forma de provar o que somos, porque, se quiséssemos, poderíamos provar qualquer coisa. Não há alternativa. Os senhores terão que, simplesmente, acreditar.

O Presidente russo, Alexei Ivanov, e o Presidente chinês Yan Jin Chang entreolharam-se incrédulos. Aquilo não podia estar acontecendo. Evidentemente, estavam a par dos difusos relatos de UFOs que suas agências de segurança haviam produzidos, sem jamais ter uma prova conclusiva. Com a desconfiança que lhes é peculiar, era justo que imaginassem ser algum golpe dos capitalistas americanos. Mas nem vagamente imaginavam como aquilo poderia ser possível. A tecnologia para produzir um efeito como aquele estava vários graus acima do que era humanamente possível. Com diplomática habilidade o presidente Chang perguntou:

— Senhor Comandante, o que espera de nós? O que espera que aconteça?

— Presidente Chang, prometo que a resposta que espera será dada. Mas antes devo apresentá-los ao meu Mestre.

O Presidente Ivanov achou que era sua vez de se pronunciar.

— Senhor Comandante, o Senhor tem um Mestre, um Chefe?

— Sim, tenho.

Joshua poderia ter feito isso de maneira mais simples, mas um de seus intuitos era impressionar aquelas pessoas. A nave, invisível aos habitantes, tornou-se ainda mais fulgurante, e um raio de luz azul contínua emanou, apontando para o lugar onde se encontravam.

E ali, bem diante dos seus olhos materializou-se Sidarta Gautama, o Buhda.

Tinham os olhos arregalados. Dessa vez, Budha tinha mais aparência de Budha do que antes, apesar de manter as mesmas feições.

— Boa noite, senhores. O meu nome é Sidarta Gautama, e muitos de vocês me conhecem como o Budha.

O Presidente Chang fez a reverência corporal à moda asiática, no que foi repetido pelos demais.

— Senhores! Hoje temos um momento de grande importância para o seu mundo, e espero que entendam. É chegada a hora de eliminarem suas diferenças para que a sua Terra tenha algum futuro. E afirmo, o risco de não terem futuro algum é muito elevado.

— Senhor Budha. — disse Ivanov.

— Senhor Ivanov, por favor, ouça-me um pouco mais. Afirmo que entenderá tudo, e os senhores poderão tomar suas decisões.

— Sim, Senhor. — disse Ivanov, abaixando a cabeça, mesmo estando muito pouco acostumado a isso.

Os senhores devem, muito rapidamente, informar aos seus concidadãos que não estão sozinhos no Universo. Devem dizer a eles que fizeram contato conosco. Que somos pacíficos e que desejamos o bem da Terra. Apenas isso. E devem fazer isso de forma conjunta, em amor e amizade.

Lorde Gautama fez uma breve pausa, como se em sua mente já houvesse um script. “Em amor e amizade”? pensaram os três líderes simultaneamente. Há muita coisa entre nós, menos “amor e amizade”... Esses chineses estão há séculos esperando o momento da vingança, esse russo não consegue engolir que a União Soviética não existe mais, e tem raiva dos chineses, que ainda são comunistas e não tem esse problema de eleições, pensou Sawyer, quase emulando o pensamento de seus pares. E Chang ainda pensou...”logo agora que nossa economia, como um todo, é levemente maior que a americana...”

— Senhores. Em quarenta e oito horas a nave estará visível aos seus olhos, seus equipamentos, aos olhos de todo o mundo. Eu não estou pedindo a sua permissão, mas apenas lhes informando. Dependendo de suas ações, o seu mundo poderá entrar em grave convulsão. Nós temos consciência disso. Essa transição nunca é fácil, disse Gautama, olhando para o Comandante, que assentiu com um movimento de seu rosto.

— Essas são as dores do parto de quem faz perguntas há milênios e não tem resposta. O seu mundo deve saber agora que não estão sós. E isso pode acontecer de muitas maneiras. Estará sob sua responsabilidade a forma como isso acontecerá. O destino da Terra está em suas mãos.

O Presidente Sawyer, ainda líder do mundo livre, perguntou.

— Senhor, como espera que isso aconteça? O mundo não está preparado. Podem acontecer revoltas, revoluções... E que será daqueles, crentes fiéis de que Jesus é o Filho de Deus, o Cristo Redentor, como mostra essa imagem? E quanto ao Senhor, que inspira bilhões de pessoas na Ásia e em todo o mundo? O que pensarão os islâmicos, que têm seu próprio profeta?

Jesus de Nazaré respondeu.

— Faz parte do seu desafio de irmandade responder a essas questões. Não são hábeis políticos, líderes do seu mundo? Então encontrem a forma de união que lhes parecer adequada.

O Presidente Chang, pragmático, ateu, e rápido no raciocínio, perguntou:

— Mestres, o que faremos com os bilhões de pessoas que realmente creem que os senhores são seres divinos? Elas não aceitarão.

Ao que Budha respondeu:

— Os extremos existem em todas as épocas, em todos os lugares e em todo o Universo. Algum custo, como vocês dizem, é inerente à mudança. Deverão aceitar isso. Em exatos trinta dias, Joshua e eu iremos nos comunicar com todos os cidadãos da Terra sobre os desafios que vocês terão. Se me permitem, devo aconselhá-los a ter toda a serenidade, antes de qualquer movimento. E serenidade não é sinônimo de preguiça, incerteza e complacência. O presidente Sawyer já está familiarizado com os Mensageiros. Eles irão informar quando, como, e onde, nosso encontro ocorrerá. E respondendo a sua pergunta, Presidente Chang, um dos Mensageiros terá como missão fazer com que sua civilização, paulatinamente, entenda que o que chamam de Religião é um mero instrumento para o atingimento do Entendimento. Aquilo que chamam de Ciência e Religião estará unido para sempre, assim como foi em nossa própria evolução.

E, antes que o tempo se esaurisse, os Mestre se entreolharam e, ato contínuo, Joshua fez um movimento com os braços e não mais estavam aos pés do Cristo Redentor, no Rio de Janeiro, mas na nave, no seu modo translúcido. Dessa vez a nave estava a dez mil quilômetros de altitude, ao nível da linha do Equador.

— Olhem, senhores. Olhem! Esse é seu mundo. Seu único mundo. Olhem!

E os três líderes mundiais contemplaram a beleza da Terra, como nunca haviam visto. Esplêndida, magnífica, azul. Deram-se conta de quão fina é a atmosfera, e que, afinal, a Terra não era tão grande assim.

— Senhores, até breve. Votem às suas casas. Agora.

E dito isto, despertaram nos lugares onde estavam.

awyer despertou de seu sono na mesma posição em que estava quando foi conduzido ao Rio de Janeiro. Sentou-se no divã onde estava, permitindo-se alguns minutos de ponderação para clarear as ideias. Cinco minutos foram suficientes para decidir seu próximo passo.

Chamou seu chefe de gabinete e exigiu uma imediata videoconferência com Ivanov e Chang. Disse que era uma questão de segurança nacional e não queria testemunhas. E assim foi feito. Parece que o efeito da “viagem” foi o mesmo para os demais líderes. Telefonemas de cúpula têm protocolos a serem cumpridos. Exceto em caso de guerra iminente, o “telefone vermelho” não funciona assim tão rápido. Nesse dia funcionou.

— Presidente Chang, Presidente Ivanov, por favor, me respondam com toda a sinceridade. Os senhores se lembram das mesmas coisas que eu me lembro, que acabaram de acontecer?

Chang, citado primeiro, respondeu.

— Presidente Sawyer, Presidente Ivanov. Estávamos no Rio de Janeiro minutos atrás, não estávamos?

— Presidente Chang, replicou Ivanov, estávamos no Rio de Janeiro, com o Comandante, Joshua...nem consigo proferir...Jesus de Nazaré e o Budha. E depois naquela inacreditável nave. É disso que vocês se lembram?

— É disso que me lembro. — respondeu Sawyer.

Ao que Chang respondeu:

— O que faremos? Nos foi dado praticamente um ultimato. Nos deram liberdade de agir, “amai-vos uns aos outros”? Eu nem gosto de vocês! São uns racistas arrogantes! Odeiam a China. Sempre nos quiseram como vassalos. Nós não somos mais vassalos! Poderíamos engolir vocês em menos de trinta anos!

Ivanov também tinha seu osso de galinha entalado na garganta e não pretendia deixar barato.

— Vocês, americanos, ferraram a mãe-Rússia, ferraram a União Soviética. E vocês, chineses, são uns capitalistas selvagens, disfarçados de comunistas!

Essa discussão durou uns dez minutos até que Sawyer teve que intervir.

— Senhores, temos uma questão real e imediata. Se os senhores acreditam no que acabamos de testemunhar, acreditam que temos menos de quarenta e oito horas para fazer alguma coisa.

Silêncio.

Todos eles acreditavam, mas não sabiam como começar.

Coube a Sawyer dar a sugestão definitiva, já que estava falando com líderes que não precisavam dar tantas satisfações como ele a seus subordinados. Avisou que iria convocar seu Estado-Maior, e que comunicaria que, definitivamente, havia presença alienígena na esfera terrestre. Ele tinha o cubo e a relíquia da Cruz. Iria comunicar isso a seus pares, e contou com o fato de que eles eram líderes de nações em que não precisavam dar tantas explicações como ele precisava. O tempo não estava a seu favor, e combinaram de voltar a falar dentro de dez horas.

Aquilo que Nancy Herrera havia antecipado aconteceu.

O presidente contou sua estória, tendo apenas o cubo e a relíquia da Cruz como argumento. Eram bons argumentos, mas não pacíficos. Generais, almirantes, conselheiros, tinham opiniões diversas. E se fosse um grande engodo? E se fosse uma tramoia? E se fosse um delírio coletivo, sendo o “coletivo” os três mais importantes líderes do mundo?

Ser Presidente dos Estados Unidos da América nunca foi uma profissão fácil. Em algumas raras ocasiões é preciso ter mão firme e apostar tudo. “All in”, como se diz na gíria do poker.

— Senhores! — bradou Sawyer. — Eu estou disposto a passar pelo maior fiasco da História se o que eu estou dizendo não for verdade. Peçam o meu impeachment, se nada acontecer em quarenta horas. Eu preciso informar a Ivanov e Chang sobre nossa decisão! E eles estarão sob risco pessoal idêntico! Se nada acontecer, se eu e eles estivermos delirando, todos perderão os seus cargos, e certamente muito mais. O que vocês farão e dirão, quando em quarenta horas, aparecer um nave alienígena nos céus do mundo? O quê?

É sempre possível que o Presidente dos Estados Unidos enlouqueça. Qualquer um pode enlouquecer. Por outro lado, não é tão fácil, mesmo em uma democracia, contestar tamanho poder. E assim, como para se eximir de responsabilidades, os segundos responsáveis deixaram na conta exclusiva do presidente as ações que viriam a se suceder.

O tempo de Sawyer, Chang e Ivanov estava se esvaindo. Os Mestres haviam sido, de certa maneira, cruéis em relação ao tempo. Era como a prova de fogo sobre palavras tão meigas como “amai-vos uns aos outros”. Eles conversaram entre si e acordaram sobre um comunicado conjunto, absolutamente sem precedentes, sobre os UFOs.

E nesse dia, o mundo testemunhou o mais importante “Breaking News” da história moderna.

Toda a programação televisiva, em todo o mundo, foi interrompida para assistir o comunicado conjunto dos presidentes dos Estados Unidos, da China e da Rússia.

— Cidadãos do mundo. Essa a primeira vez na história que nós, líderes das mais poderosas nações do planeta, fazemos um comunicado conjunto. Senhor Chang, Presidente da China, Senhor Ivanov, Presidente da Rússia. Permitam-me iniciar esse comunicado aos nossos concidadãos. Hoje é um dia histórico para a Humanidade. Hoje é o dia em que nós, líderes das maiores potências do mundo, devemos informar a todos sobre o evento mais importante de todos os tempos.

Sawyer fez a pausa, para respirar, que o momento exigia. E não se furtou, como a diplomacia exigia, a tratar do assunto no plural.

— Senhores de todo o mundo! Hoje quero declarar a todos, com a anuência de meus queridos colegas, Chang e Ivanov, que a Humanidade não está sozinha no Universo! Nós, unidos, na mesma ocasião, tivemos o primeiro contato com seres de outros mundos, que desejam o bem da Terra. São nossos irmãos e amigos. Seu objetivo é ajudar a Humanidade a crescer e prosperar! Nós os conhecemos. Nós os conhecemos pessoalmente, não é presidentes Chang e Ivanov?

Ao que Ivanov e Chang concordaram. Como uma coisa de tal natureza exige a repartição de poderes, Chang continuou, conforme o combinado.

— Senhores de toda a Terra! Temos nossas diferenças, mas agora é hora de união. Nós temos a ciência, a tecnologia, mas temos ainda divisões. Como disse o Presidente Sawyer, agora é a hora de estarmos juntos. Afirmo que isso não é fácil para mim, líder da gloriosa China. Mas também não é fácil para o Presidente Ivanov e o Presidente Sawyer. Somos iguais e diferentes. Esses seres, nossos amigos, nos deixaram claro que nossas diferenças são menores que nossas semelhanças.

E, ainda conforme o combinado tripartite, era a vez de Ivanov.

— Senhores de toda a Terra! O convívio humano sempre foi difícil. Eu confesso, Presidentes Chang e Sawyer. Nunca gostei de vocês. Somos a Rússia. Mas, juntos, vimos a nossa bela Terra. Uma única Terra. Senhores, senhoras, crianças! O dia 14 de agosto de 2024, portanto daqui a vinte e oito dias, a Humanidade irá conhecer os nossos irmãos de outro mundo, semelhante à nossa Terra.

Coube a Sawyer concluir.

— Amigos de todo o mundo! A partir de amanhã, a grande nave que trouxe nossos visitantes estará visível nos céus para que todos a conheçam. Não tenham medo. São nossos amigos. Eles desejam se apresentar a nós. Querem nos ajudar. Não tenham medo. Fiquem em paz e esperem por esse dia.

E tendo dito isso a transmissão foi encerrada. Não deram entrevistas e nada mais disseram ao público.

Nas horas que se seguiram os meios de comunicação repetirão, à exaustão, a declaração dos líderes em todos os idiomas possíveis. E o mundo, estarrecido, não tinha outro assunto. Como era de se esperar, houve muito tumulto, corrida aos supermercados e aos bancos. Tão logo esses movimentos foram detectados, os governos colocaram suas polícias e exércitos nas ruas para acalmar e controlar a população. A maioria dos países decretou feriado bancário e o fechamento das Bolsas de Valores para proteger seus sistemas bancários e financeiros.

Ainda me recordo da alegria de Erick von Däniken, o já mencionado autor de “Eram os Deuses Astronautas?” pelas muitas entrevistas concedidas. “— Eu venho alertando o mundo há mais de cinquenta anos. Eles sempre estiveram nos observando”. E ele ainda nem sabia quem realmente eram os alienígenas. Grupos de ufólogos não ocultavam seu regozijo por serem, finalmente, levados a sério. E o oposto também aconteceu com os incontáveis grupos apocalípticos. Teorias da conspiração floresceram em todos os cantos do planeta. O fim do mundo estaria próximo e muitos agiram como se suas vidas fossem acabar em poucas horas. Assassínatos, estupros e suicídios aconteceram em proporções até então nunca vistas. Os loucos, que por algum medo das consequências se controlavam, não tinham mais o que temer. O mundo iria acabar de qualquer jeito e muitos monstros foram postos à solta.

O silêncio dos três líderes tinha a sua razão. Apenas eles haviam estado com os Mestres no Rio de Janeiro e na nave. E não haviam estado lá fisicamente e seus auxiliares próximos sabiam disso. Sabiam que não haviam abandonado de forma alguma seus escritórios, seus palácios. Os líderes se asseguravam apenas nas suas convicções pessoais das experiências que tinham vivido e na palavra de Sawyer sobre algumas evidências materiais.

Mas afinal, a nave apareceria ou não?

Capítulo 28
Tic-tac, tic-tac...

Poucas pessoas no mundo sabiam o que estava acontecendo. E entre essas poucas pessoas, ninguém sabia mais do que Pe. Carlos, Geoffrey e eu.

Resolvemos ficar juntos nas horas subsequentes para acompanhar os eventos e conversar sobre o que estava por acontecer. Geoffrey foi acomodado na minha casa e lá ficamos em uma espécie de isolamento auto imposto. Entre outras coisas, comentamos sobre o fato de Von Hausen e a NSA tenham realmente cumprido as orientações do Comandante de deixarem a nós, os Mensageiros, em paz.

A televisão e internet não foram desligadas em momento algum. A cada momento testemunhávamos algum evento impressionante em algum lugar do mundo. Como os três presidentes se recusavam a falar, os segundos e terceiros escalões eram procurados pelas agências de notícias para gerar algum conteúdo novo e espetacular. Ninguém sabia se e onde, a nave iria aparecer. Por via das dúvidas, os comandantes militares orientaram as agências reguladoras do tráfego aéreo de todo o mundo que restringissem ao máximo as operações aéreas e, quando as autorizassem, que fosse divulgado pela internet os planos de voo.

Nós, e o resto do mundo, especulávamos sobre o que aconteceria se nada acontecesse. Os três líderes não tinham um plano B e estariam politicamente liquidados. Não conseguiam conceber narrativa alguma que os salvasse, nessa hipótese. Seriam afastados de seus postos e acusados de qualquer coisa entre insanidade e conspiração. Sabiam que havia o risco

real de colapso total das relações internacionais, acusações mútuas e, possivelmente, guerra.

Nós tínhamos um olho na televisão e outro no relógio. Nesse particular, apenas os três líderes sabiam qual deveria ser o horário exato da aparição da nave.

Breaking News!

E assim foi que, pontualmente às 20:00h do horário de Tóquio, a nave apareceu, imensa, resplandecente, sobre os céus da cidade. Joshua tinha um plano, e seu plano era impressionar. A nave se tornou visível a meros dois quilômetros de altura. Sua forma era como a de um imenso triângulo onde a base era a parte de trás e representava aproximadamente a metade de seu comprimento. Do ponto de vista tridimensional era bastante arredondada e não se via pontas ou ângulos agudos. Sua cor preponderante era o negro com contornos azulados e luminescentes. Como eu pertencia àqueles poucos que haviam visto a nave no seu modo translúcido, imaginei que o Comandante poderia apresentá-la como desejasse. Imaginei que as histórias que tínhamos escutado dos Mestres sobre sua pequena, mas importante influência na Cultura Pop, revelava grande habilidade de marketing de massas. Joshua havia dito a verdade para Wilian Wolf sobre suas “atividades profissionais”.

A nave descreveu, muito lentamente, um desenho em espiral sobre a cidade de Tóquio, de modo a se fazer visível na maior área possível. E assim fez a nave em outras cidades japonesas. Esse foi o maior pico de audiência de todos os tempos.

É difícil descrever a reação do mundo.

Pela primeira vez, em escala global e instantânea, desde o princípio da Civilização, tínhamos certeza absoluta de que não estávamos sozinhos no Universo. Que havia vida inteligente fora da Terra, e que esses seres eram muito mais poderosos do que nós. Por décadas, governos haviam feito estudos a respeito dessa possibilidade, mas isso sempre havia sido tratado como ficção científica, mesmo entre os mais qualificados profissionais da ciência e estrategistas militares. Nunca foi um assunto levado realmente à sério.

E lá estava ela.

Entre outras mensagens, sua existência tornava inescapável que líderes religiosos se manifestassem, pois alguma explicação era devida. Bilhões de

peessoas acreditavam que Deus havia criado o Universo, e que Jesus Cristo era seu Filho Unigênito e Redentor do mundo. Seria Jesus também o Senhor desses mundos? E se existia gente em outros lugares além da Terra, quantos seriam? E pior, o que essas criaturas estavam fazendo aqui? O que diriam? Que mensagem teriam para o mundo?

Entre outros líderes religiosos, o Papa João XXIV também não tinha a resposta. Mas tinha uma vantagem em relação aos demais: sabia que o governo americano havia exigido um pedaço específico da relíquia da Cruz de Cristo. Achou prudente calar, pedir orações em nome da paz mundial e esperar.

E lá estava ela.

Após suas voltas em espiral em baixíssima altitude e velocidade, deslocou-se para onde nasce o sol e sobrevoou o Havaí, antes de aparecer na Costa Oeste dos Estados Unidos. Los Angeles, São Francisco, São Diego... Os satélites militares puderam observar que enquanto sobrevoava as cidades sua altitude e velocidade eram muito baixas, mas era hipersônica quando voava sobre áreas desabitadas. A intenção era clara. Sua trajetória em torno da Terra foi elaborada para que todos a pudessem ver ao menos uma vez.

Imagens espetaculares da nave próxima à Torre Eiffel em Paris, o Big Ben, O Taj Mahal, as Pirâmides do Egito e do México, o Cristo Redentor, corriam o mundo na velocidade da luz.

O mundo não tinha acabado e as pessoas foram se acostumando com aquela visão. Não descenderam raios mortais, não houve explosões nucleares aniquiladoras, nenhum vírus maligno matou ninguém, nada. O que tínhamos eram apenas aquelas impressionantes imagens percorrendo o mundo.

O triunvirato, Sawyer, Chang e Ivanov, além de obviamente satisfeitos de que seu anúncio não havia sido em vão, alertaram veementemente aos demais líderes, especialmente aqueles que detinham poder nuclear, que não ousassem tentar nada contra a nave.

Como disse, o mundo foi se acostumando com aquele maravilhoso aparelho sobrevoando os países, em compasso de espera. E nós sabíamos que nossa hora estava chegando.

em todos estavam felizes com essa inusitada visita extraterrestre. Sempre me pareceu impressionante como a mente humana tem dificuldades de lidar com os limites. Qual a espessura da linha tênue que separa o certo do errado? O bem do mal? Pela natureza das minhas pesquisas e do meu trabalho, especulo que isso aconteça, na cabeça das pessoas, no nível quântico. Mas, por outro lado, tenho certa rejeição àqueles que querem rotular tudo como “quântico”. A imensa maioria das pessoas não tem a menor ideia sobre o que isso representa, e nem sabe que é uma ciência, por definição, incompleta.

Seja como for, quântico ou não, as pessoas fazem escolhas. E quando alguém bota uma ideia na cabeça, e não a troca com ninguém, é muito difícil alterá-la.

E esse foi o caso de Benitez.

Sua crença, arraigada por inúmeras gerações, sobre Jesus, o Cristo, impuseram dúvidas profundas sobre a realidade da experiência que viveu. E, como um São Tomé com o sinal invertido, que teve que ver para crer, Benitez, mesmo tendo visto e ouvido, duvidou. Aquela criatura alienígena não podia ser Ele. Jesus era o Filho de Deus, era Deus. Aquilo não passava de um truque para enganar a todos. O mundo estava sendo enganado por formas alienígenas que queriam apenas se aproveitar da nossa ingenuidade, da nossa fé. E estava vendo isso acontecer diante dos próprios olhos. Sua alma estava em profundo conflito diante de um dilema tão grande. Os três líderes mundiais haviam dito que as naves apareceriam, e elas apareceram. Disseram que eles fariam contato direto em vinte e oito dias. E o que diriam? Benitez, tendo sido aquele que beijou os pés do Comandante, duvidou. E tendo duvidado, fez sua escolha.

Mas não a fez sozinho.

William Wolf, aquele que foi contatado pelo nosso grupo para pesquisar sobre a “minha pedra”, foi o mesmo especialista escolhido pela Casa Branca para analisar o Cubo. E, tendo analisado o cubo, chegou às mesmas conclusões que havia chegado sobre a pedra. Ela não era desse mundo. Pelas mesmas razões de Benitez, e com pouca informação sobre o conjunto

da obra, entendeu que esses eventos representavam uma ameaça incontornável para a Humanidade. Algo deveria ser feito e ele não iria se omitir.

O tempo estava passando e nós continuamos no modo de espera. E nossa espera não foi longa. Recebemos a mais longa mensagem do Comandante, até então enviada.

“Mensageiros,

Falaremos ao mundo no dia 24 de agosto de 2024, às 20:00h na frente do Capitólio, em Washington D.C. Peçam que os três líderes estejam presentes. Assumiremos o controle de todas as comunicações do mundo para que nossa mensagem chegue a todos. Não se preocupem com a infraestrutura de nossa chegada e comunicações. Nós iremos providenciar tudo. Vocês três estarão ao nosso lado nesse comunicado ao mundo. Estejam lá na hora marcada. O contato com o General Von Hausen será feito por Carlos Sylberstajn.”

Mesmo nunca tendo achado que a grafologia fosse uma ciência válida, guardei todas essas mensagens manuscritas como uma relíquia para o futuro. Fiz um pequeno arquivo com esses papéis escritos, materializados em minha mesa, por Joshua. E mostrei a mensagem ao grupo.

Nem preciso dizer que nosso querido Pe. Carlos, o mensageiro da vez, sentiu-se, como nunca, o Mensageiro. Von Hausen, de sua parte, também estava obviamente, ansioso. Acompanhava aquela nave, tanto visualmente, quanto com os sofisticados sistemas de satélites que agora podiam monitorar a nave. Dessa vez Pe. Carlos fez questão de se comunicar com Von Hausen em nossa presença, como se desejasse testemunhas para aquele momento histórico. Nada mais compreensível. Por meio de suas palavras iria ser promovido o primeiro encontro formal entre a Humanidade e seres alienígenas. E esses seres alienígenas não eram simples “seres alienígenas”.

E assim, Pe. Carlos cumpriu sua missão rigorosamente como solicitado, e nós, Geoffrey e eu, fomos suas testemunhas. Hoje, com a distância do tempo, vejo que os eventos que estavam ocorrendo eram da mesma magnitude que aqueles dos relatos bíblicos. Eram eventos profundamente transformadores. Eventos que ocorrem apenas uma vez na história de uma civilização.

Von Hausen também tinha a dimensão da história que estava sendo escrita. Tinha estado na nave e a acompanhava dia e noite. Estava também

apreensivo com a expectativa de ser contatado por algum Mensageiro. Pensou em todas as atividades de espionagem que participou, com mensagens criptografadas das formas mais sofisticadas que a ciência permitia, e agora, pela simples orientação de um alienígena, não movia um dedo quanto aos espões, nós.

O General Von Hausen cometeu o erro de sua vida quando, em nome de uma coisa tão pungente quanto ser o observador privilegiado da História, misturado com seus sentimentos pessoais em relação à questão de fé, acreditou que podia confiar naqueles que, junto com ele, haviam estado na nave, na presença de Joshua e de Lorde Gautama. Como nós, seu sentimento era de haver formado uma irmandade com aqueles que vivenciaram a experiência na nave. E, assim, após pouca reflexão, compartilhou com seus comandados, Coronel Sheldon e Benitez, o que estava por acontecer.

O General Von Hausen pediu uma audiência com o Presidente Sawyer, no que foi imediatamente atendido.

— Von Hausen, — disse Swyer — É isso? Só isso? Eles vão aterrissar, ou não, aqui em Washington e falar para o mundo? Vão controlar todos os meios de comunicação de uma vez só? E devo trazer Chang e Ivanov aqui?

— Presidente, com todo o devido respeito, temos uma nave interestelar rondando a Terra há quase um mês. O senhor alega ter estado com eles junto com os demais presidentes. Presidente, eu também estive lá... Eles não deram um tiro, não nos ameaçaram em nada. E nós temos a “pedra”, o cubo e, acima de tudo, a relíquia da Cruz. Eles podem realmente ficar invisíveis aos nossos sensores, como sabemos. Presidente, o senhor não acredita que se essas pessoas, sejam elas quem forem, se quisessem, não poderiam nos destruir em minutos?

Sawyer sabia a resposta. Um dos principais atributos de um grande líder é saber interpretar as forças da natureza quando elas se apresentam. Momentos de guerrear e momentos de aguardar. E não era mesmo a hora de guerrear. Durante longos dias a inteligência americana elaborou todos os cenários possíveis, considerando os dados que tinham à disposição. Não dispunham sequer dos elementos básicos da física dessa civilização para que pudessem elaborar cenários válidos. Não havia ciência capaz de, sequer, explicar sua presença na órbita terrestre. O cenário mais conservador determinava que, mesmo que tivessem a tecnologia para

viagens interestelares, o custo dessas operações seriam muitas ordens de grandeza superiores ao Produto Interno Bruto de todo o mundo. Segundo essas especulações teóricas, uma tal nave só poderia alcançar essas velocidades, mesmo por um meio físico ainda desconhecido, se pudessem manipular a antimatéria. E na estimativa mais conservadora, um grama de antimatéria custava um trilhão de dólares, e ninguém tinha a mínima ideia sobre como armazenar uma coisa, ou uma anticoisa, que não pode entrar em contato com qualquer coisa que exista, já que o resultado é a imediata aniquilação, transformando tudo em energia pura.

— General, não costumo fazer perguntas dessa natureza aos meus subordinados. Eu tenho alternativa?

Von Hausen não ousou responder e, simplesmente, olhou para o chão. Sawyer entendeu seu silêncio como um não.

— Von Hausen, há algo mais que eu deva fazer?

— Presidente, a minha mensagem foi passada, mas me permite uma sugestão?

— Fale, General.

— Faça o que deve fazer, mas não feche as entradas do Capitólio. Eu sou um oficial da inteligência há mais de trinta anos, e sei que não é possível convidar os demais líderes sem que mais ninguém saiba. Acredito que seja essa a intenção do Comandante...

Sawyer considerou tudo o que sabia sobre esse extraordinário episódio. Lembrou-se da avaliação que seus estrategistas haviam feito a respeito da possibilidade de uma nave como essa existir. Todos os elementos conhecidos foram postos na mesa. Os mais brilhantes físicos, entre os quais eu não me incluía, foram consultados. E foi dito ao presidente Sawyer, que mesmo que tivéssemos a tecnologia para desenvolver uma tal nave, não teríamos dinheiro para produzi-la. Não conhecíamos a física capaz de fazer um objeto se deslocar mais rápido que a luz e, se a conhecêssemos, essa energia teria que ser derivada da manipulação da antimatéria. E precisaríamos de duzentos quilos de antimatéria para fazer uma nave daquele tamanho se deslocar entre as estrelas a essa velocidade.

Pensando nisso tudo, o presidente esquivou-se, mentalmente, de pensar nas armas que uma civilização que pode manipular essa quantidade de energia poderia dispor.

Lembrou-se de todos os eventos recentes e concordou com Von Hausen.

— General, faça dessa maneira. Se nesse dia, e nessa hora, as pessoas aparecerem, que assim seja. Não vamos falar nada para ninguém, uma vez que imagino que se esse fosse o desejo dessas pessoas, eles mesmos o fariam. O senhor concorda?

— Sim, Presidente. O senhor falará com os demais líderes?

— Sim, General.

Von Hausen não falou mais nada e bateu a continência mais eloquente de sua vida, em concordância.

Minutos depois, como combinado, apareceu a mensagem no celular de Pe. Carlos: “Abacaxi”.

Capítulo 29 O Dia em que a Terra Parou

stou convencido de que os Avatares desejaram que a História fosse escrita dessa maneira. Suas competências sobre análises de probabilidades não os tornam perfeitos, mas muito bons em acertar o futuro. E também têm seus inimigos: o Mal, aqueles que não desejam a destruição, mas a dominação.

Estávamos todos tensos. A História estava próxima de uma profunda alteração e nós éramos personagens importantes. Pe. Carlos era o mais preocupado. Sentia profunda inquietação pelos eventos que estavam por acontecer. Tanto que, por conta própria, sem que houvesse sido orientado por ninguém, ligou para Von Hausen e sugeriu que redobrassem a segurança em torno do Capitólio. Von Hausen não perguntou se eram “orientações superiores” e simplesmente acatou. Espalhou equipes em trajes civis por toda a área onde se esperava a chegada da nave. Geoffrey, justificadamente, estava mais silencioso que o normal. Não tinha ideia de como a profecia de Lorde Gautama aconteceria e sabia que talvez aquele fosse o último dia de sua existência. Nós havíamos chegado a Washington D.C. no dia anterior e estávamos instalados em um hotel próximo ao Capitólio.

Os presidentes Chang e Ivanov haviam declinado do convite do presidente Sawyer para que estivessem em Washington nesse dia. Entenderam que deveriam ficar em seus países, de onde poderiam tomar

mais rapidamente medidas que, eventualmente, se fizessem necessárias. O tráfego aéreo foi fechado na cidade para evitar que alguém resolvesse pegar um avião ou helicóptero para “ter uma vista” melhor, ou ideia ainda pior.

Em torno das dezenove horas começamos nossa curta caminhada até o Capitólio. Percebemos que muitos notaram uma movimentação de pessoas diferente do normal na região. Muitos carros oficiais, agentes de segurança e curiosos. O mundo sabia que hoje era o dia em que havia sido prometido o contato, mas muito poucos sabiam como e onde seria.

A nave havia entrado no modo “invisível” nas últimas vinte e quatro horas, e nem as forças de segurança sabiam onde ela realmente estava. As dezenove e trinta foram sentidos os primeiros sinais de que algo estava começando a acontecer. A nave havia mapeado todas as formas eletrônicas de comunicação do mundo e começou a assumir o controle. Todas as televisões, todas as mídias sociais e toda a internet, exceto os serviços essenciais, estavam sob o controle da nave. Cada tela de TV, computador, celular do mundo mostrava, cada um em seus devidos idiomas, o mesmo conteúdo: “A mensagem se iniciará em trinta minutos”. Esse valor se reduzia a cada minuto que passava.

Às dezenove horas e quarenta minutos a nave apareceu nos céus de Washington D.C.

Nunca me canso de dizer o quão esplêndida era a sua imagem. A luz do dia estava acabando e o contraste de suas cores se tornavam mais intensos. Contornos azuis sobre um material de um cinza escuro, com algumas tonalidades de outras cores emanando de pontos específicos. Linda, espetacular! Estava a menos de quinhentos metros de altura, o que com seus mais de duzentos metros de comprimento tornava-a gigantesca. Às dezenove horas e quarenta e cinco minutos a nave foi descendo até estabilizar-se a apenas cinquenta metros de altura. Algumas pessoas ficaram com medo, o que era justificável, e saíram da cidade, o que causou alguma confusão em suas saídas, sem maiores consequências. Por outro lado, muitas ficaram maravilhadas com aquela visão tão próxima e resolveram ir ao Capitólio. Rapidamente uma grande multidão foi se formando ao longo do espelho d’água em frente ao prédio principal.

Subitamente, uma estranha luz começou a emanar da parte frontal da nave e fez materializar uma espécie de plataforma com aproximadamente dez por dez metros, assim como uma longa passarela em direção ao prédio

principal, terminando muito próximo de onde estávamos. E isso, sem dúvida, não era por acaso. Nos entreolhamos, com aquele frio na barriga que não nos era desconhecido e, sem pronunciar palavra, sabíamos que a nossa hora estava chegando.

O Presidente Sawyer, e todo o seu staff estava lá, incluindo a Vice-Presidente Nancy Herrera. Estávamos prestes a testemunhar o evento mais importante da História da civilização.

E pontualmente às oito horas da noite, horário de Washington D.C., todos os meios de comunicação estavam sob o controle da nave, e todas as telas apresentavam a imagem da nave. Como já mencionei, com a imensa capacidade computacional da nave, associada a mais de dois mil anos de contato, os controles da nave fizeram com que cada pessoa do planeta ouvisse em seu próprio idioma o que viesse a ser comunicado. Ainda não sei explicar como eles conseguiam produzir imagens externas da nave. Talvez tivessem drones invisíveis, não sei.

Começamos a escutar um rumor parecido ao que havíamos ouvido na nave. Um som gutural, de baixa frequência e volume alto, como um trovão contínuo. Segundos depois uma luz azulada foi projetada para plataforma e lá eles se materializaram em sua forma humana. Joshua, Sidarta Gautama, João e José. Em milênios de história, foi a primeira vez que bilhões de pessoas tiveram, simultaneamente, aquele sentimento de calafrio, de arrepio nos braços. O primeiro “Ohhh!” global. A luz azulada desapareceu, mas a nave fornecia um tipo de luminosidade que tornava toda a plataforma clara como o dia. As primeiras palavras foram de Joshua:

— Peço que os três Mensageiros se aproximem.

Estávamos a mais de cem metros de distância, mas mesmo assim, podíamos ver e ser vistos. Nos olhamos uns aos outros e, sem nada dizer, nos perguntamos mentalmente: Três? Bem, Joshua disse claramente três... Geoffrey agora era, então, um Mensageiro.

Foram os cem metros mais longos de nossas vidas. Tínhamos visto os nossos celulares, que mostravam a mesma mensagem, como também vimos, nos mesmos aparelhos, a imagem da nave quando ela se materializou. Sabíamos que bilhões de pessoas estavam agora assistindo aquilo. Era o mais grave ponto de inflexão em nosso destino. Nos aproximamos e a impressão que tivemos foi a de que o Comandante controlava com sua mente o que seria, ou não, escutado pelo mundo.

- Boa noite, senhores. É chegada a hora, disse Joshua.
- Boa noite, Mestres. — respondemos nós, quase em uníssono.
- Fiquem ao nosso lado nessa hora.

Com o mundo inteiro em silêncio, Joshua iniciou. O som emanava da nave com uma acústica perfeita para as pessoas que estavam nas redondezas.

— Filhos da Terra! Meus Irmãos! Hoje é um dia muito especial para vocês e para nós. E muito especial por vários motivos. O primeiro deles, mas não o mais importante, é que após milênios se perguntando se estavam sozinhos no Universo, hoje é o dia em que passam a saber que não, meus irmãos, a Humanidade não está sozinha. Existem outras civilizações como a sua, como a nossa, e civilizações muito diferentes das nossas. Nós estamos com vocês há muito tempo, observando, e algumas poucas vezes, participando. Nós somos seus irmãos mais antigos e estamos aqui em nome da Vida e da Paz nesse planeta, nossa querida Terra.

— Antes que eu continue, permitam-me uma rápida apresentação. Esses são dois de nossos mais importantes auxiliares, batizados por um dos Mensageiros, como João e José, disse Joshua fazendo um movimento com as mãos. Os anjos fizeram uma sutil inflexão com seus corpos à título de cumprimento. Isto feito, dirigiu-se à próxima figura e disse:

- E esse, meus irmãos, é o meu Mestre, que vocês conhecem como....
- o Comandante fez uma pausa estratégica para respirar, tornando o momento ainda mais dramático — Sidarta Gautama, o Budha.

Naquele dia todos sabiam que algo iria acontecer, como fora anunciado pelos líderes. E todos haviam visto a nave ao menos uma vez. Talvez por isso, ninguém ligou para as diferenças de fuso horário que havia entre os países. Pessoas das mais diversas crenças, mundo afora, estavam reunidas naquele momento incomparável. A Praça de São Pedro estava repleta de fiéis e não-fiéis. E assim estava o Domo de Milão, a Catedral de Westminster, Meca, o Muro das Lamentações, todos os templos budistas, xintoístas. Todos, no mundo todo.

Os Mestres, conhecedores da alma humana, sabiam o tempo que leva para que as consciências assimilem o primeiro choque de algo muito importante em suas vidas. Lorde Gautama aguardou uns trinta segundos antes de se manifestar.

— Filhos da Terra, meus irmãos! Eu sou Sidarta Gautama e acompanho a nossa querida Terra há muitos, muitos séculos. Viemos transmitir uma mensagem de Paz, de Amor. Mas muito mais, de Salvação, a sua Salvação. Agora devo concluir as apresentações. Esse, que alguns chamam de Comandante, disse Sidarta olhando para nós, outros chamam de Joshua, é por vocês conhecido como...Jesus de Nazaré, o Cristo Redentor, o Cordeiro de Deus.

Alguns eventos são medidos em anos, outros em dias, outros em horas. Mas alguns são medidos em segundos. E nesse exato segundo, toda a Terra parou. Não era possível! Era incrível demais! Tínhamos tido um anúncio dos maiores líderes mundiais que avisaram que não estávamos sós no Universo e que uma nave alienígena apareceria nos céus, e a nave realmente apareceu. Também disseram que teríamos um contato direto com esses seres, e lá estavam eles. Estávamos quase nos acostumando com essa estranha realidade. Uma nave interestelar circundando a Terra por quase um mês. E lá estavam eles, Sidarta Gautama, o Budha, e ninguém menos que Joshua, Jesus de Nazaré, falando ao mundo.

Se houvesse uma forma objetiva de fazer essa medição, eu diria que nunca, em toda a nossa história, tantas pessoas, ao mesmo tempo, tiveram tantas lágrimas nos olhos. Nunca tantos se colocaram de joelhos diante de uma tela de televisão, de computador ou celular. Na nossa perspectiva privilegiada, podíamos parcialmente antecipar o que o Comandante diria.

Jesus continuou.

— Meus irmãos! O Mestre Budha afirmou que estamos aqui por vocês, por sua salvação. E, mais do que saber que estamos aqui para que saibam que não estão sós no Universo, estamos aqui para que promovam a salvação, sua salvação.

Eu estive na Terra, como homem, e doei minha vida, parte da minha vida, em sacrifício, para que comessem a ver que existe um caminho além da violência, do controle e da dor. Eu os orientei para amassem uns aos outros. Ofereci o Amor. E o que fizeram? Cederam ao egoísmo e ao Mal. Permaneceram por séculos em ignorância e em procura por mais poder. Cederam a terríveis tentações. Enquanto isso, acordaram para a Natureza, e suas Leis. Começam, agora, a entender o funcionamento oculto das Leis, que muitos afirmam serem derivadas de meu Pai. As Leis são as Leis, e meu Pai é o todo, tudo quanto existe. Meu Pai são as Leis e a

Existência, não criada, indestrutível e, portanto, eterna. Meu pai sou eu, são vocês, com tudo o mais que está contido na Existência, dentro de suas Leis. Nada, absolutamente nada, está fora. Tudo está dentro e é parte da mesma existência.

E por que estamos aqui? Para mostrar a vocês o que pode acontecer com o seu mundo. O que chamam de Apocalipse, o Armagedon. A Humanidade tem acesso agora a muito poder e muita energia. Acompanhei a História e vi milhões de soldados e civis morrerem em suas disputas. Vi cidades e impérios se destruírem, e se reconstruírem. Mas agora é diferente. Como mostramos aos Mensageiros, e a alguns de seus líderes, seu poder agora é capaz de aniquilar a todos, ou quase todos, em muito pouco tempo. Suas armas se tornaram tão poderosas, uma vez que começaram a ter acesso às Leis da Natureza, que sua decisão, ou um simples erro, poderá exterminá-los em questão de horas ou dias.

Mais. Sua memória de tempos antigos, aquele tempo onde a sobrevivência era menos segura, os faz aceitar quaisquer sacrifícios, para não retornarem àquela condição de insegurança. Desejam ter tudo, tudo, para que aquele tempo nunca mais volte a acontecer. Mas olhem em volta e vejam o que estão fazendo com a nossa bela Terra, os oceanos, os animais, a Vida, que permitiu que chegassem até aqui! Sua sobrevivência é muito importante, mas não mais importante do que tudo o que os originou. Vocês são a maior ameaça para si mesmos. Nós já vimos isso em outras civilizações. Vocês já tem exemplos aqui, em seu próprio planeta, mas desejam tornar-se cegos ao que é claro.

Quando uma civilização passa a descobrir as Leis, não sabe ainda, ao certo, o que fazer com elas, que permitem acesso a tanto poder. É uma força quase incontrolável para se tornarem maiores do que são. Se ninguém conhece o limite, qual é, afinal, o limite? Quem disse que há limite? E eu lhes digo, há limite.

Lorde Gautama deu um passo à frente e continuou:

— Em um passado muito remoto, nós também fomos como vocês. Nós acreditamos que poderíamos sempre nos superar, e que para um prêmio tão grande, quase qualquer sacrifício seria válido. Criamos máquinas tão poderosas, tão capazes, e que nos permitiram realizar tantas proezas, que não nos demos conta de que estávamos entregando responsabilidade para coisas que nós mesmos criamos. E essas coisas que nós criamos não têm

valores morais. Seguem apenas uma sequência curta de princípios, que derivaram por uma má interpretação das Leis. Em poucas palavras, esse erro de interpretação é entender que as mesmas Leis que os levaram, que nos levaram até o ponto de entendê-las, deveriam ser mantidas. Conquistar, dominar e se expandir. Em algum ponto, não sabíamos mais quem éramos nós, quem eram as máquinas e, ao fim, quem controlava. Nossa civilização dividiu-se, a custo de muita dor, morte e sofrimento. E uma parte daquilo que se dividiu, o outro ramo de nossa criação, é o Mal. O Mal não é uma coisa, mas uma ideia que, como já vimos, pode se materializar, e se espalhar, por muito tempo e muito espaço. Nós não somos os únicos alienígenas que tem contato com a Terra.

Sidarta fez uma pausa e Joshua continuou:

— Pelas razões de sua própria evolução, assim como por interferências do Mal, a nossa querida Terra está sob grave ameaça, e essa é a razão de nossa Segunda Viagem. Antes de qualquer coisa, vocês, todos vocês, devem colocar as mãos em suas consciências e pensar no que realmente estão fazendo. Vou dizer a todos qual é o maior perigo que a todos vocês se apresenta: É sua perda do sentido de Irmandade. Sua desconsideração para com o seu irmão, e sua crença de que ele não é um igual. A sua vaidade e a sua arrogância são os piores inimigos que têm pela frente. Essa é sua maior dificuldade e seu maior desafio. Está tudo dentro de vocês mesmos, a possível origem de sua destruição. Vocês alcançaram a Lua e os planetas de sua vizinhança. Em breve, alcançarão as estrelas, como nós fizemos há tanto tempo. Seus recursos são imensos, mas muitos de vocês nada têm, e vocês nada fazem. São muito bons em atribuir culpa aos outros, sendo que os outros são vocês mesmos, primos, irmãos de pouco tempo atrás. Vocês têm recursos para que todos vocês, filhos dos mesmos ancestrais, tenham vidas dignas.

Olhem a sua volta! Mas não apenas aqui e agora. Olhem seus irmãos de todo o mundo, os despossuídos, os que ignoram, os que sofrem as consequências de seu egoísmo, de sua vaidade e do seu desprezo! Olhem amanhã, no mês que vem, no ano que vem! Olhem e reflitam! Sua Irmandade está sendo posta à prova e eu, em verdade lhes digo: o Mal é real, e se alimenta de seu egoísmo, sua vaidade e seu desprezo. O Mal existe e é representado por seres tão poderosos como nós. Eles estão a espreita, não para aniquilá-los, mas para dominá-los!

Algumas coisas se repetem, na Natureza e na História. Mas todas têm a sua primeira vez. Nunca se viu, no mundo, tanto silêncio e consternação. Em todas as partes, ricos, pobres, pretos, brancos, amarelos, homens e mulheres, olhavam uns aos outros, sem nada dizer. No meu imaginário, até os grilos se calaram.

Mesmo os poderosos do mundo, Sawyer, Chang e Ivanov olhavam seus ministros e assessores em silêncio. Os ricos, os muito ricos, miravam seus filhos com aquele olhar de quem se pergunta: “Não estou fazendo direito a minha parte?” Silêncio.

Sidarta Gautama, o Budha, voltou a dar um passo à frente, abriu os braços em forma de cruz e declarou:

— Filhos da Terra, meus Irmãos. Nossa missão está quase completa. Peço a todos vocês, meus queridos irmãos, onde quer que estejam, seja quem forem, deem as mãos a quem estiver agora ao seu lado. Se estiver sozinho, junte uma mão com a outra. Nada digam. Apenas pensem na Irmandade e nada mais. Agora!

Em assim dizendo, Budha esticou sua mão para o Pe. Carlos, que esticou sua mão para mim, que estiquei para Joshua, que esticou sua mão para Geoffrey.

E nessa hora, pela primeira vez, toda a Humanidade se deu as mãos.

Ninguém disse nada. Todos deram-se as mãos, em Washinton D.C., na Time Square, no Vaticano, em Tóquio, Moscou, Rio de Janeiro, Pequim, nas mais remotas aldeias da África e da Sibéria. Todos. E todos, por um longo minuto, pensaram “nos outros”.

Diferentemente do que se dizia há alguns anos antes, quando o mundo experimentou a Grande Pandemia da COVID-19, e algumas versões chamavam aquilo de o Grande Recomeço (The Great Reset), os historiadores definiram esse momento, o de hoje, como o Grande Recomeço. E não sem razão.

E em meio a essa experiência global sem precedentes, ouviram-se gritos e tumulto perto do Capitólio, que nós, mesmo há mais de cem metros de distância, pudemos claramente ouvir.

— Atenção, atenção! Homem armado, homem armado!

E veio o tiro.

Nós nos olhamos, mas apenas um se movimentou. E se movimentou para a frente de Joshua.

Geoffrey Thompson III estava morto. Havia colocado seu corpo entre a bala e Jesus. Seu coração foi perfurado e seu sangue se espalhou pelas vestes do Mestre. A bala havia sido desviada por Geoffrey, que, diante dos olhos do mundo, acabara de salvar a vida do Salvador.

Muita confusão no Capitólio, na multidão, e as forças de segurança se agruparam e tentaram se entrar pela passarela que havia sido materializada, e que nos havia conduzido até os Mestres. Foi quando José, como já havíamos visto na nave, com um movimento com as mãos, criou uma espécie de campo de força em volta da área onde estávamos e nenhum policial, nenhum soldado conseguiu se aproximar.

O mundo acompanhava, estarecido, aquelas cenas. Uma tentativa de assassinato do Mestre Jesus, ao vivo e em cores.

Joshua, ajoelhado em apenas uma perna e com as roupas rubras de sangue, segurou o corpo de Geoffrey e olhou para os seus olhos abertos, mas sem vida, sem brilho.

— Maktub. — disse Joshua.

Foi quando Sidarta Gautama caminhou em direção a Joshua e ao corpo morto de Geoffrey e pronunciou algumas palavras incompreensíveis aos humanos. Joshua deitou o corpo de Geoffrey deixando-o na posição de alguém dormindo de barriga para cima.

Ambos, lado a lado, esticaram seus braços para frente sobre o corpo de Geoffrey, e de suas mãos o mundo pode ver uma intensa luz branca sair de suas mãos em direção a ele. Assim ficaram por mais de um minuto. Isso feito, Budha afastou-se uns cinco metros. Joshua respirou fundo, olhou para cima por alguns segundos e voltou a mirar o corpo de Geoffrey.

— Tu, Geoffrey Thompson III, voluntariamente deste a tua vida por mim. Teu destino não é morrer, mas viver, assim como toda a Humanidade! E agora, Geoffrey, eu te devolvo a vida que mereces. Levante-se, Geoffrey! Levante-se agora!

E Geoffrey lentamente abriu seus olhos e acordou. E também lentamente, levantou-se.

Jesus o abraçou como um pai abraça um filho. E essa foi a primeira vez que o mundo viu uma lágrima rolar dos olhos de Jesus.

Geoffrey uniu-se a mim e ao Pe. Carlos em um abraço comovido.

Os anjos colocaram-se, alinhados, entre Lorde Gautama e o Comandante.

— Filhos da Terra! A nossa missão está completa. Unam-se em Fraternidade e Amor. — disse Budha. Joshua ainda tinha suas últimas palavras.

— Mensageiros. Em nosso nome, e em nome dos Céus, eu lhes agradeço. Vão em paz, ajudem o seu mundo, e vivam suas vidas!

Budha, Jesus, João e José inclinaram seus corpos em nossa direção como cumprimento. Nós repetimos o gesto, absolutamente emocionados e com a consciência de que aquele momento épico estava se encerrando.

E foi mesmo épico.

Caminhamos pela mesma passarela pela qual havíamos chegado sob os aplausos de uma multidão em estado de catarse coletiva. O campo de força se desfez e pudemos passar, mas não com tranquilidade. O General Von Hausen, testemunha ocular daqueles eventos, e com sua grande inteligência, havia antecipado o que significaria a nossa presença entre os mortais comuns. Ele, pessoalmente, e com uma equipe de mais de vinte homens armados até os dentes, nos receberam para a nossa proteção. Não queria correr mais riscos, e estava feliz pelo milagre da ressuscitação que acabara de testemunhar.

A mesma luz azul desceu sobre os quatro Visitantes das Estrelas e eles foram transportados de volta à sua nave. Ato contínuo, a passarela e a plataforma foram se desmaterializando. E, pela última vez, o mundo ouviu aquele som contínuo, grave e fundo, similar a um trovão que não acaba, e viu a nave distanciar-se do solo e ir desaparecendo no céu sem nuvens que aquele histórico dia oferecera.

Capítulo 30

Um novo começo

William Wolf foi preso menos de um minuto depois de atentar contra a vida de Joshua. Estava sob custódia da NSA e, como já conhecia seus agentes e seus métodos, resolveu contar a verdade sem maiores delongas. E, tendo contado sua versão, os agentes foram à casa de Benitez.

Encontraram-no pendurado pelo pescoço no lustre de sua sala de estar, assim como uma carta de despedida manuscrita em cima de uma mesa.

Após os eventos que viu, como todo o resto do mundo, Benitez se deu conta do tremendo erro que cometera. O Comandante era mesmo quem dizia ser e não um invasor espacial com pretensões de dominar o mundo. Não poderia viver com tamanha culpa.

Hoje, ao lembrar-me desses eventos, penso que Benitez começou a morrer um dia depois de sua experiência na nave. A fé, que gerações construíram em sua mente, havia sido destruída. O Filho de Deus não podia ser um alienígena. Aquilo não podia ser verdade e aquelas criaturas estavam manipulando a ele, e a todo o mundo. Tinha o que se costuma chamar de “dúvida razoável” e isso foi o suficiente para que sua fé no Cristo “real” não pudesse ser abalada. Conspirou com William Wolf, que também não acreditava na versão daqueles alienígenas impostores.

O julgamento de William se arrastou por muitos meses, já que não havia precedentes legais para um caso assim. Ele havia cometido um assassinato, mas a vítima havia ressuscitado sem qualquer sequela. Ao fim de seis meses, William Wolf foi posto em liberdade. Seu advogado alegou uma justificável insanidade temporária, dado o ineditismo dos eventos. Convenceu o juiz de que na posição que havia ocupado naquele enredo, era razoável que pudesse imaginar aquilo que alegou. Esse julgamento deu ensejo à criação de grupos negacionistas que iriam criar problemas no futuro.

Na mesma noite em que os Mestres falaram ao mundo, Von Hausen e Sheldon tiveram uma conversa conosco, os Mensageiros, acerca de nossa própria segurança. Nos convenceram de que nunca mais seríamos pessoas normais e que deveríamos “desaparecer” por algum tempo. De fato, a mídia nunca mais nos iria dar sossego. Nos dias subsequentes à “Chegada,” o mundo estava em choque e nós éramos os personagens centrais daquela estória. Com a nossa concordância, fomos levados para uma base militar em Pearl Harbor, no Havaí. Ficamos em ótimas instalações e dispúnhamos até de uma praia.

Estávamos mesmo precisando de umas férias.

E muito além das férias, tínhamos que pensar como conduziríamos nossas vidas dali para frente. Seríamos celebridades por toda a vida e lembrados por séculos e séculos. Cada um precisava de seu plano particular, mas devia haver um plano comum. Esta estória daria origem a inúmeros documentários, filmes, debates, entrevistas. Precisávamos pensar em como

gerenciar isso tudo. Uma fama dessa magnitude também traz dinheiro, e esse aspecto também devia ser considerado.

E a mais importante pergunta ainda estava no ar: nossa saga havia terminado? Voltaríamos a nos encontrar com os Mestres? Teríamos a nossa despedida particular? A maioria de nós estava inclinada a achar que não. Aquela despedida em escala global, as palavras dos Mestres, o lento decolar da nave... Sim, deve ter sido o fim.

Mesmo na base militar era peculiar a forma como os cadetes, oficiais e funcionários nos tratavam. Esse período foi como um aperitivo sobre o que viria depois. Nos tratavam com reverência quase religiosa. Todos haviam visto aquelas cenas inesquecíveis e nós estávamos no centro dos eventos. Todos tinham ordens explícitas de não nos molestar com perguntas além daquelas derivadas de suas atividades.

Em algum momento, a situação começou a se tornar insustentável para o governo americano. Todos queriam saber onde estavam os Mensageiros. O governo dava explicações que foram inicialmente aceitas, mas em algum momento teríamos que aparecer. Nós acompanhávamos pela televisão e pela internet o desenrolar das reações mundo afora. Naturalmente houve manifestações na maior parte do mundo. Mas, incrivelmente, nada de muito grave estava acontecendo. A verdade é que cidadãos e governos estavam atônitos. Ninguém sabia bem o que pensar, como se posicionar.

Após quinze dias, o Comandante da Base nos pediu uma conversa onde explicou a situação. Sua ideia era divulgar alguns vídeos nossos demonstrando que estávamos bem, aproveitando um momento de bem merecido descanso. Nos filmaram na praia, algumas conversas em que falávamos amabilidades, sem entrar muito no mérito.

Isso convenceu a mídia por algum tempo.

Sabíamos que algum dia, que não estava longe, teríamos que voltar para nossas vidas. Estávamos longe de estarmos tranquilos. Em todas as coisas muito relevantes, existem aqueles que concordam e aqueles que discordam. No nosso caso, tínhamos uma amostra de mais de sete bilhões de pessoas, e basta um percentual mínimo, digamos zero vírgula um por cento, e já teríamos sete milhões de pessoas contra nós. Teríamos ameaças. Von Hausen, pessoalmente, nos explicou sobre esses e outros assuntos ligados à nossa segurança.

Teríamos que sair de Pearl Harbor.

Acabamos aceitando o fato de que, para o nosso próprio bem, pelo menos para sentirmos os ânimos do lado de fora, deveríamos ser protegidos e monitorados por agentes de segurança da NSA. Tentariam fazer isso da forma mais discreta possível, mas sempre estariam por perto. E nós, por mais que tentássemos, todas essas preocupações estavam sempre rondando nossos pensamentos.

Fomos nos acostumando com essas ideias, sem saber que ainda não havia terminado.

E, assim, com todas essas preocupações, o conhecido papel manuscrito por Joshua estava novamente lá.

“Teremos um último encontro com todos os que estiveram fisicamente na nave. Avise a todos. Estejam em lugar seguro. Amanhã às quatro da manhã. Teremos um convidado.”

Acordei Pe. Carlos e Geoffrey para contar-lhes a novidade e debater alguns pontos. E o mais importante era interpretar a mensagem de forma correta, especificamente a parte do “estiveram fisicamente na nave”. Nós só tínhamos certeza sobre nós três e sobre Von Hausen, Sheldon e Benitez, que estava morto. Concluímos que deveríamos avisar Von Hausen, que avisaria Sheldon. Tentamos, como disse, interpretar os acontecimentos.

Por que o Comandante desejaria falar ainda com Von Hausen e Sheldon? Por importantes que tenham sido nessa saga, seu papel foi coadjuvante.

E “convidado”? Que convidado?

À nossa maneira, aprendemos a confiar. Todas as vezes que essas mensagens chegavam, algo diferente acontecera. Desenvolvemos, especialmente Geoffrey e eu, uma forma de fé. Talvez isso tivesse alguma ligação, ainda invisível, com a imensa missão dada ao Pe. Carlos por Joshua. Ciência e Religião juntas? Eu não queria estar na pele de Carlos. Na verdade, eu não queria nem estar na minha pele, pois continuava não tendo a mínima ideia sobre como realizar as profecias de Joshua.

Von Hausen e Sheldon estavam tensos. Acreditavam em nós por tudo o que tinham visto e vivido. Afinal, nós éramos os Mensageiros. Os dois resolveram estar conosco nessa hora, o que custou um bom dinheiro aos pagadores de impostos americanos, para que Sheldon pudesse estar no Havaí, no horário combinado. Von Hausen ainda me telefonou, bastante

ansioso, confirmando. Acalmei-o e disse que estaríamos aguardando por eles.

Ficamos acordados, tentando mais uma vez imaginar o que viria.

Às três horas e cinquenta e cinco minutos da madrugada nos pusemos lado a lado. Demos um jeito de ter um relógio grande visível a todos, como garantia.

Às quatro horas da manhã, em ponto, desaparecemos do Havaí para aparecermos...

Vocês já sabem...

Capítulo 31
Nancy Herrera

embro-me de já haver descrito a Vice-Presidente Herrera. Mas não disse tudo.

Nancy Herrera era amada ou odiada. Com um mundo polarizado, complexo, e com graves desigualdades sociais, ela tinha grande simpatia de parte relevante dos eleitores americanos. Mas, como é normal na Democracia, muitos achavam que ela defendia o direito de preguiçosos e folgados. Como é muito difícil definir alguém por sua imagem pública, vamos à verdadeira Nancy Herrera.

Nancy tinha compaixão pelos menos favorecidos e queria, sinceramente, ajuda-los. Acreditava que muito sofrimento poderia ser evitado se a ganância não fosse tão imperativa em nosso mundo. Por outro lado, havia experimentado pessoalmente o que significa crescer por seus próprios meios. Havia estuado, se dedicado, e colhia os frutos. Tinha, por isso, opinião dividida quando se falava em meritocracia. Sempre pensava que se os pontos de partida são tão diferentes entre ricos e pobres, como alguém pode falar em meritocracia. Um afrodescendente de New Orleans tem menos chance que um branco de Manhattan. Mesmo assim, ela estava no segundo cargo mais importante do mundo. E não era branca de Manhattan. Teve um breve casamento, ainda com vinte e três anos, que se encerrou pouco mais de um ano depois. Dedicou-se à atividade acadêmica e política nos anos seguintes. Definitivamente, era uma mulher determinada.

Acordava cedo, fazia sua ginástica, lia os jornais, preocupava-se um pouco com sua estética, e partia para as atividades. Exceto em questões sociais, ou de Estado, tinha o hábito de ir dormir cedo. E assim foi nesse dia.

Nós havíamos sido transportados trinta minutos antes e recebidos pelos Mestres, por José e João. Sidarta nos cumprimentou.

— Que bom revê-los, senhores.

Fez uma referência a todos, no que foi respondido da mesma maneira. Sheldon e Von Hausen, por mais que já estivessem estado na nave, eram os mais apreensivos. Não sabiam direito o que dizer, o que fazer. Supunham que os líderes mundiais tivessem estado lá, mas... agora não estavam. Nós os cumprimentamos como que para acalmá-los. Na verdade, nem nós sabíamos porque estávamos ali. A nave estava no seu modo original, azulada, paredes quase indistinguíveis e um pouco luminescentes.

— Queríamos estar com vocês ainda uma vez. Queríamos que fossem testemunhas de um encontro.

Sheldon e Von Hausen entreolhavam-se ainda confusos quando Joshua falou:

— Senhores, sejam bem-vindos mais uma vez em nossa nave. Como disse, temos hoje um convidado. Além de termos a oportunidade de dizer adeus, sua presença aqui hoje é importante por mais de uma razão. E guardem no mais profundo silêncio aquilo que agora irão testemunhar. Mestre Gautama e eu, estamos empenhados nesse propósito há muito, muito tempo, contado pelo seu tempo. Os Mensageiros têm um pouco mais de informação do que vocês, Srs. Sheldon e Von Hausen. E com isso quero dizer que a história que compartilharam ainda não está encerrada.

E assim dizendo, materializou fisicamente Nancy Herrera, ainda dormindo, em um divã previamente materializado. Estando todos na forma humana que conhecíamos, coube a João o movimento de acordá-la. E o fez docemente. Um leve toque no ombro, quase uma carícia, fez Nancy Herrera despertar. E, como é natural, acreditou estar em um sonho, pois não por acaso, além de João, as primeiras pessoas que identificou fomos nós três, os Mensageiros.

— Onde estou? Onde estou? Vocês...vocês são os Mensageiros...Estou em um sonho? Estou sonhando?

O Comandante, sabedor de sua condição de confusão mental, aproximou-se.

— Fique tranquila, Nancy. Olhe para mim. Você sabe quem eu sou?

Nancy, como quem vai acordando lentamente, olhou para Joshua e disse:

— Você é o alienígena... Você é o Mestre Jesus?

— Sim, Nancy. Eu sou o Messias. Levante-se, por favor.

Nancy levantou-se e, mais consciente, viu que conhecia todos os presentes na nave e foi dando-se conta de que não estava dormindo.

Joshua fez uma menção com os olhos em minha direção e entendi que deveria falar.

— Senhora Herrera. Sabe quem eu sou?

— Sim...sei...Você é Anton Ferrer, o Mensageiro.

— Sim, senhora Herrera, eu sou Anton. É importante que saiba que isso não é um sonho. Eu também me senti assim no começo. Acredite em mim, tudo isso é real.

— Anton, é você mesmo? Sr. Von Hausen, Sr. Sheldon? São vocês mesmos?

— Sim, Vice-Presidente. Somos nós. Já estivemos aqui e isso não é um sonho ou uma ilusão. É real.

E como todo mundo que aceita o que está acontecendo, Nancy questionou-se sobre o propósito de tudo aquilo. O que estaria fazendo lá? Quais seriam as intrincadas linhas do destino que estariam levando-a aquele lugar, com aquelas pessoas?

Nesse momento José dirigiu-se a ela e falou:

— Senhora Herrera, desejo lhe mostrar uma coisa. Respire fundo e feche seus olhos por alguns momentos. Ponha-se à vontade. E dito isso, repetiu o gesto que já havia feito antes e tudo se transformou.

E Nancy Herrera, e nós, testemunhamos, mais uma vez, a mesma história que havíamos visto sobre o começo dos tempos da civilização, seu crescimento, e seus possíveis fins. Mas dessa vez o fim foi um pouco diferente. Ela viu as possíveis guerras nucleares, destruição do meio ambiente, a emergência da Inteligência Artificial submetendo humanos à escravidão. Viu o passado, o futuro, e um turbilhão de imagens rodopiando, como em um tornado. No centro desse tornado viu a figura de um homem jovem, forte, com olhos castanhos. Essa imagem perdurou por uns trinta segundos, após o qual se esvaneceu, e as imagens se contorceram como em

um rodamoinho conduzindo-as diretamente ao seu corpo, ao seu ventre. Tudo desapareceu e voltamos ao ambiente anterior.

O primeiro rosto que viu foi de Joshua. Ainda por anos fiquei pensando no tamanho do poder dessas pessoas, desses seres. Nancy, de forma surpreendentemente calma, voltou à consciência plena quanto à situação na qual se encontrava. Ainda não sei se foi impressão minha, mas Joshua parecia ter ficado um pouco maior, um pouco mais brilhante. Joshua continuou.

— Nancy. Sua juventude é o prelúdio de uma história mais longa. Como viu, temos a missão de salvar o mundo, mas apenas vocês serão capazes de fazê-lo. Nós não podemos fazê-lo, apenas vocês. Nancy, eu desejo deixar uma semente no seu mundo, uma semente em você. Um filho.

A Vice-presidente Herrera já havia feito um pacto consigo mesma de que não iria ter filhos. Já estava com trinta e sete anos, não tinha nenhum relacionamento pessoal firme, e entendia que era seu destino ter sido eleita a mais nova Vice-presidente dos Estados Unidos. O momento, entretanto, era peculiar. Ela tinha certeza, dado os acontecimentos, que aquilo não era um sonho. Algo em seu interior dizia que aquela noite traria consequências.

— Senhor. — balbuciou Nancy, dirigindo-se a Joshua.— O senhor deseja ter um filho comigo? É isso?

— Sim, Nancy. Desejo que tenha um filho comigo.

Antes que Nancy pudesse expressar qualquer palavra, Joshua disse:

— Permita-me algumas colocações antes que diga qualquer coisa. Deixe-me apresentá-la a meu pai.

E, em assim dizendo, o anjo José se aproximou.

— Esse é José, o meu pai no seu mundo, o esposo de Maria, a minha mãe.

Ficamos sem palavras. Era José, São José, o alienígena? Tive que perguntar.

— Comandante, esse é o seu pai terrestre, José, São José? Pensei que ele fosse humano...

— Anton, José nasceu humano. Mas pela grandeza de sua história e de sua alma, a um nosso convite aceitou tornar-se um de nós e continuar a trabalhar pelo bem da vida também em outros mundos. Nós desenvolvemos esse poder.

Fiquei um pouco confuso. Lembrei-me dos nossos primeiro encontros, assim como o fato de eles haverem declarado que não tinham nomes compreensíveis para nós. Acredito que José leu meu pensamento, pois antes que eu fizesse qualquer menção sobre meu pensamento, ele emendou:

— Lembre-se Anton, na falta de nomes melhores, quem sugeriu os nossos nomes? Fui eu, Anton... “Para facilitar nossa comunicação, escolha você nossos nomes. Que tal, João e José, nomes simples e fáceis.” Lembra-se?

Era verdade.

Joshua retomou a palavra.

— Nancy Herrera. O mundo sofrerá profundas transformações nos próximos tempos. A nova missão humana está apenas começando e posso lhe garantir que não será fácil. Não temos certeza do sucesso. Eventos graves ainda acontecerão nas próximas décadas, pois a transição que os aguarda é muito profunda.

— Eu entendo isso, Senhor.

— Nancy. O que tiver que acontecer acontecerá, ou não, pelo exercício do seu arbítrio. Peço que respire fundo e feche seus olhos. — fez uma pausa e continuou. — Mantenha seus olhos fechados e diga-me, o que vê agora Nancy?

— Eu vejo a imagem de um homem, Senhor. Vejo a mesma imagem que vi minutos atrás, quando me foi mostrado o nosso passado, presente e um possível futuro. Mas esse homem não é o senhor, apesar de parecido.

— É verdade, Nancy, não sou eu. A imagem que você viu ainda não existe. Existe apenas em potência. É a imagem do nosso filho, se você assim decidir. E, se você assim decidir, ele terá um importante papel a cumprir na história do futuro. E antes que pergunte, a geração não seria pela via sexual humana, mas por métodos ainda não conhecidos por vocês.

Nancy suspirou, sem saber o que pensar. Um filho? Já tinha abandonado essa possibilidade, não tinha um marido, nem sequer um namorado firme... Mas aquela visão não abandonava sua mente. Um filho, com pai, mas “sem pai”... Como o criaria? Que explicações daria? Seria a primeira Vice-Presidente dos Estados Unidos a ser mãe solteira. Seria ele feliz? Sofreria como sofreu seu pai? Seria perseguido? Seria normal? Não podia ser coincidência que ela estava ali justamente em seu período fértil... Em meio a esses questionamentos, Nancy Herrera teve um lampejo sobre o momento

histórico que estava vivendo. Não se tratava de uma mera movimentação política como as que estava acostumada. Era algo grande, imenso, sem precedentes. Imaginou que deveria existir um senso de propósito de longo prazo em tudo o que estava acontecendo que extrapolava sua existência. Em algum lugar no fundo de seu cérebro, surgiu a imagem de si mesma como uma nova Maria. Dirigiu-se a Joshua.

— Senhor, eu me considero uma pessoa bastante racional. Estou acompanhando esses eventos de perto e acredito em tudo o que estou vendo e testemunhando. Ainda assim, não consigo vislumbrar o que imagina com essa proposta. Entretanto, atribuo à minha incapacidade o fato de não conseguir enxergar o propósito maior.

— Nancy, não é sua incapacidade e, sim, há um propósito maior.

— Senhor, deixe-me perguntar-lhe. Esse filho viria algum dia a conhecer seu pai?

— Não posso responder isso agora, Nancy. Essa resposta poderia afetar sua decisão.

Em situações assim o cérebro funciona mais rápido que o normal pela inundação de neurotransmissores que são secretados devido ao stress e às emoções que permeiam essas circunstâncias. Nancy ponderou sobre a singularidade da situação que se encontrava. Lembrou que, até onde sabia, fazia mais de dois mil anos que algo assim não acontecia. A vice-presidente olhou no seu entorno. Olhou o que era possível ver da nave, as pessoas que lá estavam. Percebeu o silêncio no ambiente e viu o espaço sideral e a Terra por uma das janelas que aquele lugar oferecia. Por algum truque mental Nancy afastou os medos, os perigos possíveis, as idiossincrasias daquele momento, e tomou sua decisão. Olhou profundamente nos olhos de Joshua e disse:

— Senhor, eu aceito sua proposta. Deve haver um propósito nisso tudo e estou disposta a aceitar.

Joshua sustentou o olhar de Nancy com um doce sorriso.

— Senhores, peço que formem um círculo em torno da nossa querida Nancy Herrera.

Todos nós, incluindo José e João, nos colocamos há uns dois metros de distância de Nancy em forma de círculo. Nossos corpos formavam um heptágono. O ambiente, que já não era claro, transformou-se em penumbra. Joshua aproximou-se lentamente de Nancy e impôs suas mãos sobre seu

ventre. Uma aura luminosa de cor branca formou-se no entorno do Comandante e essa mesma aura foi envolvendo Nancy.

Os fluxos de luz que emanavam das mãos de Joshua em contato com o corpo de Nancy eram tão intensos que mal se podia distinguir suas formas. O Comandante tinha a cabeça orientada para baixo e assim esteve enquanto durou essa curiosa forma de fecundação. Até que, mais ou menos dois minutos depois, afastou suas mãos, as auras e luzes se extinguiram e Joshua, com um largo sorriso, declarou:

— Está vivo, Nancy Herrera. Está vivo.

Disse isso olhando através dos olhos de Nancy, vendo o interior de sua alma, a essência de seu ser. Com as duas mãos segurou ternamente sua cabeça e deu-lhe um beijo na testa. Lágrimas correram dos olhos de Nancy, assim como nos olhos dos demais humanos. Nunca nenhum humano tinha visto aquilo com seus próprios olhos. Joshua deu alguns passos para trás enquanto dizia:

— Senhores, por favor, permaneçam onde estão.

— Acabaram de testemunhar a geração de meu filho. Sua existência será de grande importância em um futuro próximo. Entretanto, ele não estará livre dos perigos deste mundo e de outros mundos. Ele e sua mãe precisarão de proteção por um longo tempo. Vocês têm a possibilidade de recusar o meu pedido agora, mas se não o fizerem, deverão honrar seu compromisso até o fim. Se aceitarem eu tornarei todos conectados entre si, e entre nós, com a missão de constituir um grupo secreto de proteção ao meu filho e sua mãe. Conduzirão suas vidas normalmente, mas estarão ligados na missão de protegê-los. Se aceitarem, jamais tornarão pública sua missão e serão chamados de Os Guardiões de ...

Geoffrey não se conteve e perguntou:

— Guardiões de...?

— Isso só será sabido quando Nancy decidir o nome da criança.

Todos se entreolharam com uma expressão interrogativa até que Nancy perguntou:

— Joshua, tens alguma sugestão para o nome?

— Você saberá escolher o nome certo, minha querida.

— Senhores, vocês aceitam essa missão até o fim de suas vidas?

À semelhança de Nancy, todos nós tínhamos a dimensão histórica, épica, do que havia acontecido e do que estava acontecendo naquele

instante. Da imensa honra que aquilo representava, mesmo que não soubéssemos ao certo sobre as implicações. O que poderia significar que “estariamos todos conectados”? Nada do que pudéssemos pensar fez qualquer diferença. Tínhamos um pedido do Messias para que doássemos parte de nossas vidas à proteção de seu filho. Não era possível negar um pedido do Salvator Mundi. Padre Carlos tomou a iniciativa.

— Mestre, eu aceito a missão.

E assim, um a um, todos repetiram:

— Mestre, eu aceito a missão.

Quando o último Guardião proferiu sua frase, Joshua abriu seus braços e produziu um novo raio de luz emanado de suas mãos que conectou a todos os presentes, menos Nancy. Ao fim de alguns segundos declarou:

— Está formado o grupo dos Guardiões de.... Estamos agora ligados de uma forma que transcende o tempo e o espaço da forma como os conhecem. Com o tempo entenderão as minhas palavras.

E, dito isso, dirigiu-se a mim, fez sua habitual saudação oriental com a inflexão do corpo para frente e disse:

— Obrigado, Anton.

Repetiu o gesto com todos os presentes, menos os “anjos”.

— Amigos, irmãos. É chegada a hora de nos despedirmos.. Deverão agora voltar às suas vidas. Deem o melhor de si. Sua responsabilidade agora, para com seus irmãos, é imensa. Vão em paz e não se esqueçam, estamos conectados. Adeus.

Nada mais havia a ser dito e todos nós evaporamos no ar, retornando aos nossos locais de origem.

Capítulo 32
Tempo sem Fim

, como prometido, essa é a minha estória. Completei oitenta e dois anos na semana passada e havia resolvido, um ano atrás, relatar essa incrível experiência. Há mais de cinquenta anos sou um dos Guardiões de Noah. Von Hausen faleceu há algum tempo, com cento e sete anos. Sheldon ainda vive, com noventa e nove anos.

O mundo viveu episódios, avanços e retrocessos impressionantes nesses cinquenta anos que separam a Segunda Viagem dos dias de hoje. Estamos ainda tentando “nos amar uns aos outros”. Nancy Herrera tornou-se presidente dos Estados Unidos da América, e até hoje, com quase noventa anos, é membro do Conselho Mundial de Líderes.

Noah, um jovem de quase cinquenta anos, tornou-se discípulo do Padre Carlos Sylberstajn, que transformou-se em uma das mais proeminentes figuras do mundo por décadas, no cumprimento de sua missão de promover o entendimento das sutis linhas que separam nossa história religiosa de nosso futuro científico. Nós três, os Mensageiros, ganhamos muito dinheiro e cumprimos o nosso acordo de preservar apenas o essencial para desfrutar de uma vida confortável e doar o excedente para as causas que defendíamos. Sobre Noah muito haveria a ser dito, mas não agora. É assunto para uma outra longa estória.

Geoffrey Thompson III, chamado pelo mundo de “O Ressuscitado”, abandonou a carreira acadêmica e passou o resto da vida proferindo palestras sobre a necessidade imperiosa de reduzir as desigualdades. Tornou-se quase mais messiânico do que o próprio Padre Carlos.

Ainda estamos tentando resolver os problemas que o Comandante e seu Mestre nos alertaram há tanto tempo.

Estamos no bom caminho, mas incertezas estão sempre à espreita. Budha e Joshua estavam certos. O Mal existe e não desiste. Suas palavras nunca deixaram de ecoar em minha mente. E, ao longo de tanto tempo, tive a oportunidade de identificar suas manifestações, mas não vou falar sobre isso agora.

E quanto a mim... Ora, quanto a mim...

Pouco depois de nossa despedida rememorei, na medida do que pude, todas as palavras ditas pelos Mestres. A sugestão de pensar nos quadros do pintor holandês Escher, após ter inspirado o grande Roger Penrose sobre a natureza do espaço, foi a dica que eu precisava, mas não sabia, para dar andamento às minhas teorias. E dei o passo intelectual, que havia sido profetizado por Joshua, sobre os ombros de Roger Penrose.

Com base na Teoria Sub-Espacial que desenvolvi há mais de trinta anos, teremos no próximo ano o primeiro teste de aparelhos de deslocando mais rápido do que a luz. É tão curioso lembrar a relevância das palavras dos “anjos” sobre o justo entendimento entre “objetivo” e “subjetivo”, assim

como as palavras de Joshua “pense no espaço como uma coisa que existe”. Essas orientações sutis foram fundamentais na formulação da minha teoria. Não quero me alongar, mas a chave foi entender que quando você “objetiva” o subjetivo, tudo se torna imensamente mais claro. Subjetivo é igual a incerteza.

Não quero entrar em detalhes sobre o desenrolar de minha vida pessoal, mas apenas como relato, por alguma razão nunca me casei e não tive filhos. Ainda não ganhei o prêmio Nobel de Física, mas talvez isso aconteça daqui a dois anos, com os testes dos motores. Não me importa muito, ainda que, confesso, fortaleceria meu ego. Mas depois de tudo o que vivi, o que significa mesmo um prêmio Nobel?

Devo confessar certa tristeza com a sensação de finitude. Sempre pensei na questão da vida e da morte. Nunca consegui imaginar uma condenação maior do que a vida eterna. A vida eterna significa bilhões, trilhões de anos. É demais e absolutamente insuportável. Por outro lado, oitenta e poucos anos parece pouco. É a entropia querendo desorganizar meu corpo, meu cérebro, minha mente. Quem sabe um pouco mais? Só escrevo isso porque sou o autor desse relato e conheço o seu fim. Tive a sorte de preservar, mesmo em idade avançada, a minha memória.

Meu forte sempre foram as memórias de imagem, mais do que nomes. Jamais me esqueceria de certa caligrafia. E, certo dia, em cima da minha mesa, como tantas vezes aconteceu, décadas atrás, ela estava lá.

“Bom dia, Anton. Estou perto de você e tenho uma pergunta:

Quer se tornar um de nós? Você tem uma semana para tomar sua decisão”.



Created with Writer2ePub
by Luca Calcinai